



# Wolfgang Amadeus Mozart.

## Jogo e Milagre da vida

### Leia nesta edição

### Tema de capa

Editorial **pg. 2**

### Entrevistas

**Yara Caznok:** Mozart, um compositor e suas contradições **pg. 6**

**Luís Paulo Horta:** “Um fenômeno como Mozart não tem explicação, é um milagre” **pg. 12**

**Décio Andriotti:** Mozart: o apogeu da história da ópera? **pg. 17**

**Lutero Rodrigues:** Uma das máximas aquisições musicais da criação humana **pg. 25**

“Mozart foi um anjo” – **Karl Barth** fala de Mozart **pg. 29**

**Martin Dreher:** A alegria como tema dominante em Mozart **pg. 32**

Para ouvir Mozart hoje **pg. 35**

**Gernot Gruber:** “Em cem anos, ainda se terá prazer em escutá-lo” **pg. 35**

### Brasil em Foco

**João Sicsú:** A opção de Lula: dar adeus ao desenvolvimento **pg. 37**

## **Destaques da semana**

### **Entrevistas da Semana:**

**Slavoj Zizek:** “Se um fármaco pode tornar-me mais valente, mais lúcido e mais generoso, como fica a ética?” **pg. 43**

**Reyes Mate:** Um filósofo que pensa de novo **pg. 50**

### **Artigo da Semana:**

**Jean Baudrillard:** Todos dentro da Disneylândia **pg. 54**

### **Teologia Pública:**

**Harald Malschitzky:** Dietrich Bonhoeffer: o teólogo que viveu o ecumenismo **pg. 58**

### **Deu nos jornais:**

**pg. 62**

### **Frases da semana:**

**pg. 64**

## **IHU em revista**

**Eventos pg. 67**

**IHU Repórter pg. 70**

**Sala de Leitura pg. 73**

**Carta do Leitor pg. 74**

## **Editorial**

O jogo e o milagre da vida é como descrevemos a genialidade da obra deste enigma que foi batizado, em 1756, como Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart, ou mais simplesmente, Wolfgang Amadeus Mozart, cujo 250º aniversário de nascimento se comemora este ano.

Será que ele não foi um anjo? – pergunta, extasiado, Karl Barth, um dos grandes teólogos do século XX, procurando entender a incomparabilidade deste homem.

A Profa. Dra. Yara Caznok, da UNESP, que coordenará, neste sábado, dia 8, a audição comentada da Missa em Dó Menor de W. A. Mozart, em longa entrevista, contribui para a compreensão do enigma que é este gênio universal da música, juntamente com Luiz Paulo Horta e Lutero Rodrigues, ambos da Academia Brasileira de Música, Décio Andriotti, especialista em Mozart, e o Prof. Dr. Martin Dreher, da Unisinos.

As “notícias diárias” publicadas diariamente pela página web do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) divulgarão entrevistas e depoimentos sobre Mozart durante esta semana.

A demissão de Antonio Palocci e a nomeação de Guido Mantega como Ministro da Fazenda suscita muitas perguntas sobre a possível mudança da política econômica num possível segundo mandato de Lula. João Sicsú, economista, professor na Universidade Federal Fluminense – UFF – em entrevista publicada nesta edição é contundente: “A possibilidade de mudança num segundo mandato de Lula, ou num primeiro mandato do Alckmin, é basicamente nula”.

“Se um fármaco pode tornar-me mais valente, mais lúcido e mais generoso, como fica a ética?”, pergunta Slavoj Zizek, em entrevista concedida ao jornal espanhol *El País* e que publicamos como “entrevista da semana” desta edição.

O centenário do nascimento de Dietrich Bonhoeffer nos propicia uma entrevista com o pastor Harald Malschitzky, pastor da Igreja de Confissão Luterana do Brasil.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Em comemoração aos 250 anos do nascimento de Mozart, dedicamos a série de entrevistas a seguir e contextualizamos brevemente sua vida e obras na biografia retirada do sítio: <http://members.tripod.com/~netopedia/artes/mozart.htm>

## Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Compositor austríaco, nascido em Salsburgo (Áustria), em 1756, Johannes Chrisostomus Wolfgang Theophilus Mozart; como foi batizado, posteriormente trocou o prenome Theophilus para Amadeus (amor a Deus), representa, com Haydn, o ponto culminante da música no século XVIII, com Bach e Beethoven, a mais pura expressão do gênio musical.

Exemplo notável de precocidade criativa, aos três anos de idade recebia lições de piano, ministradas pelo pai; aos quatro, fez sua primeira composição; aos sete, tocava órgão, cravo e violino. Apresentou-se ao público pela primeira vez aos seis anos, na universidade de Salzburgo.

Mozart escreveu mais de 600 composições. Entre suas óperas, merecem

referência *A Flauta Mágica, Miltríades, La Finta Giardiniera, Zaída*, inacabada, *Idomeneu, o Rapto do Serralho, As Bodas de Fígaro, Don Giovanni, Così Fan Tutte, A Clemência do Tito*. A música religiosa guarda bem as preciosidades das 15 missas, *Te Deum*, nove *Ofertórios, De Profundis*, cantatas, sete sonatas para órgão e o inimitável Réquiem.

Compôs a Missa de Réquiem minado pela tuberculose e em circunstâncias misteriosas: a visita de um misterioso personagem, que mais tarde foi identificado como o mordomo do Conde Walsegg, que o incumbiu de compor uma missa de Réquiem. Já muito doente, trabalhava nesta missa, quando sofreu um ataque de paralisia, vindo a morrer no dia seguinte, sem ter terminado o Réquiem.

Morreu em Viena, em 1791, na mais extrema miséria e foi enterrado em vala comum. Referem seus biógrafos: "O seu enterro estava sendo acompanhado por poucos amigos, quando caiu violenta tempestade que os dispersou pouco antes de seu caixão ser enterrado na vala comum, do cemitério de S. Marx."

Apesar de sua vida curta e da carreira malsucedida, encontra-se entre os grandes gênios da música. Sua imensa produção (mais de 600 obras) mostra uma pessoa que, desde criança, dominava a técnica da composição, além de possuir

uma imaginação transbordante. Suas obras instrumentais incluem sinfonias, divertimentos, sonatas, música de câmara para diferentes combinações de instrumentos e concertos. Suas obras vocais são, basicamente, óperas e música religiosa (missas, oratórios). Sua obra combina as doces melodias do estilo italiano com a forma e o contraponto germânicos.

Mozart sintetiza o classicismo do século XVII, simples, claro e equilibrado, mas sem fugir da intensidade emocional. Estas qualidades estão patentes em todos os seus concertos, com os contrastes dramáticos entre o instrumento solista e a orquestra, e nas óperas, com as reações de suas personagens diante de diferentes situações. Sua produção lírica coloca à mostra uma nova unidade entre a parte vocal e a instrumental, com uma delicada caracterização e o uso do estilo sinfônico próprio dos grandes grupos instrumentais.

Para celebrar os 250 anos de nascimento de W. A. Mozart, a Unisinos promove no dia 8 de abril, no próximo sábado, a audição comentada da Grande Missa em dó menor, K. 427. O evento, uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – será coordenado pela Profa. Dra. Yara Caznok – UNESP – e se realizará na sala IG119, com início às 8h30min e término às 12h.

# Para entender Mozart

Livros - Confira abaixo uma relação de livros sobre o compositor austríaco.

## ● Mozart - Um compêndio

**Guia completo da música e da vida de Wolfgang Amadeus Mozart**

H.C. Robbins Landon – organizador

Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama

Consultoria: Luiz Paulo Sampaio

Editora: Jorge Zahar Editor - Rio de Janeiro, 1996.

Copyright © 1996 da edição em língua portuguesa.

## ● 1791 - O último ano de Mozart

H.C. Robbins Landon

Tradução: Newton Goldman

Revisão da tradução: Laura Rónai

Editora: Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1990.

Copyright © 1990 da edição em língua portuguesa no Brasil

## ● Mozart, a sociologia de um gênio

Norbert Elias

Editora: Jorge Zahar Editor - Rio de Janeiro, 1996.

## ● Biblioteca Musical - Vida de Mozart

Henri de Curzon

Tradução: Edite Margarino Tôrres

Editora: Antena Editora - São Paulo, agosto de 1959.

## ● Música, Maestro! Os grandes gênios da música clássica – Mozart

Editora: Editora Três

Publicado pelo Grupo de Comunicação Três S.A.

Todos os direitos reservados para o editor.

Sites – Acesse os links abaixo para obter maiores informações sobre Mozart.

<http://mozart.infonet.com.br/>

<http://www.mozart2006.net/> (em alemão, inglês, italiano, francês, espanhol e chinês)

<http://www.amadeusimmortal.com> (em inglês)

# Mozart, um compositor e suas contradições

Entrevista com Yara Caznok



Um outsider, como adjetivou Norbert Elias em **Mozart. A sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. Assim era Mozart, um artista que viveu de sua arte quando isso ainda era uma raridade. Analisando essa obra, a Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Yara Caznok afirma que um de seus aspectos mais

importantes “talvez seja a análise das contradições que marcaram a vida de Mozart: um músico de excepcional talento e valor que não passava de uma curiosidade exótica, de um entretenimento divertido para a aristocracia e para a sociedade burguesa”.

A respeito da genialidade de Mozart, Caznok enfatiza que é preciso compreendê-la pelos esforços musicais e afetivos realizados por seu pai. Novamente citando Elias, ela diz que, se tivesse vivido no século XIX, Mozart teria outra recepção, “acolhido e louvado como o modelo do artista romântico”. As declarações foram feitas em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, na qual adianta também aspectos sobre as três atividades que conduz esta semana no IHU dentro do evento **Páscoa 2006. Cultura, arte e esperança**. Trata-se de audições comentadas de Bach e Mozart. Anote e participe:

- 6 de abril – A páscoa musical de J. S. Bach: audição comentada do Oratório de Páscoa BWV 249, das 17h30min às 19h
- 7 de abril – Paixão de Cristo segundo São João BWV 245, de Johann Sebastian Bach - das 8h30min às 12h
- 8 de abril – Missa em Dó Menor, de Wolfgang Amadeus Mozart, das 8h30min às 12h

Caznok é docente na UNESP, onde leciona Harmonia e Análise no Instituto de Arte. É doutora em Psicologia Social pela USP e mestre em Psicologia da Educação pela PUCSP. É autora do livro *Música: entre o audível eo visível*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

Em abril de 2004, apresentou dois eventos promovidos pelo IHU. Foram o **IHU Idéias**, com o tema **Paixão: desde a Idade Média até o século XX** e as audições comentadas de trechos da obra **Paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus**, de Johann Sebastian Bach. Sobre esses eventos, Yara concedeu entrevista ao *IHU On-Line* n.º 94, de 29 de março de 2004, em que comenta a importância da obra de Bach, tema que pautou um artigo escrito por ela, publicado na 92.ª edição do *IHU On-Line*, de 15 de março de 2004.

No ano passado, também estive na frente de diversas atividades no IHU: **A Páscoa Musical de Bach – Cantata BWV 4, Christ lag in Todes Banden. Uma análise auditiva**, abordada no **IHU Idéias** de 17 de março daquele ano. A outra atividade foi a **Missa em si menor, de Johann Sebastian Bach – Uma celebração perceptiva**, no dia 18 de março de 2005. Sobre o tema concedeu entrevistas à *IHU On-Line* n.º 132, de 14 de março de 2005.

### ***IHU On-Line* - Como podemos entender Mozart dentro das circunstâncias históricas nas quais nasceu em 27 de janeiro de 1756?**

**Yara Caznok** - É importante lembrar que, na segunda metade do século XVIII, a posição social do músico estava sofrendo transformações, e o perfil de artista autônomo, tal como conhecemos hoje – alguém que cria conforme sua vontade pessoal – ainda não tinha espaço para a sobrevivência. Pensemos nos três compositores da chamada 1.ª Escola de Viena: Haydn (1732-1809), Mozart (1756-1791) e Beethoven (1770-1827). Embora poucas décadas os separassem, cada um deles teve uma existência social diferente. Haydn foi músico empregado da família Esterházy durante toda a sua vida e, embora a imposição do gosto de seus patrões o incomodasse, manteve-se em

sua posição de subordinado até à aposentadoria.

Mozart, por sua vez, não se sujeitou à mediocridade de sua pequena cidade natal – Salzburgo – e à de seu patrão, e procurou viver às custas de suas obras: concertos por assinatura, encomendas de obras e produção das próprias óperas. Foi para Viena em busca de novos ouvintes, mais esclarecidos, esperando encontrar retorno financeiro e artístico suficientes para sua sobrevivência física e criativa. Infelizmente, não foi o que aconteceu.

Beethoven foi, talvez, o primeiro músico bem sucedido no caminho da autonomia artística. No curto período que separa esses dois compositores, o fazer musical se libertou da exclusividade dos palácios e das igrejas e cresceu em seu negócio: toda uma estrutura de empresários, teatros, editores e público pagante possibilitou a compositores como

Beethoven “negociarem” suas obras conforme lhes conviesse. O risco de ousar, de inventar e de propor novidades ao público passou a ser uma **questão musical**, cujo grau de ousadia passou a ser decidido unicamente pelo compositor. Infelizmente, Mozart não teve essa possibilidade em seu horizonte artístico. Seu insucesso financeiro e sua tragédia pessoal foram frutos daquele momento histórico de transição e sua imensa força criativa não encontrou, em vida, ouvintes à altura.

**IHU On-Line - E a genialidade do compositor, como pode ser explicada?**

**Yara Caznok** - A genialidade precisa ser entendida como uma conjunção de fatores que se complementam. De um lado, há uma pessoa com uma predisposição inata, uma familiaridade e uma maturidade precoce para determinado modo de pensar, um jeito especial de ver e perceber o mundo e de combinar as informações recebidas. Do outro, deve haver um meio – familiar, escolar ou social mais amplo – que perceba e reconheça como importantes essas qualidades e que se disponha a fazê-las crescer e expandir. Para um talento se desenvolver, é preciso que ele tenha seu direito de existência garantido, que seja valorizado e estimulado. Essa foi a condição de Bach e a de Mozart. Suas famílias pertenciam à tradição daquelas que cultivavam a música como um patrimônio, como uma verdadeira herança a ser passada de geração para geração. Leopold Mozart, pai de Wolfgang, não foi somente um músico competente e atuante, mas um verdadeiro pedagogo que encontrou, em seu filho, um talento ávido pelo melhor que ele podia oferecer: uma vida musical intensa e da melhor qualidade possível. Analisar a genialidade de Mozart sem relacioná-la aos esforços – musicais e afetivos – de seu pai não é possível. Uma outra

reflexão relevante a respeito do “gênio”, realçada por Norbert Elias<sup>1</sup> em seu livro *Mozart, Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, é como sociedades, mentalidades e períodos históricos diferentes lidam com o “gênio” de formas distintas: se Mozart tivesse vivido no século XIX, por exemplo, teria sido totalmente acolhido e louvado como o modelo do artista romântico...

**IHU On-Line - Poderia comentar outros aspectos interessantes do livro de Norbert Elias, sobre Mozart?**

**Yara Caznok** - Um dos aspectos mais importantes do livro talvez seja a análise das contradições que marcaram a vida de Mozart: um músico de excepcional talento e valor que não passava de uma curiosidade exótica, de um entretenimento divertido para a aristocracia e para a sociedade burguesa. Desprezava essas instâncias e, ao mesmo tempo, solicitava sua atenção e condescendência. Desejava ter reconhecidos o valor e a qualidade de seu trabalho por pessoas que, conscientemente, sabia que jamais poderiam alcançá-lo. Tornou-se um ser em constante busca de uma resposta para o significado de sua existência, um *outsider*, como Elias fala. Um outro ponto muito interessante trazido pelo livro é a interpretação que hoje a sociedade tem

---

<sup>1</sup> **Norbert Elias** (1897-1990): sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passará grande parte de sua carreira. Em 1954, começou como professor na Universidade de Leicester. Suas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Devido a circunstâncias históricas, Elias permaneceu durante um longo período como um autor marginal, tendo sido redescoberto por uma nova geração de teóricos nos anos 1970, quando se tornou um dos mais influentes sociólogos de todos os tempos. A obra mais importante de Elias foram os dois volumes de *O processo civilizatório (Über den Prozess der Zivilisation)*. (Nota da IHU On-Line)



da “pessoa Mozart”. Como aceitar que o criador de uma música considerada “pura”, “equilibrada”, “sublime”, “angelical”, “alegre”, até “calmante” e “pacificadora” poderia ter sido debochado, infantil, compulsivo sexualmente, desequilibrado emocional e financeiramente, enfim, um antiexemplo de “civilização”? Como explicar que alguém que adora escrever cartas com vocabulário chulo possa explorar com maestria conteúdos espirituais contidos nos textos sacros? Elias não dissocia a “pessoa” do “criador”, como fazem, confortavelmente, alguns biógrafos temerosos que a vida pessoal de Mozart “macule” sua obra. Ao contrário, ele nos mostra como a intensa luta entre conteúdos tão conflitantes, necessidades e aspirações tão “incoerentemente” fundidas em uma mesma alma é, antes de tudo *a* condição humana, a possibilidade de existir como homem em sua completude e complexidade, e que talvez seja essa a razão do vigor, da beleza e da verdade da obra de Mozart.

***IHU On-Line - Embora tenha composto obras-primas em todos os gêneros musicais existentes, Mozart parecia manifestar o melhor do seu gênio naquelas situações em que um solista tem que se defrontar com uma orquestra, como nas árias de ópera e nos concertos. Seria isto uma metáfora da contraposição indivíduo/sociedade, ou do gênio que se destaca dos seus contemporâneos?***

**Yara Caznok** - O do papel do solista – vocal ou instrumental – veio sendo paulatinamente desenvolvido desde o período barroco e chegou às mãos de Mozart já com uma tradição de virtuosismo e desenvoltura. A música instrumental já havia provado ser capaz de sustentar um discurso “estritamente sonoro” – sem o suporte do texto – e a idéia de trabalhar a voz humana como

música pura, como um instrumento, já era aceita. A metáfora do indivíduo que se contrapõe a uma multidão é pertinente, mas pensemos que esse indivíduo não é apenas diferente dos outros: ele é alguém capaz de construir e de sustentar seu discurso **com** e **dos** demais, ele tem de se relacionar e se esforçar para criar uma unidade com todas as individualidades presentes. Haveria, assim, a afirmação da interdependência entre as partes e não apenas o reinado de um solista. Creio que a comparação mais apropriada seria a do diálogo entre indivíduos hábeis, virtuosos na arte da conversação – talvez seja este o significado do solista que dialoga com a orquestra. Só para ampliarmos nossa reflexão, pensemos que em um quarteto de cordas clássico, por exemplo, o grau de “argumentação” exigido de cada instrumento é tão alto que concluímos tratar-se de quatro solistas, diferente de uma “sonata a quatro” barroca.

***IHU On-Line - Como pessoas que não possuem conhecimento de música erudita podem apreciar e compreender as obras de Mozart?***

**Yara Caznok** - É só começar e cultivar. Música instrumental, vocal, sacra, profana, orquestral, solo, música de câmara, séria, cômica, tem de tudo, para todos os gostos, idades, ocasiões e objetivos! Ouvir um trechinho de uma obra em um dia, mais um no outro, deixar um CD de Mozart no carro, no *walk-man* ou “puxar” da Internet algumas de suas obras no *I-pod*, enfim, propiciar momentos de encontros com a obra e com o compositor. Não esperar que a fruição se dê instantaneamente e que depois de uma primeira escuta já se perceba tudo. Os grandes encontros de nossas vidas não se dão sem querer e sem investimento: nós os procuramos, mesmo que não tivéssemos consciência disso. Insistir na escuta, freqüentar a obra. Aos

poucos, a qualidade e a força da música mozartiana começarão a deitar raízes em nossa sensibilidade e em nossa memória e, de repente, começaremos a sentir sua falta. Ela nos será tão necessária como um alimento. Passaremos a sentir, a pensar, a tentar compreender a vida com ela. A partir desse ponto, o caminho não terá mais volta: escolheremos intérpretes, iremos atrás de biografias, de críticas, de opiniões, de tudo o que possa ampliar e intensificar nossa vivência musical. Daí para frente, não há mais com o que se preocupar, é só usufruir... e saber que nossa vida se tornou mais rica, mais sensível e que nossos horizontes perceptivos são, sim, ilimitados.

***IHU On-Line - O regente austríaco Nikolaus Harnoncourt questiona por que a música de Mozart deve ser explicada se já é difícil o suficiente tocá-la. A senhora concorda?***

**Yara Caznok** - Acredito que as “explicações” solicitadas, no fundo, não sejam musicais... creio que as pessoas se perguntam como é que alguém de carne e osso pode ter sido capaz de criar algo tão sublime, tão transcendente. Essa é a dificuldade que não pode ser explicada...

***IHU On-Line - Qual é a importância e as particularidades da Missa em Dó Menor de Mozart?***

**Yara Caznok** - Esta talvez seja a Missa mais impactante de Mozart por sua força de expressão, sua concentração de beleza e por um tratamento todo especial dado ao texto. Esta Missa não foi encomendada – foi uma composição vinda de uma promessa que se cumpriu: Mozart casou-se com Constance. A exuberância musical que ela contém pode ser também interpretada como uma experiência de libertação das regras impostas pelo príncipe-arcebispo Colloredo<sup>2</sup> (último

<sup>2</sup> Príncipe-arcebispo Colloredo é como a entrevistada se refere a Hieronymus Graf von Colloredo (1732-

patrão de Mozart) para quem a fé só poderia ser expressa de maneira contida e “recatada”. Ouvimos na *Missa em Dó Menor* as mais diversas poéticas musicais: o rococó pré-clássico no início do *Gloria*, o fugato tradicional das missas austríacas (*Cum Sancto*), o sofisticado estilo contrapontístico do norte da Alemanha (*Quoniam*), o coro trágico (*Kyrie*), a harmonia dissonante e a rítmica enérgica do *Qui tollis*, a arte suprema do quarteto vocal (*Quoniam* e *Benedictus*), e o airoso do *bel canto* napolitano (*Christe* e *Et incarnatus*). Embora acusado de introduzir, no âmbito da composição sacra, elementos da música profana, percebemos nessa Missa que, para Mozart, a beleza e a fé não conhecem fronteiras: aqui, as categorias de sacro e de profano são fundidas e transcendidas em benefício do encontro de algo maior que nos maravilha e que nos recoloca no silêncio da reflexão e da oração. É essa a maneira que Mozart encontrou para nos comunicar sua torturada e verdadeira fé.

***IHU On-Line - O que destacaria quanto às audições comentadas de Bach sobre o Oratório de Páscoa e a Paixão de Cristo segundo São João BWV 245?***

**Yara Caznok** - A produção bachiana para o período da Páscoa é incrivelmente inventiva e profícua. Ainda que os procedimentos composicionais sejam aqueles praticados por outros compositores barrocos, tais como as descrições musicais de afetos, ações e movimentos, a gematria (atribuição de valores numéricos às letras como forma de representação simbólica), as estruturas

1812), ou Conde Hieronymus Colloredo, arcebispo de Salzburgo, de 1771 até 1803. É conhecido como o primeiro patrão de Wolfgang Amadeus Mozart, a quem demitiu com as palavras “eu não preciso dele”. Colloredo era um autocrata, e não tolerava insubordinação. Não aceitava a liberdade de expressão dos mais simples, sendo, portanto detestado por seus subordinados, entre eles, Mozart. (Nota da *IHU On-Line*)

formais simétricas e ou gráficas que presentificam a cruz, entre outros, é preciso lembrar que Bach foi um refinado e profundo exegeta durante toda sua vida. Sua fé incomensurável em Deus e na humanidade encontrou na música o veículo ideal para a expressão de seus anseios espirituais, e a força com que impregna e provoca no ouvinte a vivência da Paixão de Cristo por meio de suas obras pascais não encontra paralelo em nenhum outro compositor.

A *Paixão segundo São João*<sup>3</sup> é menos festejada que a de São Mateus, e não podemos compará-las – são dois universos que se aproximam, mas cada um com uma forma especial de capturar o ouvinte e de sensibilizá-lo para o sofrimento e para o amor de Cristo. Na *Paixão segundo São João*, a humanidade de Pedro é realçada, aproximando o ouvinte/fiel do relato do evangelista, fazendo-o experimentar, viver e acompanhar, passo a passo, a Paixão do Senhor.

---

<sup>3</sup> Paixão é o termo utilizado para descrever a evolução dos acontecimentos da Semana Santa do período Cristão, culminando com o sofrimento e morte de Jesus Cristo. Evento dos mais significativos para a vida de um cristão, a Paixão toma papel importante como tema de enredo para composições musicais tornando-se assim gênero ou forma musical bastante trabalhado por compositores no decorrer dos tempos, até atingir em J. S. Bach seu ponto culminante jamais igualado. O gênero Paixão, na música, teve seu desenvolvimento através de alguns estágios desde o século XIII onde o drama é apresentado por diferentes vozes como nos evangelhos, porém, já diferenciando de outras leituras litúrgicas. Bach fez a *première* da Paixão Segundo São João na Semana Santa de 1724 em uma versão de culto. Consta dos autos que esta obra foi apresentada em Leipzig, em quatro ocasiões até o ano de 1749, um ano antes de sua morte. Bach preparou esta obra em cinco versões diferentes. Por isso, até nossos dias não há uma versão final, porque todas elas retratam as intenções do autor concernentes à Paixão. (Nota da *IHU On-Line*)

O *Oratório de Páscoa*<sup>4</sup>, por sua vez, é um delicado poema sonoro, uma reflexão poética sobre a visita ao sepulcro vazio e o encontro do sudário. Mais uma vez a figura de Pedro é realçada ao lado de Maria Madalena<sup>5</sup>, de Maria de Cleófas<sup>6</sup> e de João<sup>7</sup>. As afetuosas imagens giram sobre os sentimentos de cuidados maternais: o sudário aparece como símbolo de uma pele que contém e protege, como um couro que aquece o filho que adormece, como um lenço que enxuga as lágrimas. Um tecido que é a extensão e a presença do abraço de uma mãe amorosa que entrega seu filho ao mundo na confiança da ressurreição. Trata-se, muito mais, de uma proposta de vivência plena de sentido espiritual do

---

<sup>4</sup> O oratório é o principal gênero vocal e presta-se tanto à música sacra como à profana. A definição usual de oratório é “ópera sem encenação”. O Oratório de Páscoa (*Osteroratorium BWV 249*), que Bach compôs em 1736, traz de modo dramatizado a narrativa da ressurreição, segundo o Evangelho de João, capítulo 20. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Maria Madalena**, que significa, provavelmente, “Maria de Magdala,” uma localidade na costa ocidental do Lago de Tiberíades, é referida nos evangelhos como sendo uma seguidora de Jesus Cristo. É festejada no dia 22 de Julho. A tradição, sem qualquer fundamento bíblico, considerava, muitas vezes, como a prostituta que, vivendo à mercê dos homens, pede perdão pelos seus pecados a Cristo. Este episódio é frequentemente identificado com o excerto do Evangelho de Lucas 7:36-50, ainda que aí não seja referido o nome da mulher em causa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Maria de Cleófas**: esposa de Cleófas, mãe de Tiago, o Menor, e de José (de acordo com São Mateus e São Marcos). Era parente de Nossa Senhora (Maria). Ela permaneceu ao lado da mãe de Jesus, no Calvário e foi também uma das testemunhas da ressurreição de Jesus. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **São João**, também conhecido como São João Evangelista ou Apóstolo João, foi um dos doze apóstolos de Jesus e um dos quatro evangelistas. Ele foi filho de Zebedeu e irmão de Tiago. Foi também conhecido como o discípulo amado de Jesus. Além do Evangelho Segundo João, também escreveu as três Epístolas de João (1, 2, e 3 João) e o livro do Apocalipse. Ele foi o último dos apóstolos, tendo vivido até o ano 100 d.C. (aproximadamente). (Nota da *IHU On-Line*)

que de uma simples audição musical, e é disso que tentaremos nos aproximar nas

audições comentadas.

## “Um fenômeno como Mozart não tem explicação, é um milagre”

Entrevista com Luís Paulo Horta

Um fenômeno como Mozart não se explica. “Podemos tentar acumular raciocínios, dados, informações, mas, no fundo, fica esse milagre, que é o milagre da vida, uma coisa tão maravilhosa que não tem explicação”, disse Luís Paulo Horta em entrevista por telefone à *IHU On-Line*.

Carioca de nascimento, Luiz Paulo Horta se fez conhecer como pianista, crítico musical e jornalista. Estudou com Ester Scliar e Clêofe Person de Matos (matérias teóricas) e piano com Salomea Gandelman, Homero Magalhães e Moura Castro. A partir de 1970, trabalhou como crítico musical do *Jornal do Brasil*, em sucessão a Ronaldo Miranda. De 1985 a 1990, dirigiu a seção de música do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A partir de 1990, é o crítico musical do jornal *O Globo*, onde tem também outras funções, como a de diretor da prestigiosa página Opinião. Eleito para a Academia Brasileira de Música (ABM) em 1993, é também membro da Academia Brasileira de Arte.

De suas obras publicadas, citamos *Villa-Lobos - uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1987; com valiosa edição ilustrada fora do mercado, *Dicionário de Música Zahar*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985; e *Música clássica em CD: guia para uma discoteca básica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997. Organizou, com Luiz Paulo Sampaio, a edição brasileira condensada do *Dicionário Grove de música*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

***IHU On-Line* - Alguns críticos consideram Mozart um *outsider*, qual é a sua opinião?**

**Luís Paulo Horta** - Mozart não era, certamente, um aristocrata. Sua família era de funcionários da corte do arcebispo de Salzburgo. Ele foi funcionário do arcebispo e depois, mais adiante, brigou com seu “patrão”, pois queria ir a Viena contra a opinião de seu pai, e tornou-se

um *outsider*. Ele era um *free lance*, o primeiro dentre os músicos mais importantes que tentou carreira por conta própria. E se deu mal por disso.

***IHU On-Line* - Como a influência de Bach se apresenta em Mozart, sobretudo nas primeiras composições?**

**Luís Paulo Horta** - No começo, a influência não foi tão forte. Quando

Mozart começou a compor, por volta de 1756-1770, a música do Bach<sup>8</sup> estava meio esquecida, tinha saído de moda. Ele só foi conhecer realmente Bach quando foi a Viena. Lá havia um aristocrata, um barão Fanz Viten, louco por Bach e Händel<sup>9</sup>. Ele convidava Mozart para sua casa, mostrava partituras e tocavam músicas de Bach. É nessa fase, quando ele tinha uns 26 anos, que percebemos a influência do Bach. No começo Mozart demorou a assimilar Bach, mas depois, passa a ser parte de seu estilo.

***IHU On-Line - A profusão de homenagens e comemorações em nome de Mozart não corre o risco de saturar sua figura ou mesmo massificar sua obra?***

**Luís Paulo Horta** – Sempre há esse risco. De repente, temos um ano com Mozart o tempo inteiro. Cabe ao próprio ouvinte, o apreciador de música, filtrar essa massa de informações. Mozart não chega a cansar, mas essa quantidade de atividades

---

<sup>8</sup> **Johann Sebastian Bach (1685-1750):** músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. Nasceu no seio de uma família de músicos. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2006, oferece duas audições comentadas sobre o compositor em 6 e 7 de abril deste ano, ambas conduzidas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, da UNESP. Em 6 de abril, o tema é *A Páscoa Musical de Johann Sebastian Bach*, quando apresenta o *Oratório de Páscoa BWV 249*. Em 7 de abril, é a vez da *Paixão segundo São João BWV 245*. Ambas audições comentadas acontecem na sala 1G119 do IHU, a primeira das 17h30min às 19h, e a segunda das 8h30min às 12h. Confira, ainda, nesta edição da *IHU On-Line*, entrevista com Yara Caznok, adiantando aspectos dos eventos que conduzirá. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> **Georg Friedrich Händel (1685-1759):** compositor barroco alemão. Suas obras incluem 32 oratórios, 40 óperas, 110 cantatas, 20 concertos, 39 sonatas, fugas, suítes, obras sacras para missas e obras orquestrais. (Nota da *IHU On-Line*)

pode desgastar um pouco. O próprio ouvinte deve fazer seu repertório.

***IHU On-Line - Quais as perspectivas para a interpretação teórica das obras de Mozart? Acredita que ainda há pontos novos a discutir e explorar?***

**Luís Paulo Horta** – A musicologia sempre avança. Dos anos 1970 para cá, ela avançou muito, e mais ainda quando se começou a usar os arquivos do antigo Leste Europeu. Mozart, por exemplo, tocou muito em Praga, e em certa época essa cidade era parte do império soviético, uma coisa meio fechada. Isso avançou. Apareceram especialistas mozartianos muito bons, como Robbins Landon<sup>10</sup>, grande especialista em Mozart, escreveu coisas muito interessantes sobre ele. Depende também da sensibilidade do intérprete, de uma pessoa entrar no estilo de Mozart. A pianista portuguesa Maria João Pires<sup>11</sup>, tem uma intuição fantástica para tocar esse compositor ao piano. Isso é muito dela, mas é claro que o avanço da musicologia também conta.

---

<sup>10</sup> Confira o livro *Mozart: um compêndio. Guia completo da música e da vida de Wolfgang Amadeus Mozart*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, organizado por Landon, bem como *1791, Mozart's Last Year*. New York: Schirmer, 1988. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> **Maria João Pires (1944):** pianista portuguesa. Muito cedo aprendeu a tocar piano: aos cinco anos deu o seu primeiro recital e aos sete tocou publicamente concertos de Mozart. Com nove anos, recebeu o prémio da Juventude Musical Portuguesa. Torna-se reconhecida internacionalmente ao vencer o concurso internacional do bicentenário de Beethoven em 1970, que se realizou em Bruxelas. Fez, na sua carreira, numerosas digressões em que interpretou obras dos maiores compositores. É convidada com regularidade pelas grandes orquestras mundiais para tocar nas melhores salas de concerto. Tem desenvolvido atividades individuais (recitais, concertos, gravações) e em música de câmara. É a fundadora e dirigente do *Centro de Belgais para o Estudo das Artes*, no concelho de Castelo Branco, de cariz pedagógico, cultural e social. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Por que Mozart continua um compositor atual? Como as gerações atuais entendem e se apropriam de sua música?**

**Luís Paulo Horta** - Ele é atual porque é o exemplo máximo do que chamamos de clássico. O clássico atravessa os tempos, como Shakespeare<sup>12</sup>, que continua perfeitamente atual. O *Dom Quixote*<sup>13</sup>, de Cervantes<sup>14</sup> é outro exemplo. Passam os séculos, e continuamos a ler essa obra, apreciando-a da mesma maneira. Mozart é um fenômeno desse nível. Em seu caso, contudo, é preciso ter uma iniciação sobre seu estilo. Não é um compositor que as gerações mais jovens aceitem tão facilmente quanto Bach. Acredito que a música de Bach tem capacidade de se adaptar a estilos diferentes, como o estilo de jazz<sup>15</sup>. A boa interpretação de Mozart está ligada a um certo estilo, então isso, às vezes, faz as pessoas custarem a ultrapassar essa barreira, mas não é

---

<sup>12</sup> **William Shakespeare (1564-1616):** dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. A habilidade de Shakespeare em ultrapassar as fronteiras puramente narrativas das suas obras, penetrando, de uma forma incisiva, nos aspectos mais íntimos da natureza humana, granjeou-lhe uma fama e um prestígio que o tornam um dos mais brilhantes gênios universais. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> **Don Quixote de La Mancha:** Personagem criado por Miguel de Cervantes no livro de mesmo nome. No Brasil, o título do livro é grafado como *Dom Quixote de La Mancha*. O título original completo era *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, com sua primeira edição publicada em Madri, no ano de 1605. O livro é um dos primeiros das línguas europeias modernas e é considerado por muitos o expoente máximo da literatura espanhola. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> **Miguel de Cervantes e Saavedra (1547-1616):** escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> Sobre o tema, confira a edição número 139 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

muito difícil, pois é um compositor extraordinário, que criou todos os gêneros.

***IHU On-Line* - Mozart morreu cedo e deixou uma vasta obra. Como podemos entender essa genialidade precoce?**

**Luís Paulo Horta** - Ele foi um menino prodígio, mas suas obras importantes começaram a aparecer quando ele tinha uns 17 anos. Como ele morreu aos 35, temos menos de 20 anos de composição. Isso é um milagre. Eu escrevi um artigo sugerindo que, é como se dentro de cada um houvesse uma espécie de relógio biológico, que ele terá uma vida longa ou curta. É como se as pessoas tivessem uma espécie de pressentimento de que a vida vai ser curta. Pensemos em Schubert<sup>16</sup>, que morreu aos 31 anos - a quantidade de obras que ele deixou é uma coisa inacreditável. Já Beethoven<sup>17</sup> teve um desenvolvimento mais lento, como é o caso de Brahms<sup>18</sup>. É como se cada pessoa tivesse seu relógio interior.

---

<sup>16</sup> **Franz Peter Schubert (1797-1828):** compositor austríaco da era clássica. Escreveu cerca de 600 canções (o "lied" alemão), bem como óperas, sinfonias, sonatas entre outros trabalhos. Não houve grande reconhecimento público da sua obra enquanto foi vivo; teve sempre dificuldade em assegurar um emprego permanente, vivendo muitas vezes à custa de amigos e do trabalho que o pai lhe dava. Morreu sem quaisquer recursos financeiros com a idade de 31 anos. Hoje, o seu estilo considerado por muitos como imaginativo, lírico e melódico, fá-lo ser considerado um dos maiores compositores do século XIX, marcando a passagem do estilo clássico para o romântico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Ludwig van Beethoven (1770-1827):** compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> **Johannes Brahms (1833-1897):** compositor alemão, uma das mais importantes figuras do romantismo musical europeu do século XIX. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - De suas obras, qual a que considera mais importante e por quê?**

**Luís Paulo Horta** - É difícil de responder porque Mozart foi fora de série em vários gêneros. Eu não diria que há uma obra mais importante, mas que existem várias obras importantes. Penso que a série de concertos para piano é fundamental para conhecer Mozart. As grandes óperas como *Don Giovanni*, *Bodas de Fígaro*, *Così Fan Tutte*, *A Flauta Mágica* são, todas elas, obras-primas. Mas na música de câmara também há peças extraordinárias como os quintetos de cordas, uma coisa absolutamente fora de série. Destaco ainda as sonatas que ele fez para dois pianos e pianos a quatro mãos, que são algumas das maiores obras de Mozart.

**IHU On-Line - Alguns pensam que o melhor da música de Mozart está nos concertos de piano, outros nas óperas. Qual sua opinião?**

**Luís Paulo Horta** - Acredito que elas se equivalem. Tudo depende do dia. Há dias nos quais temos vontade de ouvir ópera. Em outros, concertos para piano, dos quais gosto muito, pois são uma espécie de síntese do universo de Mozart. Mas há dias em que ouço a música de câmara, os quintetos. Ele tem uma serenata de sopro lindíssima.

**IHU On-Line - Como a indústria fonográfica se apropria hoje do legado de Mozart?**

**Luís Paulo Horta** - A indústria fonográfica está em crise. O mundo do CD está meio perturbado. Quando se comemorou, há uns anos atrás, em 1991, o bicentenário da morte de Mozart, a indústria fonográfica estava mais próspera. Naquele tempo, fez-se uma edição de Mozart completa, monumental.

Agora não vai se fazer nada de parecido, inclusive porque ficou muito caro gravar. Há, ainda, a pirataria, mas evidentemente que não se perderá a oportunidade de explorar o aniversário do compositor. Sairá coisa boa, mas nunca mais na proporção como era antigamente.

**IHU On-Line - Acredita que a música auxilia na construção da espiritualidade humana? Por quê?**

**Luís Paulo Horta** - Acredito que, no sentido de uma elevação interior, a música de Mozart é tão sublime que somos levados a pensar em coisas mais elevadas. Faz bem à alma, e não deixa de colaborar com a espiritualidade.

**IHU On-Line - Qual é o seu sentimento ao interpretar as composições de Mozart?**

**Luís Paulo Horta** - A minha técnica pianística anda muito deficiente (*risos*). O que toco de Mozart é pouca coisa. Mas é bom ver que, em todas as épocas se encontram novos artistas que descobrem ângulos diferentes para interpretar Mozart. Também gosto muito da pianista japonesa Mitsuko Uchida<sup>19</sup>. Ela tem uns *insights* sobre Mozart muito bons. E há

---

<sup>19</sup> **Mitsuko Uchida** (1948) nasceu em Tóquio e começou a tocar piano com três anos. Passou a gostar de Mozart graças aos discos que o pai, diplomata na Europa durante a II Guerra Mundial, ouvia em casa. Em 1960, acompanhou os seus progenitores para Viena, formou-se e cedo começou a se afirmar como intérprete dos clássicos vienenses e de Schubert. Desde então, Uchida vem construindo uma vasta discografia, onde pontificam Mozart, Beethoven e Schubert, mas também Schönberg, Berg, Webern, Bartók, Messiaen e Debussy; e uma sólida reputação como intérprete, podendo-se afirmar que, desde a "retirada" de Martha Argerich dos recitais a solo, Mitsuko Uchida pode ser considerada a mais notável pianista do circuito internacional. A vastidão da sua arte e a profundidade das interpretações fazem dela uma das mais admiradas vozes do piano atual. (Nota da *IHU On-Line*)

também os grandes clássicos, como Bruno Walter<sup>20</sup>, Nikolaus Harnoncourt<sup>21</sup>.

***IHU On-Line* - O senhor gostaria de acrescentar algum comentário?**

**Luís Paulo Horta** - Eu gostaria de repetir que Mozart não tem explicação. Um fenômeno como ele não se explica. Podemos tentar acumular raciocínios, dados, informações, mas, no fundo, fica esse milagre, que é o milagre da vida, uma coisa tão maravilhosa que não tem explicação.

---

<sup>20</sup> **Bruno Walter** (1876-1962) nasceu em Berlim. Em 1907 viu-se forçado a deixar a Ópera de Viena e, em 1939, troca o velho continente pelos Estados Unidos, onde viveu até à data da sua morte. No dia 14 de novembro de 1943, iria dirigir a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, num programa que incluía obras de Robert Schumann (1810-1856), Miklós Rózsa (1907-1995) e Richard Strauss (1864-1949), e que seria difundido pela rádio CBS. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Nikolaus Harnoncourt**: regente austríaco especializado em música barroca. Nascido em Berlim em 1929, Harnoncourt cresceu em Graz, na Áustria, e estudou música em Viena. Até 1969, foi celista na Orquestra Sinfônica de Viena. Ao mesmo tempo, dedicou-se a estudos históricos da música e fundou já em 1953, juntamente com a esposa, Alice Hoffelner, o *Concentus Musicus Wien*, conjunto que se especializou na prática da interpretação histórica de composições renascentistas e barrocas. Além de Johann Sebastian Bach, de quem gravou a obra completa, o maestro dedicou-se a Claudio Monteverdi e Wolfgang Amadeus Mozart. De uns tempos para cá, passou a ocupar-se também da música dos séculos XIX e XX. Com seu modelo de interpretação baseado num aprimorado estudo das fontes, conhecimento profundo das práticas de interpretação antigas e utilização de instrumentos históricos, o regente austríaco proporcionou a toda uma geração de apreciadores uma nova leitura das grandes obras do passado, por conta do que recebeu o prêmio Ernst von Siemens em 2002. Confira a resenha de uma entrevista realizada com ele publicada no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) no dia 10 de março de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)



# Mozart: o apogeu da história da ópera?

Entrevista com Décio Andriotti

Para Décio Andriotti, especialista em Mozart, a música erudita está aberta a todos, independente da classe social a que pertencem seus ouvintes. Nisso há uma contribuição paradoxal da tecnologia, que, por um lado, aproxima as pessoas desse estilo musical e, de outro, promove situações problemáticas como a pirataria e as músicas baixadas por Internet. Em entrevista por telefone a *IHU On-Line*, Andriotti, que acabou de voltar de uma de suas viagens culturais à Europa, disse, ainda, que antigamente não havia distinção entre música popular e erudita. “Existia a música”. Ele analisa também a importância de Mozart para a história da música, bem como a relação desse compositor com Salieri, e é enfático: “Se alguém invejaria alguém, seria Mozart a Salieri, e não Salieri a Mozart. Isso quem está dizendo é um mozartiano”. Mas foi com Mozart que se atingiu o apogeu da história da ópera, cuja expressão máxima é *Don Giovanni*.

No momento, Andriotti está preparando a palestra de abertura do Ano Mozart na Sociedade Germânia (10 de abril). Como já vem fazendo há anos, irá participar de festivais em homenagem a esse compositor, desta vez em Munique e Salzburg. Irá também a Bayreuth, Alemanha, para acompanhar o Festival de Richard Wagner. Tentará voltar a tempo para participar do Festival de Cinema de Gramado, no qual é convidado como debatedor há anos consecutivos. Andriotti criou os cursos de ópera que saíram em reportagem na revista *Veja*. Realiza palestras sobre história da música a convite de diversas instituições. Produz o **Európera**, um relatório sobre cada viagem que faz à Europa a respeito das óperas, concertos e outras apresentações musicais a que assiste, distribuído a interessados, inclusive maestros. Quando da vinda do tenor italiano Luciano Pavarotti a Porto Alegre em 1997, Andriotti foi convidado pela Rádio Gaúcha para ser comentarista. É membro da Confraria Mozart de Óperas e escreve sobre a história da música do Rio Grande do Sul. “Eu não sou músico; pesquiso história da música apenas.” Um de seus inúmeros artigos está publicado na coletânea **Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1999, organizado por Regina Gadelha.

mas tem também por PUCRS, Unisinos, UFSC, CIPEL (Círculo de Pesquisas Literárias), e anais dos congressos de que participou, além de jornais e revistas.

É formado em Humanidades (Letras) pela antiga Formação de Humanidades dos jesuítas, bacharel em Filosofia pela Faculdade Cristo Rei, hoje Unisinos, e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-graduou-se em História da Arte pela antiga Faculdade Palestrina, em Porto Alegre.

### ***IHU On-Line* – Qual seria a herança de Mozart para as épocas posteriores da música, como para o Romantismo, por exemplo?**

**Décio Andriotti** – Mozart, embora clássico, praticamente dá início ao período do estilo romântico, esse início que Beethoven vai se abeberar muito bem e irá, depois desenvolver e fazer a sua revolução. Isso observamos em Mozart na *Fantasia em Dó para piano*, na qual temos a idéia de entrada já no período romântico, tal a dramaticidade dessa peça. No aspecto das últimas sinfonias, dos últimos concertos, há que se pensar, por exemplo, no *Concerto para clarinete e orquestra*, feito no ano da morte de Mozart. O adágio, segundo movimento, já prenuncia muito o Romantismo e as três óperas de Mozart, com Lorenzo da Ponte, que são o *Don Giovanni*, *Così Fan Tutte* e as *Bodas de Fígaro* irão influenciar muito Rossini<sup>22</sup>. E Rossini já estava dentro do período do Romantismo. Aí sim, vários irão sentir influência de Mozart de alguma outra maneira, como Donizetti<sup>23</sup>, Bellini<sup>24</sup>, e isso

<sup>22</sup> **Gioacchino Rossini** (1792-1868): compositor italiano. Escreveu várias óperas como *Il barbiere di Siviglia* (*O Barbeiro de Sevilha*), *Guilherme Tell* (*Guilherme Tell*) e *La Cenerentola* (*Cinderela*). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>23</sup> **Domenico Gaetano Maria Donizetti** (1797-1848): compositor de óperas italiano. O seu primeiro grande sucesso foi a ópera *Esule di Roma* em 1828 em Nápoles. Donizetti é muito conhecido pelas suas óperas, mas também compôs outros tipos de música, como quartetos de cordas, obras orquestrais etc. (Nota da *IHU On-Line*)

chegará até Verdi<sup>25</sup>, por incrível que pareça. Verdi, na ópera *Rigoletto*, parece que até faz uma homenagem muito discreta a Mozart. Existe uma sonata (K332) em que certo tema aparecerá no *La donna è mobile*, de Verdi. Não é que Verdi tenha plagiado Mozart, absolutamente. Conscientemente, Verdi deve ter puxado um pouco de Mozart para dentro do *Rigoletto*, já que o enredo do *Rigoletto* se assemelha no *Duque de Mântua* ao *Don Giovanni*.

### ***IHU On-Line* – E quanto à influência de Mozart sobre Wagner?**

**Décio Andriotti** – Wagner faz uma revolução já no Romantismo. Necessariamente vem o patrimônio de Mozart se adentrando no Romantismo. Então, nas primeiras óperas de Wagner se pode observar aqui e ali algo dessa herança de Mozart. Claro, depois quando pegamos *Tristão e Isolda* e todo o *Anel*

<sup>24</sup> **Vicenzo Bellini** (1801-1835): compositor da escola romântica italiana, nascido em Catania, na Sicília. A música de Bellini, embora destituída de força dramática é extremamente melodiosa. Esse compositor afirmou-se no teatro lírico, escrevendo dez óperas, em que imprimiu sempre uma veia melódica de pureza e de sensibilidade admiráveis.

<sup>25</sup> **Giuseppe Verdi** (1813-1901): compositor de óperas do período romântico italiano, sendo na época considerado o maior compositor nacionalista da Itália, assim como Richard Wagner era na Alemanha. Entre suas composições, destacam-se *Rigoletto* (1851), *Aida* (1871) e *La Traviata* (1853). No final de outubro de 2005, a Orquestra Unisinos tocou o Requiem de Giuseppe Verdi. (Nota da *IHU On-Line*)

do *Nibelungo*<sup>26</sup>, bem como o *Parsifal*<sup>27</sup>, Wagner está numa outra realidade. Mas note que Wagner disse essa frase em relação a Mozart: “Um tremendíssimo gênio elevou Mozart acima de todos os mestres, em todos os séculos, e em todas as artes”. Embora a música de Wagner se distanciasse bastante do período clássico, ela tem, em si, algo de Mozart ainda.

**IHU On-Line - Para Nietzsche, os gregos conseguiram transformar o caos da existência em beleza pelo fenômeno estético. A contemplação estética proporcionada pela música pode ser um bálsamo para suportar a existência?**

**Décio Andriotti** – Isso é uma verdade desde toda a história da humanidade. Veja que, por exemplo, os rituais religiosos feitos por comunidades primitivas envolviam sempre o som e o visual. Nesse aspecto sonoro, mesmo que fosse produzido por batidas mais rústicas, havia uma adequação, uma empatia com a própria necessidade interna de cada um para fazer essa adequação com esses aspectos sonoros, que naquela época primitiva produziam. Desde toda a história humana temos a apresentação da música. Não sabemos se a música veio em função da dança, ou o contrário. Mas música e dança temos desde todo o sempre. Então isso significa que é observável uma realização pessoal ou uma libertação de problemas em função

<sup>26</sup> **O Anel do Nibelungo (no singular, porque trata do anel do nibelungo Alberich):** uma das obras mais importantes de Wagner, o ciclo de óperas *Der Ring des Nibelungen* é baseado na mitologia nórdica, semelhante à germânica e mais documentada. Música e libretto foram escritos por Wagner entre 1848 e 1874. A obra é constituída das óperas: 1) *Das Rheingold*, 2) *Die Walküre*, 3) *Siegfried*, 4) *Götterdämmerung*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>27</sup> **Parsifal:** ópera em três atos, com libreto do próprio autor. Estreou no teatro de Bayreuth em julho de 1882. (Nota da *IHU On-Line*)

do grande apoio que lhe é dado pela música.

Em Nietzsche<sup>28</sup>, quando ele menciona o aspecto catártico, porque vem da tragédia grega (representada com música, canto e dança), o povo, depois de beber bastante, nas comemorações a Dionísio, deus do vinho, já ia leve para assistir às tragédias de Ésquilo<sup>29</sup>, Sófocles<sup>30</sup>. Aí ficava predisposto a se compreender individualmente e compreender os seus vizinhos, seus familiares, seus concidadãos. Nisso temos o aspecto catártico, de libertação. Ao sair da tragédia grega, o grego deveria ir pensando “aquilo que ocorreu com Édipo<sup>31</sup>, de procurar não matar o pai, nem casar com a mãe e fugir, indo exatamente ao encontro da profecia do Oráculo de Apolo<sup>32</sup>, ele, embora tenha

<sup>28</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-dohomem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> **Ésquilo** (525 a. C. – 456 a. C.): poeta trágico grego. É considerado fundador da tragédia. Escreveu 79 tragédias (segundo alguns autores cerca de 90), das quais se conservaram apenas sete tragédias completas (para além de inúmeros fragmentos dispersos de outras). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>30</sup> **Sófocles:** dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. Édipo Rei, Antígona e Electra são as suas peças mais conhecidas (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> **Édipo:** personagem da mitologia grega, famoso por matar o pai e casar-se com a própria mãe. Filho de Laio e Jocasta. A história está recolhida em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles. Vários escritores retomaram o tema, que também inspirou Igor Stravinsky para a composição de um oratório. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> **Oráculo de Apolo:** antigo oráculo grego, na ilha de Delfos, também conhecido como Oráculo de

feito tudo direitinho, acaba caindo no vaticínio do oráculo”. Pensava que aquilo que havia acontecido com Édipo poderia acontecer com ele. Por isso ele deveria estar predisposto para entender uma realidade dessas, na qual o homem está mergulhado nas decisões de um destino.

### **IHU On-Line - De onde Mozart recebia mais apoio, do mecenato ou das cortes?**

**Décio Andriotti** - Traduzindo para termos modernos, poderíamos nos perguntar de onde Mozart teve mais apoio: se de empresas particulares ou do governo? Mozart teve ajuda tanto de um lado, quanto de outro. É claro que, primordialmente, em Salzburgo, havia o arcebispo Colloredo<sup>33</sup>, que era o tipo de senhor feudal. Havia resquícios de feudalismo em Salzburgo, e o chefe principal da cidade era esse arcebispo. Ali havia encomendas, desde o tempo em que Mozart era adolescente.

Mozart esteve em cortes francesas, inglesas, bávaras, austríacas, italianas e recebeu apoio tanto da parte destas, quanto de mecenatos. Esse mecenato pode ser entendido ou por príncipes que não eram ligados diretamente à corte, ou por altos membros do clero, como Colloredo, ou por particulares de boa posição financeira, cujos títulos eram de condes, barões, como Valsegg<sup>34</sup>, que

---

Delfos, onde havia um templo consagrado a Apolo. No templo, as sacerdotisas de Apolo faziam profecias, baseando-se em transe. Hoje, suspeita-se que os transe e visões das sacerdotisas eram provocados por gases emitidos por uma fenda subterrânea no local. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> **Hieronimus Colloredo**: arcebispo de Salzburgo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>34</sup> **Valsegg zu Stuppach**: conde que solicitou a Mozart, em 1791, que escrevesse o Réquiem. No entanto, em dezembro daquele ano, o compositor faleceu e deixou a obra inacabada. Conta-se que Franz-Xaver Süssmayr, aluno do compositor, ficara encarregado de concluir o trabalho, a pedido da viúva de Mozart, Constanze. Além de Süssmayr,

encomendou o *Réquiem*, última obra de Mozart, inacabada. Por isso, poderíamos perguntar quem, dentro desse contexto, ajudou mais Mozart, se fontes de cortes ou de mecenatos. Em termos atuais, falaríamos em fontes particulares, ou governamentais. Haveria que se fazer uma estatística e somar aquilo que foi encomendado por gente de corte, e o que foi solicitado pelos mecenatos para saber qual teve maior expressão.

Mozart não teve um cargo permanente na corte que lhe rendesse certo soldo de muito valor. Ele teve encomendas e, de algum modo, algum cargo, mas não dos principais. Em relação a ocupar a vaga deixada por Gluck<sup>35</sup>, que lhe renderia bastante, isso não aconteceu. Havia, contudo, as encomendas. Várias de suas músicas eram tocadas em função de festejos da corte. No livro *O último ano de Mozart*<sup>36</sup>, de Robbins Landon<sup>37</sup>, há uma boa documentação sobre o que foi encomendado para Mozart e por parte de quem. Há, inclusive, a informação de quanto ele recebeu em ducados ou em moedas correspondentes de um e de outro. Contudo, esse livro se atém ao último ano de Mozart, 1791.

### **IHU On-Line - Mozart foi o único compositor que criou todo tipo de música. Em relação às óperas, em específico, o que constitui seu elemento mais significativo e genial?**

---

também foram cogitados os nomes de Joseph Eybler e Albrechtsberger. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> **Christoph Willibald von Gluck** (1714-1787): compositor boêmio alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>36</sup> LANDON, Robbins. *1791, Mozart's Last Year*. New York: Schirmer, 1988. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>37</sup> **Howard Chandler Robbins Landon**: musicólogo americano. Publicou, entre outros, trabalhos sobre compositores do século XVIII, como Mozart, Beethoven e Vivaldi. Cunhou o termo barroco. É o organizador da coletânea *Mozart: um compêndio. Guia completo da música e da vida de Wolfgang Amadeus Mozart*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

**Décio Andriotti** - Mozart foi o único compositor que a história registra que compôs sobre todos os gêneros de música de sua época. Compôs sonatas para os diversos instrumentos, concertos, óperas, missas, música sacra em diversos gêneros. Ele foi o compositor mais universal, como não o foi nenhum outro na história da música. Em relação às óperas, ele compôs duas dezenas. Desde a primeira delas, que compôs, *Apollo et Hyacinthus*, foi escrita em latim. Ele era ainda menino e com certeza foi ajudado pelo pai e também, acredito, por um professor. Essa ópera é levada todos os anos ao *Salzburg Mozarteum*, na formatura.

Ele escreveu também óperas com libretos em alemão e libretos em italiano, se bem que as cantadas em italiano são a maior parte. As óperas mais divulgadas são as cantadas em italiano, com exceção da *Flauta Mágica* e do *Rapto do Serralho*, que são em alemão. *Don Giovanni*, *Così Fan Tutte*, *Bodas de Fígaro*, *Idomeneu* são cantadas em italiano. Existem mais óperas de Mozart cantadas em italiano do que em alemão, sendo, porém uma em latim. Vê-se uma certa universalidade lingüística em Mozart. Vale dizer que Mozart não gostava muito da língua francesa. Uma vez ele escreveu ao pai dizendo que a língua francesa era muito ruim, e a língua alemã era um paraíso perto dela. Ele dizia isso porque considerava a língua italiana superior às duas para o canto. As missas e a música sacra são, contudo, em latim.

### **Feminismo e unidade musical**

Nas três óperas em que Lorenzo da Ponte<sup>38</sup> faz o libreto, o melhor libretista

---

<sup>38</sup> **Lorenzo da Ponte** (1749-1838): poeta do teatro da Ópera Real em Viena, nasceu em Veneza, Itália. Lorenzo conheceu Mozart, e os dois artistas colaboraram em algumas das óperas mais populares da história da música ocidental: *Le Nozze di Figaro*, *Così fan tutte*, e *Don Giovanni*. Da Ponte imigrou para Nova York em 1805. Ele ensinou italiano na

que Mozart teve, que são *Don Giovanni*, *Così Fan Tutte* e *Bodas de Fígaro*, uma coisa interessante é que elas são muito feministas. Nessas óperas, as mulheres sempre saem ganhando dos homens. As mulheres se mostram mais espertas na sua ingenuidade, na sua simplicidade. Parece que é partindo disso que elas conseguem dar uma lição nos homens em todas as três óperas. Isso é um dos pontos que eu destacaria. Outro ponto é a grande unidade da música com o texto. Nós atingimos aí o apogeu da história da ópera. Por isso é que muitos críticos e musicólogos consideram *Don Giovanni* como a ópera mais perfeita jamais escrita até hoje. Dessa unidade de música e texto e da força desse texto. Depois, há, ainda, o quanto se pode tirar dessa ópera, não só da parte musical, da parte literária, mas da parte psicológica, do aspecto social, de época.

Outra coisa é como essas óperas fornecem aos cantores oportunidades especialíssimas de comunicação. Elas não complicam tanto a vida do cantor, mas exigem uma interpretação especial na qual existe maior comunicação com o público, e este sente bem mais Mozart do que outros tipos de interpretação.

### **IHU On-Line - Como explica a relação Salieri e Mozart? O que há de realidade no que o filme *Amadeus* demonstra entre esses dois compositores?**

---

Universidade de Columbia e foi responsável pela produção da estréia em Nova York de *Don Giovanni*, em 1826. (Nota da *IHU On-Line*)

**Décio Andriotti** – O filme<sup>39</sup> não é fiel ao que aconteceu. Se alguém invejaria alguém, seria Mozart a Salieri<sup>40</sup>, e não Salieri a Mozart. Isso quem está dizendo é um mozartiano. Mozart não era famoso internacionalmente, e Salieri era. A fama de Salieri era várias vezes superior à de Mozart. A música de Mozart levou muito tempo para ganhar espaço internacional. Tenho aqui comigo o livro de Ayres de Andrade<sup>41</sup> sobre o Rio de Janeiro na época de Dom João VI. Nós temos em 1814, no Rio de Janeiro, uma ópera de Salieri, *Axur Rei de Ormuz*. Veja que interessante que nós temos em 1820 óperas de Rossini no Rio de Janeiro. Rossini nasceu após a morte de Mozart, e as óperas de Rossini já eram conhecidas no Rio de Janeiro, e as de Mozart, não. A primeira ópera de Mozart no Rio de Janeiro é apresentada em 1821, que é *Don Giovanni*, porque Dom Pedro I

<sup>39</sup> **Amadeus**: título de uma peça e de um filme escritos em 1979 por Peter Shaffer, baseados na vida de Mozart e Salieri. Shaffer se inspirou numa peça chamada Mozart e Salieri de Aleksandr Puchkin, adaptada para uma ópera por Rimsky-Korsakov. O filme de 1984 foi dirigido por Milos Forman, tendo no elenco F. Murray Abraham (no papel de Salieri, com o qual ganhou o Oscar de Melhor Ator), Tom Hulce (no papel de Mozart) e Elizabeth Berridge. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>40</sup> **Antonio Salieri** (1750-1825): compositor operístico vienense, compositor oficial da Corte de Joseph II, Imperador da Áustria. Sua música foi bastante conhecida em sua época. Há lendas a respeito de seu relacionamento com Wolfgang Amadeus Mozart, com quem conviveu, em Viena, até a morte deste. Essas suspeições datam da morte de Salieri até a atualidade e foram alimentadas pela peça de teatro de Shaffer, a qual foi adaptada para o cinema, sob direção de Milos Forman, com o título *Amadeus*. O filme, ganhador de oito Oscar, em 1984, retrata um Salieri invejoso do gênio de Mozart e medíocre musicalmente. Tal imagem é resultante de licença poética dos realizadores, não correspondendo à figura histórica do compositor. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>41</sup> ANDRADE, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo: 1808 1865: uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. 2 v. (Nota da *IHU On-Line*)

casou com uma austríaca e quando essa ópera foi levada ao Rio de Janeiro, a cidade já conhecia o *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, *Tancredo*, e algumas óperas de Salieri.

Mozart demorou a chegar porque quem o atrapalhou foi exatamente a música de Haydn, de Beethoven, de Salieri, de Rossini. O povo estava apaixonado por essas músicas, e segurou um pouco a parte operística de Mozart. O Rio de Janeiro já tinha ouvido músicas de Mozart, isso sim. Mas na parte de ópera é isso que acontece. Salieri, com 28 anos, foi convidado pela corte da Áustria para compor a ópera para a abertura do Teatro alla Scala<sup>42</sup> de Milão, *L'Europa riconosciuta*. Há dois anos, depois da restauração do teatro, Riccardo Muti<sup>43</sup>, o

<sup>42</sup> **Teatro alla Scala (Teatro Scala)**: Construído por determinação da imperatriz Maria Teresa da Áustria para substituir o Teatro Regio Ducale, destruído por um incêndio em 1776, devendo seu nome à igreja de Santa Maria alla Scala que antes se erguia no local. Obra do arquiteto neoclássico Giuseppe Piermarini, foi inaugurado em 3 de agosto 1778 com a ópera de Antonio Salieri, *L'Europa riconosciuta*, com libreto de Mattia Verazi. Em 1943, o Scala sofre grandes danos em virtude de um bombardeio. Reaberto em 11 maio 1946 sob a regência de Toscanini, o teatro retoma sua glória. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> **Riccardo Muti**: Foi Director Musical do Maggio Musicale Fiorentino, da Philharmonia Orchestra (depois de Otto Klemperer), da Orquestra de Filadélfia (depois de Eugène Ormandy) e desde 1986 desempenha as mesmas funções no Teatro Alla Scala de Milão. É convidado pelos mais importantes festivais internacionais. O Mozarteum atribuiu-lhe a Medalha de Prata, a mais alta distinção atribuída aos intérpretes das obras de Mozart. A relação com o Teatro alla Scala influenciou profundamente a carreira artística de Riccardo Muti. Estreou-se neste teatro há trinta anos num concerto sinfônico com o pianista Dino Ciani. Em quinze anos de direção musical, Riccardo Muti trouxe ao palco do Scala de Milão numerosas obras-primas de Verdi, Mozart e Wagner, destacando-se a trilogia Mozart/Da Ponte, o ciclo completo do *Anel do Nibelungo* de Wagner e a trilogia romântica de Verdi, proposta uma vez mais para as celebrações do "Ano Verdi". Dirigiu não só as obras-primas do repertório lírico - recebendo o *Bellini d'Oro* pela interpretação das óperas deste compositor - mas também partituras menos

maestro que era diretor musical do Teatro alla Scala, escolheu exatamente essa ópera para a reabertura desse teatro. E eu estive lá, assistindo. Se Salieri foi convidado, com menos de 30 anos, para fazer uma ópera para a abertura do maior teatro do Império Austríaco, vemos o distanciamento de culto que se dava a Salieri em relação a Mozart.

### **A genialidade de Salieri**

O filme *Amadeus* vem da peça de teatro de Schäffer. A peça de teatro é uma arte em si, e, como tal, não tem obrigação com precisões históricas. O cinema, que é arte, também não tem obrigação com precisões históricas, salvo quando estiver fazendo documentário. Por isso, esse filme, que é uma obra de arte sob o ponto de vista cinematográfico, é uma jóia em si, como expressão cinematográfica e todo um conteúdo para ser transmitido dali sob um aspecto humano, emotivo. No filme, o diretor nos coloca em uma posição na qual ficamos invejosos dos gênios, e como Salieri era um gênio para a época, quem tinha que invejar alguém era Mozart a Salieri.

Mas não houve brigas entre eles, ao contrário. Quando lemos *O último ano de Mozart*<sup>44</sup>, descobrimos que uma boa parte das músicas que Salieri levou a Praga para reger com as orquestras de lá em homenagem à coroação do novo rei (Leopoldo II), era de Mozart. A obra *La clemenza de Tito*, que foi encomendada a Mozart, o foi porque o primeiro nome da lista (Salieri) não aceitou. O segundo nome, Haydn, estava em Londres. No final, recorreram a Mozart, depois que

---

conhecidas de Gluck, Cherubini, Spontini e de autores napolitanos do século XVIII, tendo recebido o prêmio Abbiati pela sua direção da ópera *Les dialogues des carmélites* de Poulenc. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>44</sup> LANDON, H. C. Robbins. *O último ano de Mozart*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 236p. (Nota da *IHU On-Line*)

cinco vezes Salieri rejeitou compor a ópera. Parece até, mas isso não é certo, que Salieri havia indicado o nome de Mozart para compor a ópera. Mozart, dois meses antes de morrer, escreve que Salieri, durante a apresentação de a *Flauta Mágica* aplaudia muito e dizia bravo várias vezes.

### **“Eu matei Mozart!”**

Salieri morreu 33 anos após Mozart. Por que Salieri, quando estava no hospício, disse que havia matado Mozart? Agora vem o problema, pois foi daí que surgiram as controvérsias. Isso causou um baque terrível naquela época. Minha explicação para que Salieri tivesse dito isso é que ele não deu um cargo estável com bons rendimentos, que seriam os mais estáveis para Mozart, na corte. Por que Salieri não deu? Porque Mozart não tinha comportamento adequado à corte. Isso está no próprio *Amadeus*.

Há depoimentos como o de uma senhora de que não se agüentavam as conversas de Mozart. Em primeiro lugar porque não se aproveitava nada, em segundo, porque eram completamente inoportunas e impróprias. Ela diz mais, quando ele e Haydn estavam juntos, e Haydn era 24 anos mais velho que Mozart, os assuntos eram ainda mais inaproveitáveis. Mozart, quando jogava bilhar, se comportava como gente do povo. Ao mesmo tempo, ia anotando os temas principais da *Flauta Mágica*, e da *Clemenza de Tito*. Salieri era o encarregado principal da corte da Áustria sobre tudo que se referia à música e aos empregos lá dentro. Então, no meu ponto de vista, Salieri não conseguia dar um emprego mais efetivo a Mozart, embora patrocinasse execuções de músicas do compositor e o indicasse e elogiasse, pois sentia-se constrangido em indicá-lo, mesmo sabendo que era um nome em potencial. Isso reverte-se nesta afirmação: “Eu matei Mozart”, que Salieri,

fora de seu juízo, faz no hospício. Essa é a minha explicação.

***IHU On-Line* - De que forma são apresentadas hoje as montagens de Mozart em função das comemorações dos seus 250 anos de nascimento?**

**Décio Andriotti** – Hoje há as seguintes maneiras de serem apresentadas óperas: de modo tradicional, de modo misto (tradicional com uma reformulação de gestos de forma mais cinematográfica, mas dentro da época) e completamente reformulada à época atual, com pessoas de calça *jeans* cantando. Isso vale para Mozart e outros compositores. O problema não é o fato de serem modernizações, mas o modo como são feitas, porque podemos assistir a uma ópera de forma tradicional, “chata para burro”, e mal conduzida. E pode-se levar uma ópera de forma tradicional com beleza, da maneira como quem monta, quem dá expressão, marcação, dá idéias também naquele contexto. Então dá uma riqueza ímpar à produção.

Hoje em dia, diretores de cinema montam óperas. Polanski<sup>45</sup> monta óperas, Visconti<sup>46</sup> fez a grande revolução da montagem de ópera. Por outro lado, há óperas tradicionais modernizadas, trazidas para o cinema, de maneira belíssima, e de maneira horrorosa. Há de tudo um pouco.

Nas montagens de Mozart, há uma da *Flauta Mágica*, reformulada de maneira muito bonita. Trata-se de uma reformulação de Jonathan Miller<sup>47</sup>, um

grande diretor de ópera. Ele montou também uma Traviata modernizada, em que a Violeta, no último ato, está numa enfermaria de uma Santa Casa de Misericórdia para mendigos, morrendo. Ficou mais dramático. Miller fez também uma montagem de um *Rigoletto* passado em Chicago na época da Lei Seca que é original. Ele tem ainda uma montagem da *Flauta Mágica* em que o cenário é uma grande biblioteca, porque os maçons são gente culta, de pesquisa. Na parte central há um templo egípcio. Há uma homenagem à cultura e à tradição. Acho Miller genial na montagem de óperas. E não esqueçamos grandes clássicos do cinema como *A Flauta Mágica*, de Ingmar Bergman (1975) e *Don Giovanni*, de Joseph Losey (1979).

<sup>45</sup> **Roman Liebling** (1933): cineasta franco-polaco, mais conhecido como Roman Polanski. Dentre os filmes que dirigiu, ficaram famosos *O pianista* (2002), *A dança dos vampiros* (1967) e *O bebê de Rosemary* (1968). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>46</sup> **Lucchino Visconti**: cineasta italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup>Jonathan Miller (1934): diretor de ópera, ator, escritor, físico inglês, tendo cursado também Medicina na Universidade de Cambridge. (Nota da *IHU On-Line*)



# Uma das máximas aquisições musicais da criação humana

Entrevista com Lutero Rodrigues

Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, o maestro brasileiro Lutero Rodrigues disse que, para ele, Mozart é um caso especial. “Nenhum outro compositor provoca em mim emoção maior, mesmo quando tento fazer prevalecer a audição racional de sua música. Através das suas óperas, cheguei à conclusão de que sua grande contribuição foi conseguir transmitir, como nenhum outro compositor, com elementos puramente musicais, os sentimentos, as emoções e os estados de espírito do ser humano”.

E ele completa: “Sua música é considerada uma das máximas aquisições da criação humana, em todos os campos e em todos os tempos”. Entretanto, Rodrigues salienta que, ao mesmo tempo que compositores consagrados sempre terão espaço, essa proporção deveria permitir “a sobrevivência dos compositores vivos”.

Lutero é coordenador musical e regente da Sinfonia Cultura, regente titular e diretor artístico da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, de Porto Alegre. Até o final de 2002, regeu 430 obras de 127 compositores brasileiros, incluindo 97 obras em primeira audição mundial, sendo também bastante significativo o número de composições que lhe foram dedicadas. É membro da Academia Brasileira de Música desde 2002. Confira na íntegra a entrevista que concedeu à *IHU On-Line*.

## ***IHU On-Line* - Qual a influência de Mozart na música clássica que se faz atualmente?**

**Lutero Rodrigues** - Mais que influenciar, a música de Mozart é, e sempre será, uma referência para todo e qualquer compositor. É lógico que sua música corresponde ao momento em que viveu, e os compositores de hoje fazem a música do nosso tempo. São coisas diferentes, como um texto em português do século XVIII é diferente de um texto atual. Entretanto, no texto do século XVIII já se percebem os fundamentos da língua

portuguesa e dá-se o mesmo com a música. Mesmo que hoje se trabalhe fora do sistema tonal, que era aquele que imperava na época de Mozart, seus procedimentos musicais são fundamentos referenciais para os compositores de hoje. Isto porque sua música é considerada uma das máximas aquisições da criação humana, em todos os campos e em todos os tempos.

***IHU On-Line* - Em sua opinião, qual é a obra de Mozart mais difícil de reger e por quê?**

**Lutero Rodrigues** - Creio que seja a ópera *Don Giovanni*, por pelo menos dois motivos principais:

I. a variedade e exacerbação das situações emocionais do seu enredo, as quais o compositor consegue traduzir em música de forma plena, exigindo do intérprete muita maturidade e compreensão;

II. a complexidade da textura musical, havendo um trecho da ópera em que três acontecimentos musicais diferentes são ouvidos simultaneamente. Isso acontece em função da situação cênica de um baile, no qual três grupos de níveis sociais distintos dançam ao som de suas respectivas músicas.

**IHU On-Line** - Em entrevista ao site [www.guiaerudito.com.br](http://www.guiaerudito.com.br), o senhor afirma que voltar o repertório para o Brasil poderia cumprir uma função social, muito mais do que tocar sinfonias de Mozart e Haydn, resgatando nossa cultura esquecida. O senhor poderia comentar esta afirmação?

**Lutero Rodrigues** - Quando as orquestras insistem em tocar quase exclusivamente a música do passado estão realimentando um processo vicioso que somente manterá o público afastado da música dos nossos dias. Esta é uma das razões por que justamente o público aficionado de concertos é o mais resistente a qualquer tentativa de modernização do repertório. Este processo penaliza, sobretudo, os compositores vivos, impedindo-os de ouvir suas próprias obras e assim evoluírem, aperfeiçoando-se. Gerações seguidas de compositores vão acumulando obras não ouvidas, uma extensa produção cultural que se torna esquecida. Voltar o repertório para o Brasil teria a função social de resgatar esta cultura, informar a sociedade sobre sua existência, estimular compositores e contribuir para seu crescimento,

realimentando um processo inverso ao anterior. Compositores consagrados do passado, como Mozart e Haydn, sempre terão o seu espaço, mas deveriam tê-lo numa proporção que permitisse a sobrevivência dos compositores vivos.

**IHU On-Line** - Nessa mesma entrevista, o senhor menciona que seus compositores europeus favoritos são Mozart, Haydn e Brahms. Quais são as contribuições de cada um deles à música e qual deles prefere?

**Lutero Rodrigues** - Tenho pelo menos duas maneiras de ouvir música: uma racional e consciente, tentando decifrar todos os seus elementos estruturais e o pensamento do compositor como construtor de um edifício, o edifício musical; a outra é mais sensorial, sem muita consciência, levado mais pela emoção que a música em mim provoca. Dos três compositores mencionados, Haydn é o que me provoca mais a audição racional que a sensorial. Creio mesmo que a sua inclusão entre os meus compositores favoritos foi uma questão de momento, que hoje não manteria, substituindo-o por Bach. Mesmo assim, ainda o considero um magnífico compositor. Entre suas maiores contribuições à evolução da música ocidental, destacaria:

- consolidador de formas, como a Forma Sonata e a Sinfonia, por exemplo, embora utilizasse as formas com muita liberdade e inventividade;

- inovador e experimentador constante dos recursos instrumentais e suas mais diversas combinações possíveis como integrantes da orquestra.

Brahms provoca em mim um certo equilíbrio entre os dois tipos de audição. Sou um admirador de estruturas musicais bem realizadas e neste aspecto, creio que sua música está perto da perfeição. Entretanto, sua música, por si só, desperta

em mim muita emoção. Destaco, entre suas contribuições:

- Tendo escolhido a polifonia como textura prioritária, deu a impressão de que sua música era apenas uma volta ao passado. A polifonia, entretanto, acabou sendo adotada por Schönberg<sup>48</sup> e seus seguidores, tornando-se característica essencial da música do futuro.

- Sua música é de uma lógica e perfeição formal inigualáveis. Todos os seus componentes estruturais estão interligados e se relacionam de forma orgânica e funcional. Seus temas musicais são elaborados até às suas últimas conseqüências, diferenciando-o do individualismo romântico do seu tempo e conseqüentes liberdades formais.

Mozart é para mim um caso especial. Nenhum outro compositor provoca em mim emoção maior, mesmo quando tento fazer prevalecer a audição racional de sua música. Através das suas óperas, cheguei à conclusão de que sua grande contribuição foi conseguir transmitir, como nenhum outro compositor, com elementos puramente musicais, os sentimentos, as emoções e os estados de espírito do ser humano.

***IHU On-Line - Referindo-se a Mozart, o regente austríaco Nikolaus Harnouncourt disse que "um milagre não se explica". Musicalmente falando, em que consiste a tão comentada genialidade de Mozart?***

**Lutero Rodrigues** - O que acabei de dizer sobre Mozart é uma tentativa de explicar sua genialidade, mas talvez só explique porque sua música nos comunica tanto. Também acho que

---

<sup>48</sup> **Arnold Franz Walter Schönberg** (1874-1951): mestre da história da música. Grande compositor e conhecedor de todos os sistemas que levaram à concepção ocidental de música, é autor de, entre outros clássicos, *Harmonia - Harmonielehre* - e *Exercícios Preliminares em Contraponto*. Foi também o criador do dodecafonismo. (Nota da *IHU On-Line*)

Mozart é um milagre e como creio em Deus, considero que o compositor foi um dos maiores presentes de Deus para a humanidade e um presente a gente aceita sem questionar o seu valor.

***IHU On-Line - Temos algum Mozart brasileiro na história da nossa música erudita? Qual é o lugar de Villa-Lobos dentro desse cenário?***

**Lutero Rodrigues** - Infelizmente não nasceu um outro Mozart em nenhum país do mundo, mas temos um bom número de grandes compositores brasileiros, sobretudo nos últimos 200 anos. Entre eles, vou mencionar um que tinha uma relação especial com a música de Mozart, o Pe. José Maurício Nunes Garcia<sup>49</sup>. Sua existência é também um milagre, pois era descendente de escravos e nunca havia saído do Rio de Janeiro para estudar música. Era um músico de

---

<sup>49</sup> **José Maurício Nunes Garcia** (1767-1830): Cresceu no período em que o Marquês de Pombal, tendo expulsado os jesuítas, providenciou mestres para a então capital da colônia, a fim de preencherem a lacuna deixada pelos padres. Frequentou um curso teológico na Universidade de Coimbra, onde ingressou em 1768 e desenvolveu estudos musicais em Salamanca. Ocupou o cargo de mestre de capela da Sé Catedral da Guarda (entre 1784 e 1786) e, mais tarde, o de organista do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sua cidade natal. Em 1791 foi convidado a dirigir aulas públicas de música do Paço Episcopal e pouco tempo depois tornou-se mestre de capela da Catedral. José Maurício tornou-se padre e mestre da capela real. Tinha uma bela voz e acompanhava ao cravo, em composições suas ou de Cimarosa e do contemporâneo Mozart. Padre José Maurício compôs cerca de 26 Missas, quatro versões do Réquiem, Responsórios, Matinas, Vésperas, um Miserere, um Stabat Mater, um Te Deum, Hinos, modinhas e pequenas peças profanas. Entre as obras de José Maurício está a Missa de Réquiem para a Rainha D. Maria. Talvez por isto, esta música, que embora em partes se assemelhe ao Réquiem de Mozart tem trechos originais, de uma grande sensibilidade. Muitas das obras do Padre José Maurício estão no Acervo do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, que foi recentemente restaurado e digitalizado num projeto com patrocínio da Petrobrás e estão disponíveis no site <http://www.acmerj.com.br>

alto nível, segundo respeitáveis testemunhos de sua época, entre eles Neukomm<sup>50</sup>, um compositor europeu de muito prestígio que esteve no Brasil durante alguns anos.

Pe. José Maurício era grande admirador de Mozart e regeu a primeira audição do *Réquiem* de Mozart, nas Américas, em 1819. Em uma de suas mais belas obras, o *Réquiem* de 1816, cita trechos do *Réquiem* de Mozart como prova de sua admiração pelo mestre austríaco.

Villa-Lobos<sup>51</sup> é o nosso maior compositor e também o mais conhecido. Nem sempre as duas coisas andam juntas. Ele

tinha também uma grande admiração por Mozart, revelada na composição de sua Sinfonieta nº 1, de 1916, que é “dedicada à memória de Mozart”. Sua obra é muito extensa e variada, sendo atualmente um dos cinco compositores do século XX mais gravados em todo o mundo.

---

<sup>50</sup> **Sigismund Ritter von Neukomm** (1778-1858): compositor austríaco reconhecido por toda a Europa, cujo catálogo, de acordo com sua autobiografia, é composto por aproximadamente 1800 obras. Foi aluno de Michael e Joseph Haydn. Atualmente, Neukomm é um compositor praticamente esquecido. A maior parte de sua produção é composta por música sacra e, estilisticamente, representa a continuidade da tradição vienense, situando-se entre o Classicismo e o Romantismo. O período em que Neukomm passou no Brasil foi de 1816 a 1821. Foi professor público de música, tendo ensinado Infanta D. Maria, príncipe Dom Pedro e a futura Imperatriz Leopoldina, praticando com eles também a língua francesa. Durante sua estada no Brasil, Neukomm compôs 45 obras. Entre as primeiras, encontra-se *Marcha Triunfal à Grande Orquestra*, além de uma orquestração de seis valsas do Príncipe Dom Pedro, sendo que, com base em uma delas, compôs a *Fantasia à Grande Orquestra*. Compôs também música para a cerimônia de coroação de Dom João VI: uma Marcha Sinfônica, uma missa e um Te Deum. Também compôs *O Amor Brasileiro*, *Capricho para Piano-forte*, sobre um lundu brasileiro. Essas duas obras são pioneiras na utilização de temas tradicionais brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>51</sup> **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959): compositor brasileiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional, que morreu em 1899. Ele lhe ensinara a tocar violoncelo usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de "Tuhu" (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: os Choros, escritos na década de 1920. Casou-se em 1913 com a pianista Lucília Guimarães. (Nota da *IHU On-Line*)

# “Mozart foi um anjo”

Karl Barth fala de Mozart

“Devo confessar que desde muitos anos e anos, inicio o meu dia de trabalho, (buscando me acalmar depois de ter lido os jornais do dia) ouvindo Mozart e somente então me dedico à dogmática. Devo confessar também que se chegar no paraíso, procuraria, em primeiro lugar, Mozart e somente depois Agostinho e Tomás<sup>52</sup>, Lutero<sup>53</sup>, Calvino<sup>54</sup> e Schleiermacher<sup>55</sup>”. (p. 8)

---

<sup>52</sup> **Tomás de Aquino** (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>53</sup> **Martinho Lutero** (Martin Luther, inicialmente Martin Luder. 1483 - 1546): teólogo alemão. É o pai espiritual da Reforma Protestante. Como monge agostiniano tornou-se teólogo e queria alcançar reformas, vistas como necessárias, sem inicialmente pretender dividir a igreja. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, algo que na altura não era permitido pela Igreja católica sem especial autorização eclesial. Lutero não foi o primeiro tradutor da Bíblia para o alemão. Já havia traduções mais antigas. A tradução de Lutero, contudo, suplantou as anteriores. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>54</sup> **João Calvino** (que é o aporuguesamento de Jean Cauvin, dito Calvin. 1509-1564) fundou o Calvinismo, uma forma de Protestantismo cristão, durante a Reforma Protestante. Esta variante do Protestantismo seria bem sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os Afrikaners), Inglaterra, Escócia e EUA. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>55</sup> **Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher** (1768-1834): teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi co-responsável pela aparição da teologia liberal,

O testemunho é de Karl Barth (1886-1968), calvinista, um dos maiores teólogos do século XX, autor da Epístola aos Romanos e da Dogmática eclesial no livro Wolfgang Amadeus Mozart editado, originalmente, em 1956. Aqui seguimos a tradução italiana de 1991, segunda edição.

Eis alguns comentários de Karl Barth sobre Mozart:

“O registro paroquial da catedral de Salzburgo atesta que entre os batizados do ano de 1756 está o de “Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus, filho legítimo do nobre senhor Leopold Mozart, músico da corte, e de Maria Anna Pertlin, sua mulher, nascido no dia 27 de janeiro de 1756 às oito horas da noite e batizado segundo o rito católico no dia 28 de janeiro de 1756 às 10 horas da manhã”.

“O nome Amadeus é a forma latinizada de Theophilus”. (p. 15)

“Mozart é universal. Sempre de novo ficamos estupefatos frente a todas as coisas que nele encontram expressão: o céu e a terra, a natureza e o ser humano, a comédia e a tragédia, a paixão em todas as suas formas e a paz interior mais profunda a Virgem Maria e os demônios, a missa solene da Igreja, o bizarro cerimonial dos maçons e o salão de baile, os fiéis e os infiéis, os aristocratas e os camponeses.” (...) Porque é evidente que o homem Mozart ouviu a voz do cosmo e, assumindo somente uma função e mediador, a traduz no canto! Sim,

---

negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da *IHU On-Line*)

podemos dizer que se trata de algo, verdadeiramente, “incomparável”.

Mas aqui tem um enigma para ser refletido. Por tudo que sabemos dele, Mozart nunca demonstrou o mínimo interesse pelas ciências, então florescentes, da natureza e da história e nem (com exceção da música) pela arte, por exemplo, a poesia clássica. Possuía as poesias de Goethe<sup>56</sup>, mas o único traço concretamente visível de uma relação com o poeta percebemos na composição da Lied da violeta.

A questão que surge é: donde será que tirou todos estes conhecimentos que ele dispunha, a julgar pela sua música, perfeitamente; conhecimentos pelo menos comparáveis aos de Goethe. Não sei responder. Será que ele possuía órgãos particulares que lhe davam a possibilidade, ainda que vivendo exteriormente em condições de perfeito isolamento, de perceber universalmente o que, como é notório, ele sabia tão universalmente exprimir.

A música de Mozart, diferentemente da de Bach, não é uma mensagem e não é, diferente da de Beethoven, uma confissão autobiográfica. Ele não pretende transmitir com a sua música nem ensinamentos, nem, menos ainda, expressar a si mesmo. Mozart não quer dizer nada. Ele somente quer cantar e tocar. Por isso não impõe nada a quem o escuta, não exige nenhuma decisão ou tomada de posição: ele o torna o ouvinte simplesmente livre.

---

<sup>56</sup> **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, além de cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sturm und Drang. (Nota da *IHU On-Line*)

Ele uma vez falou que a morte é a melhor e verdadeira amiga do homem e que nela pensava todos os dias. Que ele realmente pensava nela é algo que podemos tocar com a mão nas suas obras. Mas nem a isso dá uma excessiva relevância. Ele só permite que o entrevejamos. Ele não se propõe, igualmente, a proclamar os louvores de Deus. Mas na realidade é isso que faz. Na humildade, tornando-se um simples instrumento, torna os seres humanos partícipes daquilo que sabem ouvir, daquilo que, jorra da criação de Deus, nele palpita, nele vai emergindo, dele se irradia. (p. 26)

### **A música sacra de Mozart**

A música sacra de Mozart tem recebido muitas críticas. Se diz que seria ela seria demasiadamente semelhante à música profana e que nisso ele teria seguido a moda geral do seu tempo. O que há de verdadeiro nisso é que, efetivamente, neste campo, ele não colocou em ação o conhecido programa segundo o qual a única função da música seria a de estar a serviço da palavra, para ilustrá-la e explicá-la.

Mas é este o único programa possível para a música sacra?

Mozart não se ateu àquela regra nem na sua produção de óperas.

Na sua música, na sacra como em qualquer outra, o som se encontra livremente com a palavra com a qual às vezes se encontra em relação e pela qual é inspirado, que acompanha e a envolve no próprio jogo. Isso significa que recebe e possui, frente a essa, uma vida própria. Mas em Mozart cada som corresponde a cada palavra, cada composição a um só texto e a nenhum outro.

A sua música maçônica não podia ser aquela do Réquiem. E vice-versa: a parte do soprano que na Missa em dô menor canta o Laudamos te ou Et incarnatus est não podia ser igual, digamos, ao “Vós que sabeis o que é o amor” nas “Núpcias de Figaro”, ainda que tanto uma quanto a outra tenha a mesma, inconfundível marca.

Tanto num quanto noutro caso, ele escuta, respeita a palavra o seu conteúdo e no seu caráter determinado, mas em ambos as circunstâncias intervêm a música, a sua música: uma criação que, mesmo ficando ligada à palavra, mantém uma autonomia e natureza próprias.

Se nesta relação a música seja adequada à palavra, é uma questão que pode ser debatida, também quando se trata de textos sagrados, caso a caso; sem recorrer à distinção preconcebida genérica entre música religiosa e música profana. Então poderemos ir descobrindo que a música corresponde plenamente – e de maneira, às vezes, surpreendente – aos conteúdos objetivos dos textos religiosos.

Isso, talvez, se deve ao fato que também a música sacra de Mozart é percebida e executada como se proviesse de um lugar, onde Deus e o mundo não se identificam, mas é possível reconhecer, como de fato se reconhecem, a igreja e o mundo na sua diversidade somente relativa, na sua conclusiva homogeneidade, mesmo sem trocar nem confundir uma com a outra. Ambas provêm de Deus e a Deus estão orientadas. (p. 28)

### **O enigma Mozart**

O que me chama sempre muita a atenção é a constatação que, sobretudo grandes músicos de renome, entre os contemporâneos de Mozart, como Joseph

Haydn, Rossini, Gounod<sup>57</sup>, entre outros, quando falam dele, balbuciam como se estivessem em êxtase. Aqui lhes confesso que, recentemente, um dos nossos célebres contemporâneos me perguntou: será que Mozart não foi um anjo? (p.32)

A música de Mozart revela um tom particular que é impossível definir com precisão. Ele sabia criar também quando se inspirava em outros. Ele, realmente, nunca foi um simples imitador. Ele sempre foi livre. A música de Mozart tem um som totalmente livre, leve e por isso ouvi-lo é sentir-se leve, aliviado, liberado por sua música: isto também nas célebres composições em tom menor, também quando ela se fundamenta no gênero da ópera séria, também nas obras de caráter religioso, não excluindo o Réquiem, também nos cantos maçônicos, ou seja, sempre e em qualquer circunstância, tanto quando ele se faz solene e trágico. Mas para dizer a verdade, ele nunca se torna trágico. A sua música é um jogo que nunca deixa de sê-lo. De tal maneira que quem o ouve e não experimenta no seu íntimo a sensação de vibrar e de ser livre voando no ar, quem não entra no jogo, ainda não aprendeu a ouvir Mozart.

---

<sup>57</sup> **Charles Gounod** (1818-1893): compositor francês, famoso sobretudo pelas suas óperas e música religiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

# A alegria como tema dominante em Mozart

Entrevista com Martin Dreher

“A música de Mozart está prenhe da compreensão de alegria e de liberdade. Mozart ensina a viver!”, afirma Martin Dreher, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. A respeito das influências do protestantismo e catolicismo sobre Bach e Mozart, respectivamente, o entrevistado afirma que, “enquanto em Bach se pode dizer que a música sacra influenciou o profano, em Mozart temos que dizer que o profano influenciou a música sacra”.

Dreher é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) e doutor na mesma área pela Universität München, Alemanha, com a tese *Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherische Belenenses in Brasilien*. De sua extensa produção bibliográfica, destacamos **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, **A Igreja no Império Romano**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004 e **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

## ***IHU On-Line* - Quais considera as principais idéias do livro de Karl Barth sobre Mozart?**

**Martin Dreher** - Karl Barth<sup>58</sup> (1886-1968), teólogo suíço de tradição calvinista, publicou, em 1956, livro<sup>59</sup> sobre Mozart, no qual evidencia ter sido amante apaixonado da música do músico de Viena. Um dos pais da teologia dialética, Barth foi tão radical na sua preferência musical quanto o foi em suas posições teológicas. Apaixonado por

Mozart, via Bach com extrema reserva e não nutria qualquer simpatia por Beethoven. Seu amor por Mozart vinha de longa data. Tinha cinco anos, quando ouviu seu pai tocar acordes da *Flauta Mágica (Die Zauberflöte)*. Ao longo de sua vida, por diversas vezes ouvimos dizer que cantava duetos da *Flauta Mágica*. No livro sobre Mozart, Barth publica quatro pequenos ensaios que são confissões sobre Mozart. Para ele, a música de Mozart é “alimento e bebida, música cheia de consolo e conforto”. Sua obra deve “fazer parte da doutrina da criação e da escatologia, mesmo que não tenha sido um dos padres da Igreja e, segundo as aparências, nem mesmo tenha sido um cristão muito aplicado – e ainda por cima católico -, e quando não trabalhava

<sup>58</sup> Karl Barth (1886-1968): católico cristão. De 1911 a 1921 foi pastor. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. Entre suas principais obras citamos *Epístola aos Romanos - Dogmática eclesial*. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>59</sup> BARTH, Karl. *Wolfgang Amadeus Mozart*. Grand Rapids: Eerdmans Pub Co, 1986. (Nota da *IHU On-Line*)



parece ter levado uma vida um tanto volúvel”. No entanto, Mozart soube entender “a totalidade da boa criação de Deus”, o que a maioria dos teólogos não conseguiu ou ao menos não quis entender. Tinha coração puro e entendia muito mais do que os maiores otimistas ou pessimistas. Teólogos que não apreciam Mozart têm coração empedernido e não merecem ser ouvidos. A música de Mozart está preta de compreensão de alegria e de liberdade. Mozart ensina o teólogo a viver! Daí chego à conclusão de que, quando os anjos louvam a Deus, dificilmente executarão músicas de Bach, mas, com toda a certeza, tocarão Mozart e que, então, Deus os ouvirá com muita atenção. Maroto, Barth afirmava que jamais se tornaria católico romano, mas que talvez aceitasse ser papa por uns 14 dias, “para pelo menos encaminhar a canonização de Mozart”! – Barth não tocava qualquer instrumento nem entendia de harmonia, mas todas as manhãs ouvia disco com música de Mozart. Amigos que o visitavam e que pernoitavam em sua casa podiam ser acordados com a *Sinfonia Júpiter*. Ele mesmo dizia que seu amor por Mozart não era doidice, mas correspondia à descoberta que fizera do amor de Deus. Com base nessa descoberta, verificou que a pessoa cristã é livre e alegre, como Mozart em sua música.

**IHU On-Line - Como o catolicismo e o protestantismo influenciam e se expressam nas obras de Mozart e Bach?**

**Martin Dreher** - Bach é todo ele protestante. O *allein* (latim: solus; português: somente) da reforma luterana é *cantus firmus* das músicas e dos textos de Bach. Bach deve ser considerado o ponto alto do coral luterano. A música protestante não encontra depois dele expressão maior. Já Mozart, assim me

parece, não deve ser necessariamente visto como influenciado pelo catolicismo, em sua música sacra. Sabemos que, depois de Trento, a liturgia estagnou, e a música litúrgica se manteve conservadora ou se orientou na música secular, especialmente na ópera, no *concertante*. A música do classicismo de Viena (Haydn<sup>60</sup>, Mozart e Beethoven) corresponde ao gosto da sociedade da época que busca na música sacra apenas o que dizia respeito ao festivo dominical, ao alegre e agradável, mesmo que tenha respeitado o conteúdo tradicional, católico. São poucas as obras de Mozart (especialmente o *Réquiem*) que tem o mesmo peso de sua demais produção musical. Enquanto em Bach se pode dizer que a música sacra influenciou o profano, em Mozart temos que dizer que o profano influenciou a música sacra.

**IHU On-Line - Qual é a importância das composições sacras nas obras de Mozart e Bach?**

**Martin Dreher** - Na produção e intenção musical é que se nota, a meu ver, a diferença entre Bach e Mozart. Bach produz música sacra e influencia o mundo; Mozart produz música profana e influencia a música eclesial. Isso não é necessariamente juízo de valores, mas constatação em relação a pessoas que viveram em épocas distintas. Outra constatação é a de que a música eclesial de Bach permaneceu e permanece. O mesmo não pode ser dito de Mozart, mesmo que seu *Credo* (Missa in C KV 257) e seu *Ave verum corpus* (KV 618)

---

<sup>60</sup> **Franz Joseph Haydn** (1732-1809): um dos mais importantes compositores do período clássico. Era irmão do compositor Michael Haydn e do tenor Johann Evangelist Haydn. Tendo vivido a maior parte de sua vida na Áustria, Haydn passou a maior parte de sua carreira como músico da corte para a rica família dos Esterházy. Isolado de outros compositores, foi, segundo ele próprio, “forçado a ser original”. (Nota da *IHU On-Line*)

me toquem profundamente, mas não são cantados pela comunidade. Enquanto a maior parte da produção musical de Bach é sacra, a parte maior da produção musical de Mozart é profana.

***IHU On-Line - Ainda quanto à música sacra, quais são as particularidades das composições desses dois compositores?***

**Martin Dreher** - Bach foi compositor do período barroco, está dentro do contexto do pietismo alemão. Ele quer pregar através de texto, ao qual agrega sua música. Mozart já faz parte da época em que a ilustração vai irrompendo com maior força. Ainda há espaço para o sacro em sua composição, mas é época de déspotas esclarecidos. Há a convicção de que a religião foi a responsável pelas muitas guerras européias. Há a necessidade do adeus à tristeza, o importante é a vida; por isso a alegria como tom dominante em sua música.

***IHU On-Line - De que modo a obra de Mozart reflete o momento histórico no qual foi produzida? Havia um comprometimento do compositor em trazer às suas composições algum paralelo com o que o mundo de seu tempo vivia?***

**Martin Dreher** - Como já referi acima Mozart, assim como outros compositores, reflete o momento histórico em que está vivendo. Não é necessariamente assim que tenhamos o compromisso de trazer elementos de nosso tempo para dentro de nossa produção. Sempre somos filhos de nosso tempo e, da mesma maneira, nossas produções são filhas de nosso tempo. Quando apreciamos a produção de outros, é importante que as situemos em sua época. Sem terem entendido isso, Felix Mendelsohn Bartholdy<sup>61</sup>, Richard

---

<sup>61</sup> Felix Mendelssohn Bartholdy (1809-1847) Filho de um banqueiro, nasceu em Hamburgo na Alemanha.

Wagner<sup>62</sup> e E.T.A. Hoffmann<sup>63</sup> condenaram sua música sacra.

---

Aos seis anos começou a ter aulas de piano com sua mãe. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>62</sup> Richard Wagner (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o *libretto* de todas as suas óperas, inclusive o *ciclo do Anel*, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e outros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Büllow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>63</sup> Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822): escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. Um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial. (Nota da *IHU On-Line*)

# Para ouvir Mozart hoje

Acompanhe a programação do 1º Concerto Série Mozart, Eterno Mozart, que acontece no próximo dia 9 de maio de 2006 às 20h30min, na Catedral Metropolitana de Porto Alegre.

W.A.Mozart - Missa da Coroação, em Dó Maior, K317 Kyrie e Gloria e Benedictus  
W.A.Mozart - Requiem- Exsultate, jubilate Moteto p/ soprano e orquestra, K. 165  
W.A.Mozart - Requiem- Dies irae, Tuba mirum, Lacrymosa, Agnus Dei  
W.A.Mozart - Ave Verum Corpus, K 618 Alleluia do Messiah de Haendel arranjado por Mozart  
Solistas: Elisa Machado, Angela Diel, Pedro Szobot e Daniel Germano.  
Coro Sinfônico da OSPA  
Regente: Isaac Karabtchevsky.

## “Em cem anos, ainda se terá prazer em escutá-lo”

**Entrevista com Gernot Gruber**

Traduzimos e publicamos a entrevista com o Gernot Gruber, professor no Instituto de musicologia da Universidade de Viena e editor do novo manual de Mozart em seis volumes (Edições Laaber 2005/2006). A entrevista foi originalmente publicada no sítio [www.arte-tv.com/fr](http://www.arte-tv.com/fr) e veiculada no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), no dia 30 de março de 2006.

**Professor Gruber, o ano Mozart está próximo e se anunciam muitos concertos. Não existe um risco de saturação, ou, pior ainda, não se vai deixar de querer escutar Mozart?**

Eu não o creio. Nós temos a experiência dos anos Mozart precedentes. Eu me lembro bem do ano 1991. No ano precedente, em Viena, nós havíamos realizado, com um instituto de pesquisa, uma enquête com o público, para saber se ele sentia necessidade de escutar mais música de Mozart, de saber mais sobre Mozart e sobre sua biografia. Após o ano Mozart, que foi muito intenso e muito

animado, como o ano 2006 promete ser, nós efetuamos a mesma enquête, desta vez em Viena. Ficamos surpreendidos de ver que as respostas eram praticamente as mesmas. O público não estava, então, cansado de Mozart, mas o interesse por Mozart também não havia aumentado. Eu imagino que o ano 2006 não será diferente.

**De um modo geral, o interesse por Mozart já é considerável.**

Com efeito, foram publicados numerosos livros, por toda a parte se vêem audições dedicadas a Mozart, festivais... Sabe-se,

também, que as óperas e as salas de concerto terão uma programação especial neste ano Mozart. Nós conhecemos também as atividades de outras mídias: nos museus, no cinema, na televisão... O evento certamente será de porte.

**Você é co-editor do novo manual de Mozart em seis volumes, que inclui um léxico de Mozart. A pesquisa sobre Mozart não terá esgotado a questão, ainda se pode encontrar elementos novos ou surpreendentes sobre o tema?**

Com frequência, me fazem esta pergunta. Eu penso que jamais se esgotará a interpretação teórica da música e das obras de Mozart. Haverá sempre novas perspectivas, porém, mesmo para as obras e os dados biográficos, há constantemente novidade. Na semana passada, eu assisti a uma reunião em Salzburgo, da Fundação Internacional Mozarteum, onde eu encontrei, de certo modo, a fina flor da pesquisa sobre Mozart. Ali se disse que, no futuro, não daqui a um século, mas em época relativamente mais próxima, seria preciso revisar certos volumes da nova edição integral de Mozart que acaba de ser concluída. Você vê, pois, que, mesmo para as fontes concretas, foi preciso haver evolução, quer se trate da descoberta de um novo manuscrito ou de uma nova estimativa da datação de certos manuscritos. Eu não espero descobertas sensacionais, não se vai encontrar uma nova *Flauta mágica*, ou um novo *Fígaro*, mas sempre haverá mudanças nos detalhes.

**Por que Mozart ainda é atual hoje? Ainda vai se escutar sua música daqui a cem anos?**

Eu imagino que sim, que em cem anos, ainda se terá prazer em escutá-lo. Mas, se ele ainda é atual, isso não se deve unicamente a Mozart e à sua música, mas também à percepção que se tem disso.

Com efeito, nos anos 1980 apareceu uma corrente *Amadeus*, que teve um instigador, na pessoa de Wolfgang Hildesheimer, que, desde 1956, propusera uma imagem de Mozart muito menos polida e harmoniosa, uma imagem bastante provocadora na época. Esta imagem foi, em seguida, transmitida ao grande público pela peça de Peter Schaeffer e pelo filme igualmente excelente de Milos Forman *Amadeus*, a ponto de, nos anos 1980, Mozart ter tudo de um *rock star*. Ele foi comparado a Michael Jackson, lembre a música mundial de Falco *Rock Me Amadeus*. Uma nova corrente havia aparecido, uma corrente de que ainda se sentem os efeitos.

**Mas, no conjunto, nossa apreciação de sua música não sofreu com isso?**

É verdade, e eu me felicito, isso é provavelmente porque sua música não procura se singularizar, não nos toca como um alto-relevo; a gente se cansa rapidamente de tal gênero. Com sua música, como com um quadro, pode-se conservar certa distância e contemplá-la segundo seu próprio ponto de vista. Pode-se mergulhar nela, mas também realçá-la. Poder apreender sua música com seu próprio olhar ou com seus próprios ouvidos permite, então, não se ressentir de saturação em vista de suas obras.

**Glen Gould afirmou um dia que Mozart não tinha morrido demasiado cedo, mas demasiado tarde. Que pensa você desta declaração provocadora?**

Era, evidentemente, uma provocação por excelência e Glenn Gould a declarara para fazer reagir. É bom que, como pianista muito célebre, ele tenha atraído a atenção sobre as obras da juventude de Mozart. Não esqueçamos que essas obras permaneceram por muito tempo esquecidas. Escreviam-se obras, na época,

como *Der unbekannte Mozart* (O Mozart desconhecido, 1951), e Gould teve razão ao pôr em destaque as obras de juventude, relativamente desconhecidas. Mas, criticando indiretamente as obras mais tardias de Mozart, Glenn Gould não visava a Mozart, ou a sua música, mas nossa maneira de nos focalizar sobre os

*hits*: as grandes óperas, as últimas sinfonias... É, em todo o caso, assim que eu compreendo sua declaração, como a lança que um artista fora do comum endereçou às convenções que dominavam a apreciação de Mozart em sua época.

## Brasil em Foco

# A opção de Lula: dar adeus ao desenvolvimento

Entrevista com João Sicsú

O momento político, a saída de Palocci do governo Lula, o novo ministro da Fazenda, os possíveis rumos da economia brasileira... Tudo isso leva a uma busca de compreensão que inspira a editoria *Brasil em Foco* e é o objetivo da entrevista que **IHU On-Line** realizou com o economista João Sicsú, na última semana, por telefone. Sicsú é professor no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é mestre em Economia pela Universidade Federal Fluminense e doutor em Economia pela UFRJ. O professor é organizador de, entre outros, *Macroeconomia do Emprego e da Renda: Keynes e o keynesianismo*. São Paulo: Manole, 2003; e *Novo-desenvolvimentismo: um projeto nacional de crescimento com equidade social*. Barueri: Editora Manole, 2005. Durante a entrevista, Sicsú disse que o Brasil precisa ter esperança novamente. “Precisamos ancorar nossas esperanças não só em promessas genéricas, mas em métodos específicos, particularmente em políticas econômicas. Temos que ter garantia de que determinadas políticas econômicas sejam implementadas. E esperamos como resultado a realização de promessas bastante conhecidas”.

**IHU On-Line - Qual a análise que o senhor faz da saída de Palocci? O que significa a escolha de Lula por Mantega?**

**João Sicsú** – Essa troca não muda muito. A política econômica vai continuar a mesma, e isso já foi declarado pelo presidente e pelo novo ministro. O que houve foi apenas uma substituição de

nomes, porque o nome de Palocci já era insustentável, não pelos erros de política econômica que ele cometeu, mas sim por problemas que estão no campo da ética, da moral. Seria positivo e motivo de alegria se Palocci tivesse sido retirado do cargo ou tivesse pedido demissão, pelos erros que cometeu. Erros que são claros, porque o crescimento do País nesse

período em que ele dirigiu a economia foi muito baixo. Não vejo nenhum significado especial na escolha de Mantega. Ele seguirá a política econômica do governo, patrocinada por Lula: a política de taxas de juros elevada, de corte de gastos públicos basicamente em infra-estrutura, e gastos correntes também em segmentos essenciais. Seguirá também com a política de câmbio flutuante e volátil, em que o câmbio está profundamente valorizado, prejudicando muito as exportações, principalmente as manufaturadas. Não há nenhuma novidade em relação a mudanças conceituais, embora tenha havido mudanças de nomes.

***IHU On-Line - O que podemos esperar de Mantega?***

**João Sicsú** – Talvez podemos esperar somente uma pressão para ter uma taxa de juros mais baixa e de longo prazo também: a TJLP, a taxa de juros que serve de orientação para o BNDES cobrar os seus empréstimos. Talvez nós tenhamos uma taxa de juros menor. Isso, porém, não muda o modelo, só muda a intensidade de uma das variáveis, a variável da taxa de juros. Seria importante para o País se nós tivéssemos uma mudança mais completa de política econômica, uma mudança desse conjunto todo de políticas: política fiscal, política monetária, política cambial. As políticas vão continuar as mesmas, talvez só a política monetária seja menos restritiva que no período anterior. Então as coisas se mantêm como estão, exceto os juros, o que eu poderia dizer que já é algo positivo, mas ainda muito limitado.

***IHU On-Line - O período pós-Palocci significa uma atitude antiPalocci? O governo Lula muda suas orientações centrais sem o único homem forte que de fato teve até o momento?***

**João Sicsú** – O governo poderia mudar agora sem Palocci, porque quem indica o

ministro é o presidente, que é o patrocinador de qualquer política econômica em última instância. Se desejasse, Lula mudaria. Entretanto, ao indicar Mantega, antes de o novo ministro tomar posse, o próprio presidente já disse que a política econômica não mudaria. Isso significa dizer que o ministro foi convocado para manter a mesma política econômica. Então, esse período certamente não é um período anti-Palocci. É um período de continuação da mesma política de Palocci. É um período pós-Palocci somente no sentido cronológico, ou seja, Palocci acabou, vem Mantega. Mas quanto ao conteúdo, representa simplesmente e tão-somente continuidade.

***IHU On-Line - Como o senhor vê a possibilidade de mudanças na política econômica no caso de um segundo mandato de Lula?***

**João Sicsú** – No caso de um segundo mandato, não haveria por que mudar. Não há nenhum sentido em se pensar em mudança. O presidente parece convicto da orientação que este modelo econômico tem e considera que, desde o início, desde três anos atrás, esse modelo poderia levar o País ao desenvolvimento. Não há nenhum sentido em se fazer um modelo, como esse foi feito, para se mudar num segundo mandato. O segundo mandato, se existir, será também de continuidade. O problema do campo da política é que estamos diante de duas possibilidades iguais: Alckmin e Lula. O modelo econômico do PT é exatamente igual ao modelo econômico do PSDB. A possibilidade de mudança num segundo mandato de Lula, ou num primeiro mandato do Alckmin, é basicamente nula. Tudo continuará como antes.

***IHU On-Line - E se, na sua política econômica, Alckmin for assessorado***

### **por Luiz Mendonça de Barros, Nakano e Bresser Pereira?**

**João Sicsú** – Se de fato ele for assessorado por esses economistas, aí vão existir grandes mudanças. Eu não acredito, contudo, que esses economistas sejam os preferidos de Alckmin. Ele tem dado declarações, tem feito explicações, conferências, em que expõe idéias econômicas bastante diferentes das idéias do Yoshiaki Nakano<sup>64</sup> e do Bresser Pereira<sup>65</sup>. Entretanto, se ele seguir o caminho ou as proposições de Bresser na câmara, nós teríamos um outro modelo de política econômica. Isso já foi tentado no governo Fernando Henrique, quando o Malan<sup>66</sup> e o Armínio Fraga<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> **Yoshiaki Nakano**: professor de Economia, diretor da Escola de Economia e chefe do Departamento de Economia da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP). Foi secretário da Fazenda do Estado de São Paulo (de 1995 a 2001), diretor do Centro de Economia Política, secretário especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda e consultor do Banco Mundial. Foi também secretário-adjunto do Estado de São Paulo (1985 a 1987), e ocupou o mesmo cargo na Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, em 1987. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>65</sup> **Luiz Carlos Bresser-Pereira** é economista e cientista social. Foi Ministro da Fazenda do Brasil (1987), Ministro da Administração e Reforma do Estado (1995-98) e Ministro da Ciência e Tecnologia (1999). cursou a Faculdade de Direito da USP. É mestre em administração de empresas pela Michigan State University, doutor e livre docente em economia pela Universidade de São Paulo. Trabalhou sempre como professor universitário, foi por 20 anos executivo de uma grande empresa, Supermercados Pão de Açúcar e ocupou diversos cargos públicos, inclusive a chefia de três ministérios. Na vida acadêmica, é professor, desde 1959, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, onde ensinou inicialmente administração e hoje ensina teoria econômica e teoria política. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>66</sup> **Pedro Sampaio Malan**: engenheiro brasileiro, que foi professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Malan foi o Ministro da Fazenda (Economia) durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, de 1995 a 2003. Atualmente, é presidente do conselho de administração do Unibanco. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>67</sup> **Armínio Fraga Netto** foi Presidente do Banco Central do Brasil de março de 1999 a dezembro de

comandavam a economia e existia um contraponto interno feito por Bresser, por Serra, e pelo próprio Nakano em São Paulo. Era um contraponto apenas de fachada, não era efetivo, porque quem mandava na economia verdadeiramente era Malan e Armínio Fraga. Não acredito que o PSDB mude de linha nesse momento, passando a condução da política econômica a esses economistas. Acho que poderia ter havido mudanças se de fato Serra fosse o candidato do PSDB. Isso o próprio PT tem expressado. O presidente do PT, Berzoini, chegou a declarar que Serra era temido por segmentos empresariais. Isso mostra que o prefeito de São Paulo tinha, de fato, uma proposta diferente da de Lula. Chego a essa conclusão porque o presidente da República não era temido pelos segmentos empresariais. Se um era temido e o outro não, é porque eles têm propostas diferentes. Serra seria uma alternativa a Lula. Não acredito que o Alckmin seja.

---

### ***IHU On-Line* - Quem poderá ser o ministro da Fazenda num segundo governo Lula? Que características ele deveria ter?**

---

2002, na gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Anteriormente, ocupou durante 6 anos o cargo de Diretor Gerente da Soros Fund Management LLC em Nova York. Durante 1991-92, Fraga ocupou o cargo de Membro da Junta de Diretores e Diretor do Departamento de Assuntos Internacionais do Banco Central do Brasil. Fraga também trabalhou na Salomon Brothers em Nova York e no Banco de Investimentos Garantia, no Brasil. Lecionou na Escola de Assuntos Internacionais da Universidade de Colúmbia, na Escola Wharton e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, além da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. É doutor em Economia pela Universidade de Princeton. Obteve seu mestrado em Economia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1981, onde também se graduou. Atualmente, Fraga é o principal acionista de um grupo de investimentos chamado Gávea Investimentos, além de ser membro do conselho de administração do Unibanco. (Nota da *IHU On-Line*)

**João Sicsú** - Para Lula, não tenho a menor dúvida de que, o melhor ministro da Fazenda seria aquele que fosse mais amigável aos olhos do mercado. Para ser coerente, Lula deveria colocar no Ministério da Fazenda alguém com o mesmo perfil do presidente do Banco Central atual, que ele indicou. Ele colocou no setor público pessoas que têm idéias do setor privado, financeiro. Para não haver conflito em seu governo e para ser coerente com seu modelo, acho que ele deveria escolher um economista ou banqueiro do setor privado. Encaixaria muito bem no modelo de Lula no segundo mandato.

***IHU On-Line - E em que sentido essa crise abala a busca pelo desenvolvimento e pela distribuição de renda?***

**João Sicsú** - A crise só enfraquece eleitoralmente o PT, mas não enfraquece esse modelo, que é o modelo dos adversários de Lula também, do PSDB. Dizer que, no segundo mandato, teremos desenvolvimento, distribuição de renda e crescimento econômico, é apenas promessa. Promessa que Lula fez durante 20 anos e quando teve a oportunidade de executá-las, não realizou. Por que agora, nos próximos quatro anos, ele faria aquilo que prometeu? Não vejo nenhuma coerência nisso. A coerência é continuar as coisas como estão. Prometer crescimento, desenvolvimento, igualdade social, não diferencia esquerda de direita. A direita também concorda com isso, nenhum economista de direita vai ser contra o crescimento, contra a distribuição de renda. O que diferencia são os caminhos para atingir esses objetivos. Lula e PSDB têm os mesmos métodos para atingir esses objetivos.

***IHU On-Line - Em que sentido o livro Adeus ao Desenvolvimento: A opção***

***do governo Lula<sup>88</sup> pode contribuir para a compreensão do cenário político e econômico atual do Brasil?***

**João Sicsú** - Esse livro é importante, embora seja muito heterogêneo. Existem artigos nele que descrevem a trajetória do Partido dos Trabalhadores e isso nos permite compreender com detalhes o mundo da política brasileira. Existem artigos nesse livro sobre economia, que mostram que o modelo de política economia de Lula é o modelo do Fernando Henrique, mas isso não é a grande novidade. A novidade do livro é indicar políticas econômicas que poderiam ser adotadas e que, de fato, levariam o Brasil ao crescimento, ao desenvolvimento, a ter uma melhor distribuição de renda. É um livro de diagnóstico da sociedade e da economia brasileira, que contém propostas além das críticas. E as propostas que ele apresenta mostram que a saída dessa estagnação que estamos vivendo não seria uma saída com solavancos, tropeços, possíveis crises cambiais, até sociais, e atritos políticos. Seria uma saída possível desse modelo liberal para o modelo desenvolvimentista, uma saída processual, que teria tensão, mas também calmaria, ou seja, é possível transitar desse modelo para um outro sem que isso represente uma grande descontinuidade no plano político e social, mas que provocaria uma grande descontinuidade na política econômica. Esse livro deve ser lido. O título expressa bem o conteúdo do momento, ou seja, Lula deu adeus ao desenvolvimento. O País cresceu nesses três anos exatamente a média dos últimos 20 anos. Crescemos 2,5% em média, talvez até um pouco menos. Um governo que está abraçando a bandeira do desenvolvimento não pode comemorar como seu ponto forte o

<sup>88</sup> João Antônio de Paula (Org.). *Adeus ao Desenvolvimento - A opção do Governo Lula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)



modelo de política econômica que adota. Quem fez opção pelo desenvolvimento não comemora taxas de crescimento tão baixas. Não diz que o ponto forte da administração do governo foi a administração da economia. Na verdade, o que o governo fez foi dar adeus ao desenvolvimento. Essa foi a opção do governo Lula.

**IHU On-Line - O que podemos esperar das eleições deste ano?**

**João Sicsú** – Espero muito pouco em relação aos debates, porque a mídia está contaminada pela polarização dos dois grandes partidos, PT e PSDB, que vão discutir apenas a ética. Um vai acusar o outro de ser corrupto, e talvez os dois estejam com a razão. Um vai acusar o outro de ter um modelo que não leva ao desenvolvimento e ambos estão com a razão também. A polarização ficará entre dois grandes partidos que não oferecem uma alternativa de crescimento, desenvolvimento e melhor distribuição de renda para o País. Acho que teremos dificuldades, pelo menos aqueles que, como eu, gostariam de ver o País em outra situação, para escolher um candidato que tenha viabilidade eleitoral

e propostas desenvolvimentistas para o País. Eu gostaria de ter um nome que tivesse densidade eleitoral e um programa que levasse o País àqueles objetivos que todos concordam: desenvolvimento, crescimento, distribuição de renda, mas que tivesse também no seu programa políticas econômicas de taxas de juros baixas, de investimento público em infra-estrutura e de um câmbio bem mais desvalorizado, mais estável, que favorecesse as exportações e a formação de reservas por parte do Banco Central. Não basta ter o objetivo genérico do crescimento, é necessário dizer como vai chegar lá. É mais do que isso, é necessário se comprometer com este *como*, ou seja, o candidato tem que dizer como vai fazer e depois que ganhar as eleições tem que fazer aquilo que prometeu em termos de método, não quanto a afirmações genéricas. A favor do crescimento todo mundo é. Uns acham que vão distribuir renda melhor aumentando a taxa de juros. Eu acho que é baixando as taxas de juros. Os candidatos têm que se comprometer com os métodos sugeridos durante o período de campanha eleitoral.

# **destaques da semana**

**Entrevistas da semana** pg. 43

**Artigo da Semana** pg. 54

**Teologia Pública** pg. 58

**Deu nos jornais** pg. 62

**Frases da Semana** pg. 64

## Entrevista da semana

# “Se um fármaco pode tornar-me mais valente, mais lúcido e mais generoso, como fica a ética?”

Entrevista com Slavoj Zizek

Convertido num dos pensadores mais polêmicos do momento, o filósofo esloveno Slavoj Zizek explica nesta entrevista as chaves de seu pensamento. A crítica ao capitalismo pós-moderno, a necessidade de refundar a esquerda e a exigência de uma nova ética à altura dos desafios da ciência centram as reflexões de um autor torrencial e irônico, que utiliza todas as ferramentas a seu alcance: de Marx a Lacan, passando pelos gracejos, o cristianismo ou o cinema. Slavoj Zizek é professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Iugoslávia. Entre outros livros, é autor de *Eles Não Sabem O Que Fazem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; *O Mais Sublime dos Históricos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991; *Bem-Vindo ao Deserto do Real*/São Paulo: Boitempo, 2003. Também organizou o livro *As Portas da revolução : escritos de Lenin de 1917* (São Paulo : Boitempo, 2005). De Zizek publicamos o artigo *O credo da paixão descafeïnada*, na edição número 91, da revista *IHU On-Line*, de 08 de março de 2004. A entrevista que segue foi realizada por Enric González e publicada no jornal *El País*, em 25 de março de 2006.

Slavoj Zizek (Liubliana, 1949), grita, ri, aplaude. Os movimentos afetados de seus braços resultam convulsos, quase tétricos [‘turéticos?’], mas o personagem emana uma grande cordialidade. É um filósofo pluridisciplinar, que se deu a conhecer em círculos psicanalíticos e, em pouco tempo, apenas alguns anos, se converteu numa estrela do pensamento contemporâneo. Colabora no *The New York Times*, é professor convidado nas universidades de Paris (onde estudou), Colúmbia, Princeton y Georgetown, e preside a Sociedade para a Psicanálise Teórica da Eslovênia. Com base em Karl

Marx e de Jacques Lacan efetua uma crítica sistemática da pós-modernidade e exige a reinvenção de uma ética de esquerda capaz de fazer frente à revolução da tecnologia e da biomedicina. Vive num pequeno apartamento de Liubliana, a capital eslovena. O mobiliário é barato, e a roupa está guardada nos armários da cozinha.

### Como lhe ocorreu ser filósofo?

Creio que, para ser bom em algo, faz falta uma vocação alternativa. Como ocorreu a Claude Levi Strauss, que queria ser místico e se converteu num antropólogo.

Eu, como adolescente, sonhava em ser diretor de cinema, mas pelos 18 anos comecei a estudar filosofia. Foi como a queda de São Paulo no caminho para Damasco. Nunca mais tive dúvidas. Comecei estudando a Escola de Frankfurt e outros marxismos dissidentes, e, ao chegar à universidade, me tornei heideggeriano, que na Eslovênia era o máximo em dissidência.

### **Por que Heidegger resultava ser tão dissidente?**

Cada república iugoslava havia adotado uma filosofia distinta, a mais próxima a cada grupo de poder. Na Eslovênia imperava a Escola de Frankfurt. Na Croácia se preferiam os marxistas da práxis e Heidegger: para ascender no partido comunista croata convinha dominar a fenomenologia. O interesse da Sérvia era muito distinto: filosofia analítica. Então explodiu o chamado estruturalismo: Lacan<sup>69</sup>, Foucault<sup>70</sup>, Althusser<sup>71</sup> e outros. E resultou que as duas escolas rivais na Eslovênia, a de Frankfurt<sup>72</sup> e a de Heidegger<sup>73</sup>,

<sup>69</sup> **Jacques Lacan** (1901-1981) Psicanalista francês.

<sup>70</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): Filósofo francês. Foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>71</sup> **Louis Althusser** (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>72</sup> **Escola de Frankfurt**: Designa a produção teórica desenvolvida no Instituto para a Pesquisa Social, fundado em 1924, por Félix Weil, em Frankfurt, Alemanha. Max Horkheimer (1885-1973), Theodor Adorno (1903-1969), Herbert Marcuse (1917-1979) são os principais representantes da escola. Eles

esqueceram suas diferenças para defrontar-se de forma feroz, paranóica, contra os estruturalistas. Isso me intrigou. Eu tinha 21 anos. Passei os seis ou sete anos seguintes lendo de forma confusa a teoria francesa, um pouco de Michel Foucault, um pouco de Jacques Derrida<sup>74</sup>, até que descobri minha própria seita: desde então sou um estalinista ortodoxo lacaniano, dogmático e nada dialogante.

### **Como se pode rechaçar o diálogo?**

Meu lema é nenhuma liberdade para os inimigos da liberdade. Não, falando sério, a filosofia é necessariamente dogmática. Conhece você algum diálogo filosófico que tenha funcionado? Os de Platão? Que seja, ali, sobretudo nos diálogos sofistas

---

procuraram construir uma "teoria crítica" da sociedade a partir dos postulados marxistas, deles abstraindo as suas pretensões "científicas", mas utilizando-os para descrever o sistema econômico e seus reflexos sociais. Jürgen Habermas, nascido em 1929, ainda vive e é considerado um dos "herdeiros" da Escola de Frankfurt (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>73</sup> **Martin Heidegger de Messkirch** (1889-1976): Filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. Entre suas obras estão: *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>74</sup> **Jacques Derrida** (1930-2004): Filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Ethique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória do *IHU On-Line* edição 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota da *IHU On-Line*).

da última época, há um tipo que fala todo o tempo, enquanto o interlocutor se limita a dizer “ó, sim, por Zeus, quanta razão tens”. Heidegger tinha razão em dizer que cada filósofo conta com uma percepção fundamental e se limita a repeti-la ao longo de sua obra.

### **Qual é sua percepção fundamental?**

Meu problema é o seguinte: nós, a esquerda, ainda não dispomos de uma boa teoria sobre o que foi o estalinismo. A Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas<sup>75</sup>, todos estavam obcecados com o marxismo e com o anti-semitismo, mas nada disseram do estalinismo. Existe um livro de Herbert Marcuse<sup>76</sup>, já o sei, porém não é mais do que uma interpretação dos textos dos congressos do PCUS. Se você lê Habermas, não poderá adivinhar que, enquanto o

---

<sup>75</sup> **Jürgen Habermas (1929):** Filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Publicamos dois artigos sobre o encontro entre Habermas e Ratzinger, ocorrido em 19 de janeiro de 2004, na Academia Católica da Baviera, em Munique, nas edições de número 128<sup>a</sup> e 138<sup>a</sup> do *IHU On-Line*, de 20 de dezembro de 2004 e 25 de abril de 2005, respectivamente. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>76</sup> **Herbert Marcuse (1917-1979):** Importante sociólogo alemão naturalizado norte-americano, pertencente à Escola de Frankfurt. Herbert Marcuse nasceu em Berlim numa família de judeus assimilados. Foi membro do Partido Social-Democrata Alemão entre 1917 e 1918, tendo participado de um Conselho de Soldados durante a revolução berlinense de 1919, na seqüência da qual deixou o partido. Estudou filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese “Romance de artista”.

filósofo escrevia, havia duas Alemanhas. Um amigo da Escola de Frankfurt me explicou que não abordaram o estalinismo, para não parecerem anticomunistas. Como? Mas, se eram abertamente anticomunistas! Alguns apoiaram a intervenção estadunidense no Vietnã! Qual é a percepção fundamental da Escola de Frankfurt? O que chamam de dialética da ilustração, ou seja, que existe um potencial opressivo totalitário na ilustração moderna européia. Há melhor exemplo disso que o estalinismo? Enquanto o fascismo estava abertamente contra a ilustração, o estalinismo constituía uma ilustração radical. Não digo que o estalinismo fosse melhor que o nazismo, digo que há nele algo realmente enigmático e desconhecido. Um detalhe revelador: os presos do Gulag tinham a obrigação de enviar a Stalin telegramas de felicitação por seu aniversário. Pode-se imaginar os judeus de Auschwitz felicitando Hitler? Pela mesma razão, os nazis não constituíam tribunais para que os judeus confessassem que participavam numa conspiração mundial contra a Alemanha. Os estalinistas, em troca, necessitavam de confissões e arrependimentos, porque consideravam que inclusive um traidor fazia parte da razão universal e podia ver sua própria mentira.

### **O nazismo e o estalinismo desembocam igualmente num anti-semitismo brutal.**

É a modernidade. Até a Revolução Francesa, o objetivo consistia em batizar e cristianizar os judeus. Acreditava-se na emancipação. Depois decidimos que o problema radicava em sua natureza e, portanto, só cabia matá-los. É curioso, nós modernos cremos ser mais “liberais” do que os pré-modernos e não é assim.

### **Auschwitz é a grande tragédia de nossa época.**

Sim. Mas, aquilo não pode ser representado como uma tragédia. Você se deu conta que os melhores filmes sobre o Holocausto são comédia? Filmes como *A vida é bela*<sup>77</sup> ou outra, italiana, *Sete belezas...* Quando as coisas são demasiado horríveis, é preciso explicá-las em chave de comédia, porque a tragédia requer dignidade. E não houve dignidade em Auschwitz, nem nos julgamentos do estalinismo. Na Eslovênia, depois da guerra, tivemos um julgamento atroz, o chamado caso Dachau. Os sobreviventes do campo de Dachau foram detidos e acusados de cooperar com os nazis, porque, se tivessem sido bons comunistas, teriam morrido. Foram acusados de sobreviver.

#### **Há dignidade na guerra do Iraque?**

Escrevi sobre isso em *La tetera prestada* (A chaleira emprestada), que Losada publicará na Espanha em julho, utilizando um velho adágio iraquiano: um indivíduo se queixa para outro que lhe devolveu estragada a chaleira que emprestou. O outro responde que nunca tomou emprestada uma chaleira. Logo acentua que a devolveu intacta. E acrescenta que, em qualquer caso, a chaleira já estava estragada quando a tomou emprestada. As justificativas de Washington para a guerra do Iraque são igualmente incongruentes. George Bush afirmou que o Iraque dispunha de armas de destruição massiva. Mais tarde, que, embora não tivesse essas armas, cooperava com Al Qaeda e constituía uma ameaça para o mundo. Afinal argumentou que Sadam Hussein era um ditador terrível e que isso era razão suficiente para derrotá-lo. Na realidade, as razões eram a extensão da democracia,

<sup>77</sup> **A vida é bela:** Comédia dramática do diretor Roberto Benigni, de 1997. A trama é sobre um filho de judeus que vive na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, e que precisa se desdobrar para proteger sua família perante as ameaças de um campo de concentração. (Nota da *IHU On-Line*)

a demonstração da hegemonia mundial dos Estados Unidos e o controle do petróleo, argumentos incongruentes entre si, que condenavam ao fracasso a invasão.

#### **Os Estados Unidos utilizam a tortura em sua "guerra contra o terror".**

Eu sou contra a tortura, mas posso compreender certas situações. Ponhamos no velho caso de que tenho diante de mim um tipo que sabe onde está seqüestrado meu filho: não posso prometer que não o torturaria pessoalmente até que me desse a informação. O importante é manter a distinção entre um caso desesperado e a legalização da tortura. Todos sabemos que a CIA é experiente em interrogatórios violentos e brutais, mas não devemos aceitar que se fale disso como algo normal. Algo está mudando na moralidade pública dos Estados Unidos. No outro dia, em televisão, um congressista conservador fez o seguinte raciocínio: nossos prisioneiros eram desde o princípio "objetivos legítimos" de guerra, porém sobreviveram aos bombardeios: por conseguinte, podemos fazer com eles o que queiramos, já que, desde o princípio, tínhamos o direito de matá-los. Ocorreu uma "revolução silenciosa", as regras fundamentais da ética estão mudando e nós não pedimos sequer para estar ao par disso. Neste ponto, estou de acordo com Habermas.

#### **E Habermas está bastante de acordo com o papa Bento XVI. Escreveram um livro juntos.**

Estou de acordo com o diagnóstico de Habermas, porém não com as soluções que propõe. Sua atitude é puramente defensiva: não façamos isto, não façamos aquilo... Não podemos dizer, como Habermas, que há um limite na eugenia e não devemos ultrapassá-lo. Temos que reinventar a ética. Hoje é possível implantar um chip num rato e teledirigi-

10. Você se dá conta? Obviamente, será possível fazer o mesmo com um ser humano.

### **Isso é criar um Golem<sup>78</sup>.**

Expõe-se aqui uma questão filosófica: como experimentará esse ser humano o controle remoto? Terá consciência de que o controla uma força exterior? Crerá ser ele mesmo o emissor das ordens? Inclino-me pela segunda hipótese: o ser humano teledirigido não se dará conta de nada, sentir-se-á livre.

### **Jürgen Habermas propõe uma drástica autolimitação da investigação científica para não destruir a essência do ser humano.**

E como se faz isso? É impossível. Se é possível manipular os genes, eles serão manipulados. Os chineses já estão experimentando com o controle remoto do cérebro. Isso espanta muito as pessoas religiosas. No outro dia, participei em Viena de uma mesa-redonda na qual havia um par de bispos. Perguntei-lhes por que eram contra a experimentação farmacológica no cérebro. “Porque o homem é uma criatura divina, com uma alma divina, etc.”, me responderam. Mas, se não somos simples mecanismos biológicos, porém temos uma alma imortal, não podem fazer o que quer que seja no cérebro. Resta-nos a alma, não? Não, os bispos são secretamente materialistas e temem que, em realidade, sejamos apenas nosso cérebro. Um bispo

---

<sup>78</sup> **Golem**: ser artificial mítico associado à tradição mística do judaísmo, particularmente a cabala, que pode ser trazido a vida através de um processo mágico. O Golem é uma possível inspiração para outros seres criados artificialmente, tal como o *homunculus* na alquimia e o moderno Frankenstein (obra de Mary Shelley). No folclore judaico, o golem é um ser animado que é feito de material inanimado, muitas vezes vistos como gigantes de pedra. No hebraico moderno a palavra golem significa “tolo”, “imbecil”, ou “estúpido”. O nome é uma derivação da palavra *gelem*, que significa material cru. (Nota da *IHU On-Line*)

bastante inteligente comentou que o cérebro era um televisor e a alma um decodificador, necessários um ao outro. Este foi um argumento inteligente, porém falso. Se um fármaco pode fazer-me mais valente, mais lúcido, mais generoso, como fica a ética? Significa que somos apenas química. Então, somos livres? Eu creio que sim. Mas, se bloqueamos a experimentação científica, somente estamos mantendo uma ficção de liberdade.

### **Você cita Lênin abundantemente e escreveu um livro sobre ele.**

Muita gente discute sobre a escassa participação das mulheres em política e sobre se convém estabelecer quotas. Zapatero<sup>79</sup> não se entretive em debates e impôs as quotas. Isso é leninismo: deixemos de esperar as condições objetivas, façamo-lo e vejamos se funciona. Acerca de minha posição política, existe certa confusão. Escrevi um livro sobre a atualidade do pensamento leninista, mas, o que proponho é “repetir” o leninismo no sentido que Walter Benjamin<sup>80</sup> dava ao termo “repetir”. Isso supõe reconhecer que Lenine está morto. Careço de soluções, me declaro mais pessimista que os partidários das “terceiras vias”. Para mim, Tony Blair<sup>81</sup> é

---

<sup>79</sup> **José Luis Rodríguez Zapatero**: Atual primeiro-ministro da Espanha e Antonio María Rouco Varela é o atual cardeal-arcebispo de Madrid. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>80</sup> **Walter Benjamin** (1892-1940): Filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>81</sup> **Anthony Charles Lynton ("Tony" Blair)**: Nasceu em 1953, em Edimburgo. É, desde 1997, o Primeiro Ministro Britânico. Blair estudou Direito em Oxford, convertendo-se em advogado especializado em Direito Sindical. Em 1983, foi nomeado membro do Partido Trabalhista Inglês (*Labour*) no Parlamento. Após a morte de John Smith, em 1994, Blair, com 41 anos, tornou-se o líder mais jovem já surgido no Trabalho. Como presidente no retorno do

um grande traidor. A esquerda deve ser reinventada.

### **Pode-se pensar numa esquerda à margem do capitalismo?**

Há quem considera que meu leninismo é uma provocação. Também há quem se ri do “fim da história” anunciado por Francis Fukuyama<sup>82</sup>, porém todos atuamos como se Fukuyama tivesse razão, como se o capitalismo liberal fosse a culminação do progresso. Não estou louco nem preconizo a fundação de um novo partido revolucionário. Só proponho que mantenhamos a mente aberta e não creiamos que a tolerância, o Estado de bem-estar e as “terceiras vias” constituam valores supremos.

### **Com respeito ao capitalismo, ele demonstrou uma capacidade quase infinita para engolir os que o contradizem.**

Certo. Vivemos várias vezes a “crise final” do capitalismo. Para Marx, foi o imperialismo, para Stalin foi o fascismo. O capitalismo sempre está em crise e cada vez ela é mais forte. Há agora bastantes pessoas que confiam secretamente em que uma grande

---

Conselho da União Européia, Blair aprovou o tratado de Maio de 1998, para a circulação do Euro. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>82</sup> **Francis Fukuyama (1952):** É professor de economia política internacional da Paul H. Nitze School of Advanced International Studies, na Johns Hopkins University, nos EUA. Seu primeiro livro, *O fim da história e o último homem* (1992) ganhou o Los Angeles Times Book Critics Award e o Prêmio Capri (Itália). Outros livros representativos de sua obra são: *Confiança* (1995), *A grande ruptura* (1999) e *Nosso futuro pós-humano* (2002), todos publicados pela Editora Rocco, de São Paulo. Especialista em questões políticas e militares da Europa e do Oriente Médio, Fukuyama já integrou o Conselho de Planejamento Político do Departamento de Estado norte-americano. Este ano lançou o livro *America at the crossroads: Democracy, power and the neoconservative Legacy* (Yale University Press). (Nota da *IHU On-Line*).

catástrofe ecológica acabe com o capitalismo. Ao contrário! Você imagina as oportunidades de inversão e negócio que se abririam com essa catástrofe?

### **E o nacionalismo? Você viveu de perto a tragédia iugoslava.**

Na antiga Iugoslávia, circulavam muitos gracejos politicamente incorretos, nos quais os eslovenos eram sempre tacanhos, os montenegrinos eram preguiçosos. O intercâmbio de ofensas de aparência racista era contínuo. E isso facilitava a convivência. A prova é que os gracejos desapareceram com a guerra. Só ficou a correção política, que é um racismo reprimido. É preciso rir. Por que não podemos rir-nos do Islã? A mim me interessa a religião muçulmana, porque tanto Ismael, filho de Abraão e Agar e patriarca dos árabes, como Maomé eram órfãos, e isso conduziu a uma religião antipatriarcal. Sabe que falar de Deus Pai é blasfêmia no Islã? Deveríamos deixar de afrontar o Islã com o foco da lente multiculturalista e tratar os muçulmanos aceitando com naturalidade que sejam distintos de nós. No século XIX, uma das críticas européias ao decadente Império Otomano era sua “degeneração multicultural”. E agora já vê em que resultou.

### **Você foi opositor a Slobodan Milosevic e inclusive se apresentou como candidato nas eleições presidenciais de 1990.**



Slobodan Milosevic<sup>83</sup> foi meu inimigo. A Sérvia tinha o maior potencial democrático de todas as repúblicas iugoslavas, porém Milosevic encaixou a antiga nomenclatura com os nacionalistas. Tito já havia posto as bases desse encaixe, porque nos últimos expurgos, os de princípios dos anos 1970, perseguiu os democratas e respeitou os nacionalistas. Em qualquer caso, Milosevic acabou fazendo um grande favor à Eslovênia. Somente uns 20% ou 30% dos eslovenos queriam a independência, porém bastou que aparecesse ele para que todos entendêssemos que este homem iria trazer a guerra: seu ambiente natural era a exceção, a crise, a pulsão ultranacionalista. Escapamos da Iugoslávia no último minuto, quando o exército ainda não havia sido depurado para convertê-lo em sérvio e Belgrado ainda não estava segura da fidelidade dos comandos intermédios. A Eslovênia teve sorte.

---

<sup>83</sup> **Slobodan Milošević (1941-2006):** Foi presidente da Sérvia e da República Federal da Iugoslávia. Era filho de um teólogo e uma professora. Em 1953 afiliou-se ao Partido Comunista da Iugoslávia. Estudou Direito na Universidade de Belgrado, formando-se em 1964 e iniciou sua atividade profissional na administração da República Socialista da Sérvia, mais precisamente em Belgrado, como assessor do prefeito, no início, e depois como chefe do serviço de informação do município. Em 1978, ascendeu para a direção do maior banco iugoslavo - o *Beogradska Banka* (Banco de Belgrado). Em 1980, Milošević começou a entrar paulatinamente na política. Em 1983 foi eleito membro do "Presidium" do Comitê Central do Partido Comunista da Sérvia e no ano seguinte fez-se Presidente do Comitê Municipal do partido, em Belgrado. A 15 de maio de 1986 chega a Presidente do Comitê Central do Partido Comunista da Sérvia e em 1989 foi eleito Presidente da República Iugoslava da Sérvia. Esta rápida ascensão que, em sete anos, levou-o de mero técnico da administração a Presidente da Sérvia surpreendeu a todos. Milošević morreu repentinamente enquanto enfrentava julgamento por uma série de crimes, incluindo genocídio cometido na Bósnia-Herzegovina, na Croácia e no Kosovo durante os anos 90. (Nota *da IHU On-Line*)

### **O que pensou quando a OTAN bombardeou os sérvios?**

Pensei no horror que deviam sentir meus amigos da esquerda européia. E pensei em que isso devia ter-se feito muito antes, porque se teria evitado muita morte. Os que pensam que houve uma conspiração imperialista para destruir a Iugoslávia se equivocam totalmente. A Iugoslávia já estava morta quando Milosevic chegou ao poder. Seu mérito consistiu, precisamente, em analisar de forma correta a situação. Tito já não existia, e sua fórmula iugoslava estava acabada. Foi o primeiro político iugoslavo a compreendê-lo.

# Um filósofo que pensa de novo

Por Reyes Mate

Reyes Mate escreve que, em seus quatro últimos livros, Slavoj Zizek reflete sobre os perigos do mundo e sua relação com o real e o virtual. Para isso se vale de instrumentos como a psicanálise lacaniana e o marxismo. O filósofo espanhol Manuel Reyes Mate é professor e pesquisador no Instituto de Filosofia de Madrid. Tem uma vasta obra publicada. Entre seus livros, citamos: *Memoria de Auschwitz. Actualidad moral y política*. Madrid: Trotta, 2003; *Por los campos de exterminio*. Barcelona: Anthropos, 2003; *Tolerancia y religión*, Barcelona: Anthropos, 2003. O artigo que segue foi publicado no jornal *El País*, em 25 de março de 2006. Os subtítulos são nossos.

Esteve na Unisinos durante o *IX Simpósio Internacional da Associação Ibero-Americana de Filosofia Política* e *VIII Colóquio de Filosofia Unisinos*, de 19 a 21 de outubro de 2005. Nessa ocasião concedeu entrevista exclusiva à *IHU On-Line*, na edição 164, de 14 de novembro de 2005. Dele a *IHU On-Line* publicou o artigo *O outro da religião*, edição número 127, de 13 de dezembro de 2004; a entrevista *As tradições religiosas e o melhor humanismo não devem permitir a morte do homem*, edição 128, de 20 de dezembro de 2004. Publicamos, também, o artigo *Uma cultura do consenso*, edição número 156, de 19 de setembro de 2005 e a entrevista *O campo de concentração está se convertendo no símbolo da política moderna*, edição no. 160 de 17 de outubro de 2005.

Faz falta um certo descalabro para escrever que o prestígio de que goza ultimamente Hannah Arendt é “o sinal mais claro da derrota da esquerda” Slavoj Zizek (Eslovênia, 1949) o possui quando, em *Quién dijo totalitarismo* (Quem disse totalitarismo) (Pre-Textos, 2002) arremete contra o desprestígio do termo radicalidade, que associamos imediatamente com totalitarismo: uma operação exitosa da feitoria Arendt<sup>84</sup>,

<sup>84</sup> Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica, nasceu em Hannover (Alemanha). Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Yaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde

escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Propôs, em uma distinção inusitada, que os termos labor, trabalho e ação fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Sua filosofia se assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*.Lisboa: Instituto Piaget;

cujos atuais produtores se especializaram em reduzir política a democracia liberal. Ele se apresenta como um filósofo radical, porque pensar é pensar de novo. Tornou-se filósofo, esclarece, em segunda opção, como quase todo o mundo. Sua aspiração era o cinema, até que se deu conta de que, para entender porque Charles Chaplin se opunha tão tenazmente ao cinema sonoro, tinha que lançar mão da filosofia. Zizek tem uma capacidade inata para surpreender-se perante ditos ou fatos que, aos demais, resultam normais. Do que necessitava era de instrumentos apropriados para dar conteúdo a essa capacidade de surpresa. Encontrou-os na psicanálise lacaniana e no marxismo. A psicanálise permite-lhe reconstruir a subjetividade do homem moderno, tão questionada por todos os que dominam o cenário filosófico, desde os desconstrutivistas aos procedimentalistas. Com a ajuda de Lacan, recompõe o cenário originário no qual deve desenvolver-se um sujeito à altura de nosso tempo. O que envolve o homem quando nasce não é um mundo inocente, senão uma realidade cheia de fracassos e injustiças que traumatizam a quem trate de ignorá-la, mas, que coloca a quem a reconheça ante a grave responsabilidade de dar uma dimensão política à sua subjetividade, tema de *El espinoso sujeto* (O espinhoso sujeito) (Paidós, 2001). Para isso existe o marxismo.

### **Sob o olhar da economia política**

Zizek, que sofreu os rigores da burocracia comunista na ex-Iugoslávia, não está disposto a jogar fora o marxismo com a água do comunismo. Ele não pode

---

*A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). (Nota da *IHU On-Line*)

renunciar ao conceito de economia política, isto é, não quer perder de vista o papel determinante dos interesses econômicos na construção e na explicação da política. Seu pensamento está repleto de sociologia, literatura, cinema, gracejos e uma astuta utilização do que poderíamos chamar de o motim da anedota, ou seja, a habilidade para questionar uma teoria com um exemplo que nela não encontre acomodação.

Com esta armação teórica sai a campo aberto para – com um livro por ano, considerando que odeia escrever, segundo diz em *Arriesgar lo imposible* (Trotta, 2006) – lutar contra as ofensas que lhe vêm de passagem. Seu olhar sobre o que chamamos de “nosso mundo” é corrosiva. Este mundo está composto, com efeito, de café sem cafeína, nata sem gordura, guerra sem baixas (próprias), política sem política, ou seja, nos é oferecida uma existência desprovida de substância, pelo que esta tem de conflitante e amarga. Daqui tira duas conclusões de certa maneira contraditórias: como a realidade pura e dura está cheia de perigos, é preciso deslocar o homem à realidade virtual, único lugar no qual se pode libertar da amarga substância. E, em segundo lugar, o mandato do gozo. Gozar é obrigatório e não fazê-lo implica culpabilidade. Então, por que não, em lugar de café, injetar-se cafeína? Por que não, em lugar da excitação da realidade externa, tomar drogas que animem diretamente o cérebro? O problema é que, apesar de toda esta decoração artificial, a guerra causa mortes e a droga não traz a felicidade. Aí se situa Zizek.

### **Refundar a esquerda**

E provoca verdadeiramente quando ele, disposto a refundar a esquerda, prefere as más companhias dos conservadores. Por

exemplo, a de Pascal<sup>85</sup> um cristão da velha moda que mobiliza seu grande talento contra o novo. Admira essa rebeldia, porque é sinal de que Pascal reconheceu a força do novo, os desvios que acarreta, as mudanças profundas que exige. Quem não se dá conta de nada é o progressista sempre disposto a estar em dia e correr atrás do último. É o mesmo temperamento de Charlot<sup>86</sup>, quando se opunha ao cinema sonoro: ele, sim, sabia o que estava em jogo.

Com Zizek, não nos podemos fiar. Pensamos que está conosco, porém logo adverte que é por razões opostas às nossas. Passa com o multiculturalismo, que ele acossa sem tréguas. De que serve, se pergunta, não guisar os hambúrgueres na Índia com gordura de vaca, se essa multinacional é portadora do vírus econômico que arruína os recursos naturais, as tradições culturais e suas formas de organização? O respeito ao outro, que deve fechar os olhos a costumes bárbaros como queimar viva a mulher do viúvo, que é o que se faz hoje na Índia? Nem está com os que sublimam o respeito ao outro, nem com os que defendem valores universais, sem atrever-se a tocar o uniformismo letal do capitalismo.

<sup>85</sup> **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>86</sup> **Charlot** (1889-1977): Pseudônimo de Charles Chaplin, figura capital e universal do cinema. Foi o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. A sua obra é a síntese madura do melodrama romântico e da sátira social mais pungente, independente e inconformista, cômica e sentimental em simultâneo, animada por sentimentos humanitários e não carente de certa amargura. (Nota do *IHU On-Line*)

### Zizek e Paulo de Tarso

A companhia de pensadores radicais ocidentais tornou-o suspeito ante os burocratas comunistas. Nada estranho, se constatamos predileções tão pouco ortodoxas como o interesse que estes mostram por Paulo de Tarso, por exemplo. Podemos enumerar até meia dúzia de livros paulinos entre os filósofos políticos contemporâneos: Agamben<sup>87</sup>, Badiou<sup>88</sup>, Taubes<sup>89</sup>... Zizek não fica atrás até o ponto de definir-se como um materialista pauliniano. O subtítulo de *El frágil absoluto* (Pré-Textos, 2002) é: 'Por que vale a pena lutar pelo legado cristão?' Na carta aos Coríntios Paulo fala, a

<sup>87</sup> **Giorgio Agamben** (1942): Filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Il linguaggio e la morte* (Einaudi, 1982), *La formula della creazione* (Quodlibet, 1993), escrito com Giles Deleuze, *Homo Sacer* (Einaudi, 1993) *Homo sacer- O poder soberano e a vida nua -UFMG*, *Que lê resta di Auschwitz*, (Bollati Boringhieri, 1998) e *Stato di Eccezione* (Bollati Boringhieri, 2003). A edição 81 da *IHU On-Line*, de 27 de outubro de 2003, intitulada *O estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, dedicou seu tema de capa a esse pensador. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>88</sup> **Alain Badiou**: autor, entre outros livros, de *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (São Paulo. A fundação do universalismo), Paris: PUF, 1997, 1ª. Edição; 1999, 3ª. Edição. Cf. também o livro Alain Badiou no Brasil. Apresentação e organização Célio Garcia, Autêntica: Belo Horizonte, 1999. A revista *IHU On-Line* da semana que vem, 10 de abril de 2006, terá como tema de capa *A recepção de Paulo no Ocidente*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>89</sup> **Jacob Taubes** (1923-1987): Teólogo, filósofo e exegeta vienense. Foi professor na Universidade Livre de Berlin, autor do livro *Théologie Politique de Paul* (A teologia política de Paulo), Éditions du Seuil, Paris, 1999 e discípulo de Gershom Scholem. A revista *IHU On-Line* da semana que vem, 10 de abril de 2006, terá como tema de capa *A recepção de Paulo no Ocidente*. (Nota da *IHU On-Line*)

propósito do amor, do “ódio aos pais”, que Zizek interpreta como rebelião contra o mundo de valores e símbolos que nos rodeia; ele aposta por uma subjetividade política capaz de criar de novo o mundo. Porém é em *El títere y el enano* (O títere e o anão) (Paidós, 2006) que Paulo ocupa o centro de sua reflexão. Neste livro, o tema é o subtítulo: “O núcleo perverso do cristianismo”. A perversão consiste em criar um grande outro que anula esse momento criativo da liberdade, próprio de quem sabe que não há garantia e que é preciso julgá-la com cada decisão. O cristianismo é perverso, porque, em lugar de deduzir as conseqüências do abandono de Jesus na cruz, construiu uma história com um outro onipotente. Sua salvação depende de que se autodestrua com a religião.

### **Uma leitura da atualidade a partir do cinema**

Já foi falado sobre o partido que Zizek tira das películas... Em *Matrix*<sup>90</sup>, quando o herói desperta à crua realidade, vê uma paisagem desolada, o que ficou de Chicago depois de uma guerra mundial. O líder da resistência, Morpheus<sup>91</sup>, recebe o herói com um “Bem-vindo ao deserto”, frase que dá pé ao título de outro dos livros de Zizek, recentemente traduzido,

---

<sup>90</sup> **Matrix:** Filme realizado pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves no papel de Neo e lida com temas como o domínio da tecnologia sobre o homem, a ficção científica e a liberdade. O filme também contém muitas cenas de lutas com artes marciais e armas, cujos efeitos especiais foram tão bem executados, que viraram ícones e passaram a ser imitados em vários filmes posteriores. É a primeira parte de uma trilogia. O filme remonta a várias histórias como o mito da caverna de Platão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>91</sup> **Morpheus:** Personagem do filme *Matrix* interpretado por Laurence Fishburne, ator americano. É o líder do grupo que luta contra a Matrix. Ele é o responsável pela descoberta de Neo, personagem de Keanu Reeves. (Nota da *IHU On-Line*)

*Bienvenidos al desierto de lo real*<sup>92</sup> (Akal, 2005). O argumento do filme serve-lhe para explicar o atentado do 11 de Setembro. Não deveríamos ver, nos diz, nas Torres Gêmeas o símbolo do poder mundial, senão a encarnação do deserto, do capitalismo especulativo financeiro, cuja realidade é virtual. Pois bem, se o nada governa o mundo, por que estranhar que o mundo real de fora seja uma ameaça a essa irrealdade? O capitalismo financeiro seria o melhor alimentador do terror e o que os habitantes do Primeiro Mundo – que são os que se aproveitam do mundo virtual – deveriam perguntar-se, é por que não conhecem uma causa pela qual valha a pena sacrificar-se. Kieslowski<sup>93</sup>, o diretor da famosa trilogia das cores, lhe serve de guia ao seu *Lacrimae rerum. Ensayos sobre cine moderno y ciberespacio* (Debate, 2006). Nada como o cinema para fazer-nos ver que a ficção, embora seja tomada pelo real, não é a realidade. Porém, o que aqui persegue é indagar por que vivemos a realidade como pesadelo do qual é preciso fugir. Não haveria maneira de transformar o que nos causa dano em ponto de partida de uma reconstrução da realidade, que não seja fuga ao virtual? *Lacrimae rerum* (As lágrimas das coisas) era o nome que os antigos davam às lágrimas da cena, as únicas que suportavam, porque as reais provocavam pavor. Mediante mil aproximações, Zizek trata de dizer-nos que o grave não é que tenhamos perdido

---

<sup>92</sup> **Bem-Vindo ao Deserto do Real!** São Paulo: Boitempo, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>93</sup> **Krzysztof Kieslowski:** cineasta polonês. Fez, ao todo, 23 filmes, dentre os quais se destacam *Amator* (1979), *Decálogo* (1988), e *A Trilogia das Cores*, inspirada nas cores da bandeira francesa, e em seus significados, um dos momentos mais poéticos do cinema na década de 90. *A Liberdade é Azul*, (1993) é o primeiro dos filmes da trilogia e é um drama. *A Igualdade é Branca* (1993) é o segundo e o mais perto que Kieslowski chega de uma comédia. *A Fraternidade é Vermelha*, (1994) é o terceiro e último filme. (Nota da *IHU On-Line*)

de vista a realidade, senão que perdemos de vista o sentido da realidade simbólica, ou seja, a capacidade de ver no imperfeito da vida, em suas dores e contradições, o único sentido capaz de tirar-nos da imobilidade à qual nos remete este mundo virtual tomado pela realidade.

Mais além da provocação ou do virtuosismo indigesto, próprio do jogador

que regateia até sua sombra, o que é preciso ver neste autor é o resgate do gesto filosófico originário, como diz Antonio Gimeno, tradutor e impulsionador do conhecimento de Zizek na área de fala espanhola. Este gesto de pensar novamente – algo que, tratando-se da filosofia, deveria ser evidente – é o que resulta excepcional. Por isso seduz tanto.

## Artigo da semana

# Todos dentro da Disneylândia

Por Jean Baudrillard

Para o filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard, a nulidade é a verdadeira pornografia dos dias atuais, o desejo perverso da pura obscenidade. O artigo que segue foi publicado no jornal italiano *Repubblica*, em 29 de março de 2006. Os subtítulos são nossos.

De Baudrillard a *IHU On-Line* publicou o artigo *A máscara da guerra*, na edição 51, de 17 de março de 2003. O Prof Juremir Machado da Silva apresentou o *IHU Idéias* de 11 de setembro de 2003, intitulado *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*. Sobre esse tema, Juremir concedeu uma entrevista na 74ª edição da *IHU On-Line*, de 8 de setembro de 2003, sob o título *11 de setembro segundo Jean Baudrillard*.

Baudrillard é um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, autor de vários livros entre os quais destacamos: *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; *A Ilusão Vital*. Civilização Brasileira, 2001 e *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

Toda a nossa realidade se tornou experimental. Na ausência de destino, o homem moderno é consignado a uma experimentação sem limites sobre si mesmo. Duas demonstrações recentes:

uma, *Loft Story*<sup>24</sup>, para falar diretamente da ilusão midiática do real; a outra,

---

<sup>24</sup> *Loft Story* é o nome dado na França ao reality show conhecido como Big Brother (Nota da *IHU On-Line*)

*Catherine Millet*<sup>95</sup>, para falar diretamente da ilusão fantasmática do sexo. O *Loft* tornou-se um conceito universal, um condensado do parque humano da atração, do gueto, da saída fechada e do anjo exterminador. A reclusão voluntária como laboratório de uma convivência de síntese, de uma sociabilidade telegeneticamente modificada.

E aqui, quando tudo é mostrado (como no *Big Brother*, e outros reality shows), que se percebe que não existe mais nada a ver. É o espetáculo da chatice, do grau zero, onde é fornecida a prova, contrariamente a todos os objetivos, do desaparecimento do outro, e talvez também do fato de que o ser humano não é fundamentalmente um ser social. O equivalente de um *ready made* – transposição tal e qual do *everday life*, esta mesma já maquiada por todos os modelos dominantes. Banalidade da síntese, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle.

### **Reality shows e Disneylândia**

Nisso, o microcosmo artificial do *Loft* é semelhante à Disneylândia, que dá a ilusão de um mundo real, de um mundo externo, enquanto ambos são exatamente a imagem um do outro. Todos os Estados Unidos são Disneylândia, e todos estamos dentro da *Loft*. Não há nenhuma necessidade de entrar no duplo virtual da realidade, já estamos lá – o universo televisivo é apenas um detalhe holográfico da realidade global na qual vivemos. Mesmo dentro da nossa existência mais cotidiana, vivemos numa situação de realidade experimental. E é daqui que provém a fascinação, pela imersão e interatividade espontânea.

---

<sup>95</sup> Catherine Millet: Autora de *La Vie Sexuelle de Catherine M.* (*A Vida Sexual de Catherine M.*, Rio de Janeiro: Ediouro: 2001), em que descreve encontros sexuais que manteve com centenas de anônimos. (Nota da *IHU On-Line*)

Trata-se de voyeurismo pornô? Não. Há sexo por toda a parte, não é isso que as pessoas procuram. O que desejam profundamente é o espetáculo da banalidade, e é esta que constitui hoje a verdadeira pornografia, a verdadeira obscenidade – a nulidade, a inconsistência e a vulgaridade. No extremo oposto do Teatro da Crueldade. Mas, talvez possamos encontrar aqui uma forma de crueldade, ao menos virtual. Precisamente no momento em que a televisão e a mídia são cada vez menos capazes de dar conta dos acontecimentos (insuportáveis) do mundo, e descubrem a vida cotidiana, a banalidade existencial, como o acontecimento mais homicida, a atualidade mais violenta, o próprio lugar do crime perfeito. E, de fato o é. E as pessoas estão fascinadas, fascinadas e aterrorizadas pela indiferença do nada-que-dizer, do nada-que-fazer, da indiferença de sua própria existência. A contemplação do crime perfeito, da banalidade como novo *look* da fatalidade, tornou-se uma verdadeira e própria disciplina olímpica, a última metamorfose dos esportes extremistas.

### **A visibilidade como poder e controle**

Tudo isso reforçado pelo fato de que é o próprio público a ser mobilizado como juiz, que se tornou ele próprio o *Big Brother*. Estamos além da “panóptica”, da visibilidade como fonte de poder e de controle. Não se trata mais de tornar as coisas visíveis a um olho externo, mas de torná-las transparentes a si mesmas mediante a passagem do controle pela massa, e cancelando de vez os vestígios da operação. Assim os espectadores estão implicados numa gigantesca contratransferência negativa sobre si mesmos e, ainda uma vez, é daqui que deriva a atração vertiginosa deste gênero de espetáculo.

No fundo, tudo isso corresponde ao direito e ao desejo imprescritível de ser Nada e de ser vistos como tais.

Há dois modos de desaparecer: ou se exige não se ser visto (é a atual problemática do direito à imagem), ou então a gente se aprofunda no exibicionismo delirante da própria nulidade. Tornamo-nos ninguém para sermos vistos e guardados como tal – extrema proteção contra a necessidade de existir e a obrigação de sermos nós mesmos.

Resulta daqui a exigência contraditória e simultânea de não ser vistos e de ser continuamente visíveis. Todos jogam ao mesmo tempo sobre ambas as vertentes e nenhuma ética nem legislação podem resolver este dilema – aquele do direito incondicionado de ver e aquele, igualmente incondicionado, de não ser vistos. A informação completa faz parte dos direitos do homem e, por isso, também a visibilidade forçada, a superexposição a luzes da informação.

### **A violência da confissão**

A expressão de si como forma extrema da confissão, de que falava Foucault. Não guardar nenhum segredo. Falar, falar, comunicar infundavelmente. Tal é a violência feita a cada indivíduo e ao seu segredo. E, ao mesmo tempo, trata-se de uma violência feita à linguagem, porque, a partir daqui, isso perde também a sua originalidade, não é mais que meio de comunicação, operador de visibilidade, perde toda dimensão irônica ou simbólica – lá onde a linguagem assume uma importância maior do que aquilo de que fala. E, o pior desta obscenidade, desta falta de pudor, é o compartilhar forçado, aquela cumplicidade automática do espectador que nada mais é senão o resultado de um verdadeiro e próprio seqüestro. É este o objetivo mais claro da

operação: a escravidão das vítimas, mas uma escravidão não obstante, voluntária, aquela das vítimas que gozam do mal que lhes é feito, da vergonha que lhes é imposta.

### **A autodestruição como experiência estética**

O compartilhar, da parte de uma sociedade inteira, do seu mecanismo fundamental: a exclusão interativa, que é o cúmulo! Decidida em comum, consumada com entusiasmo. Se tudo acaba na visibilidade que é, como o calor na teoria da energia, a forma mais degradada da existência, então o ponto crucial é o de conseguir fazer desta perda de todo espaço simbólico, desta forma extrema de desencanto da vida, um objeto de contemplação, de sideração e de desejo perverso. “A humanidade, que outrora, com Homero tinha sido objeto de contemplação pelos deuses olímpicos, agora se tornou tal para si mesma. A alienação de si mesma chegou naquele grau que a faz viver a sua própria destruição como uma sensação estética de primeira ordem” (Walter Benjamin). O experimental toma, assim, em toda parte o lugar do real e do imaginário. Os protocolos da ciência e da verificação nos são inoculados em qualquer âmbito e estamos sempre aí a seccionar, em « vivisseção », sob o bisturi da « cinepresa », a dimensão relacional e social, fora de qualquer linguagem e contexto simbólico. Também Catherine Millet é experimental – outro gênero de “vivisseção”. Todo o imaginário da sexualidade é afastado, resta somente um protocolo como verificação ilimitada do funcionamento sexual, um mecanismo que, no fundo, não tem mais nada de sexual.

### **Duplo contra-senso**

- fazer da própria sexualidade a referência última. Rejeitada ou



manifestada, de qualquer modo a sexualidade não é mais do que uma hipótese e, enquanto tal é falso tomá-la como uma verdade e uma referência. A hipótese sexual é mais do que um fantasma, talvez, e, em todo o caso, a sexualidade assumiu a autoridade e a aura de estranho atrativo, do qual goza agora, graças à repressão sexual – se manifestada, ela perde também esta qualidade potencial.

- - de onde o contra-senso e a absurdidade da passagem ao ato e de uma “liberação” sistemática do sexo: não se libera uma hipótese. Quanto ao provar o sexo pelo sexo, que tristeza! Como se a “magia” não se fosse toda na finta, no *détour*, no *transfert*, na metáfora – tudo reside, de fato, no filtro da sedução, no *détournement*, não no sexo e no desejo, mas no jogo com sexo e com desejo. É isso que torna desmedidamente impossível a operação do sexo “em direto”, assim como aquela da morte em direta da própria direta televisiva – tudo é se torna surpreendentemente naturalístico. É a pretensão de fazer acontecer tudo no mundo real, em substância, de precipitar tudo numa realidade integral. E, de qualquer modo, é precisamente esta a própria essência do poder.

- “A corrupção do poder é a de inscrever no real tudo o que era da ordem do sonho...” A chave nos é fornecida por Jacques Henric<sup>96</sup> na sua concepção da imagem e da fotografia: inútil velar-se a face, a nossa curiosidade pelas imagens é sempre de ordem sexual – tudo o que nos cerca é, afinal, o sexo, e em particular o sexo feminino. Esta não é apenas a origem do mundo (Courbet<sup>97</sup>), mas a

---

<sup>96</sup> Jacques Henric: Escritor francês, autor de *Legendas de Catherine M.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>97</sup> Gustave Courbet (1819-1877): pintor francês pertencente à escola realista. Foi, acima de tudo, um pintor de paisagens campestres e marítimas onde o romantismo e idealização da altura são substituídos

origem de todas as imagens. Andemos, então, para dentro sem hesitação e fotografemos esta única coisa, obedeçamos sem remorso à pulsão “finalística”! É o princípio do *realerotik*, do qual o contínuo *acting-out* copulatório de Catherine Millet é o equivalente para o corpo: já que, no final, o que todos sonhamos é o uso sexual ilimitado do corpo, passamos sem hesitação à execução do programa!

- Nada mais de sedução, nada mais de desejo e nem sequer mais prazer: tudo está ali, na repetição ilimitada, dentro daquele acúmulo no qual a quantidade desconfie sobretudo da qualidade. Sedução aliciadora. A única questão que se quisesse colocar é aquela que sussurra o homem ao ouvido da mulher durante uma orgia: *what are you doing after the orgy?* (o que você faz após a orgia?). Mas, é inútil, já que, para ela, não existe nenhum além da orgia.

---

por uma representação da realidade fruto de observação direta. (Nota da *IHU On-Line*)

# Teologia Pública

## Quem foi Dietrich Bonhoeffer

Dietrich Bonhoeffer foi pastor, teólogo luterano e mártir alemão. Nascido em Breslau, Alemanha, em 4 de fevereiro de 1906. Era filho de um psiquiatra de classe média alta. Quando jovem decidiu-se seguir a carreira pastoral na Igreja Luterana, doutorou-se em teologia na Universidade de Berlim e fez um ano de estudos no Union Theological Seminary em Nova York. Retornou a Alemanha em 1931.

Bonhoeffer foi um dos mentores e signatários da Declaração de Bremen, quando em 1934, diversos pastores luteranos e reformados, formaram a Bekennende Kirche, Igreja Confessional, rejeitando desafiadoramente o nazismo: "Jesus Cristo, e não homem algum ou o Estado, é o nosso único Salvador".

Obviamente o movimento foi posto em ilegalidade e em abril de 1943, Bonhoeffer foi preso por ajudar judeus a fugirem para a Suíça. Levado de uma prisão para outra, em 9 de abril de 1945, três semanas antes que as tropas aliadas libertassem o campo, foi enforcado em Flossenburg em 9 de abril de 1945, por ordens diretas do *Führer*, junto com seu irmão Klaus, e cunhados Hans von Dohnanyi e Rüdiger Schleicher.

Em português foram publicados os livros *O discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 1980, *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, *Vida em comunhão*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, *Dietrich Bonhoeffer: discípulo, testemunha, mártir, meditações*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

# Dietrich Bonhoeffer: o teólogo que viveu o ecumenismo

Entrevista com Harald Malschitzky

Harald Malschitzky é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em São Leopoldo. Ele concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a revista *IHU On-Line*, na última semana, na qual fala sobre a vida e o pensamento de Dietrich Bonhoeffer, neste ano em que se celebra o centenário de nascimento do teólogo que via em todos os seres humanos criaturas de Deus dignas. Para Bonhoeffer, “fé não é uma piedade enfiada entre quatro paredes, mas é viver o sofrimento solidário de Deus dentro e para o mundo”. Harald é autor de *Dietrich Bonhoeffer (Discípulo, testemunha, mártir). Meditações de Harald Malschitzky sobre textos selecionados de Dietrich Bonhoeffer*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

***IHU On-Line* - Dietrich Bonhoeffer é considerado um dos teólogos mais importantes da primeira metade do século XX. Qual a principal contribuição dele para a teologia?**

**Harald Malschitzky** – Não se pode compreender Bonhoeffer sem levar em conta o contexto de seu tempo. Uma guerra tinha terminado, depressão na Alemanha, Hitler assume o poder e a segunda guerra mundial é alinhavada para, em seguida, eclodir. Some-se a isso a política interna de Hitler. Sua contribuição para a teologia é multifacetada: sair da teologia puramente acadêmica e tantas vezes estéril, sua visão da concreticidade da igreja dentro do mundo e para o mundo; seu jeito de encarar a secularização como um processo que desafia a igreja; sua visão e prática ecumênica; sua clareza quanto ao fato de que a igreja cristã tem suas raízes no judaísmo e, portanto, no Antigo Testamento; sua clareza quanto ao papel do cristão e da igreja no terreno político; sua profunda espiritualidade.

***IHU On-Line* - Bonhoeffer vigorosamente defendia a causa do**

**ecumenismo e desafiava as igrejas cristãs a participarem de movimentos e associações de cunho ecumênico. O que ele teria a dizer para as igrejas de hoje? E para a proposta do diálogo inter-religioso?**

**Harald Malschitzky** – Mais do que discutir o ecumenismo e suas bases, ele viveu o ecumenismo. Por exemplo, foi um dos três secretários internacionais dos jovens de um dos movimentos que viria a constituir o Conselho Mundial de Igrejas. Em uma estada mais longa em Roma, ele julgou compreender melhor o catolicismo. Sua vida e teologia nunca ficaram limitadas a sua própria igreja. Penso que hoje ele repetiria o que ele propôs como programa em uma assembléia ecumênica em agosto de 1934: As igrejas deveriam organizar um concílio mundial para decretar a paz, arrancar as armas das mãos de seus filhos, proibir a guerra e, assim, contribuir para a plenitude de vida para a humanidade. Aliás, esta idéia voltou agora na assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Porto Alegre. Talvez sem esta radicalidade. Quanto ao diálogo inter-religioso, creio que podemos tirar

algumas conclusões de sua teologia e de sua vida. Em primeiro plano, está a maneira de encarar o povo judeu e seu papel e a defesa radical dos judeus em particular. Depois é importante lembrar que Bonhoeffer havia planejado por duas vezes ir à Índia, não apenas em viagem de turismo. Por razões diversas, isso nunca se concretizou. E temos ainda que lembrar a sua teologia que vê em todos os seres humanos criaturas de Deus dignas.

***IHU On-Line - Sua resistência sistemática ao Nacional-Socialismo de Hitler fez de Bonhoeffer um líder e advogado em defesa dos cidadãos judeus. Quais as principais conquistas que se atribuem a ele neste sentido?***

**Harald Malschitzky** – Parece-me que por advogar a causa dos judeus – entre outros – é que Bonhoeffer participou da resistência sistemática ao regime de Hitler. Isso tem a ver com sua forma concreta de compreender a fé e a ação cristã. Fé não é uma piedade enfiada entre quatro paredes, mas é viver o sofrimento solidário de Deus dentro e para o mundo. Esta sua atitude de viver radicalmente o amor de Deus é que o levou ao cadafalso, mas ajudou a ver de outra forma a convivência entre povos. Todos os memoriais na Alemanha do genocídio dos judeus lembram também nomes como o de Dietrich Bonhoeffer. A aceitação do outro como ele é, na sua diferença, é uma bandeira que sempre tem e terá alguma influência da teologia de Bonhoeffer. A sua frase que ficou célebre: “Somente quem defende a causa dos judeus tem direito de cantar gregoriano”, vale também para outros povos não-judeus. Preconceitos de raça, cultura, gênero são demoníacos.

***IHU On-Line - Qual a verdade sobre a acusação do envolvimento de Dietrich***

***Bonhoeffer num plano para assassinar Hitler, o que o levou à sua execução?***

**Harald Malschitzky** – Bonhoeffer, junto com muitas pessoas, reconheceu muito cedo a truculência de Hitler. Num certo momento, ele diria que as igrejas (os cristãos) não podiam se limitar a cuidar dos feridos que um louco ao volante faz. Era preciso arrancar o louco do volante. Inicialmente Bonhoeffer tentou o caminho ecumênico. Ele imaginava que as igrejas no mundo condenariam o regime de Hitler. Depois ele estava presente quando também altas patentes militares, entre as quais estavam amigos e até parentes, planejaram um golpe de estado. Como também este falhou, ele começou a participar dos planos para matar o ditador. Quando o atentado de 20 de julho<sup>98</sup> se aproximava, ele, da prisão, aconselhou sua noiva a não permanecer em Berlim naqueles dias. Bonhoeffer, um pacifista confesso, de repente se vê diante do desafio de matar um ditador! A circunstância determinava a ação embasada em sua teologia.

***IHU On-Line - O que as cartas de Bonhoeffer escritas na prisão, oferecem para os debates da teologia cristã do século XXI?***

**Harald Malschitzky** – Na prisão, Bonhoeffer escreveu não apenas cartas, mas também reflexões e textos maiores, bem como alguns poemas. Todo este rico material é a descrição de um ser humano profundamente cristão, que sofria, tinha esperanças, sentia saudades, teve momentos de desespero a ponto de

---

<sup>98</sup> No dia 20 de julho de 1944, Adolf Hitler foi alvo de um atentado. O coronel Conde Von Stauffenberg, um oficial do estado-maior de 37 anos, conseguiu colocar uma bomba-relógio no abrigo onde Hitler estava, a *Wolfsschanze*, a Toca do Lobo, perto de Rastenburg, na Prússia Oriental. Tentativa que fracassou, apesar da destruição que a explosão causou no interior do bunker. Bonhoeffer foi acusado de estar envolvido nesta iniciativa. (Nota da *IHU On-Line*)

pensar em suicídio. Este era o homem que vivia do perdão diário de Deus, pois, segundo ele mesmo, Deus somente não perdoa o erro de não fazer nada. Há um poema seu que é impressionante na busca de uma resposta sobre si mesmo. Cito somente algumas linhas do seu final:

“Quem sou eu? Este ou aquele?  
Sou hoje este e amanhã um outro?  
Sou ambos ao mesmo tempo? Diante das  
pessoas um hipócrita?  
E diante de mim mesmo um covarde  
queixoso e desprezível?  
Ou aquilo que há em mim será como um  
exército derrotado,  
Que foge desordenado à vista da vitória já  
obtida?  
Quem sou eu? O solitário perguntar  
zomba de mim.  
Quem quer que eu seja, ó Deus, tu me  
conheces, sou teu”.

O que ele nos lega? Cristãos são gente, nada mais; gente que busca pautar a sua vida e conduta pelo Evangelho; gente que se abandona totalmente nos braços de Deus e que atua como se Deus não existisse.

***IHU On-Line - O seu livro Dietrich Bonhoeffer: Discípulo, Testemunha, Mártir, Meditações traz uma seleção de textos de Bonhoeffer, que refletem sobre temas centrais da fé cristã. Que temas são esses?***

**Harald Malschitzky** – O livro é um projeto da Editora Sinodal<sup>99</sup>. A tentativa foi escolher textos de Bonhoeffer para que o livro apresentasse a variedade e desse uma idéia abrangente do pensamento daquele teólogo. São sete blocos que, por sua vez, se subdividem. Os títulos dos blocos são: Cristo, Discipulado, Amor, Igreja, Mundo,

<sup>99</sup> **Editora Sinodal:** situada na Rua Amadeo Rossi, nº 467, CP 11, CEP 93001-970, São Leopoldo, RS. (Nota da *IHU On-Line*)

Política e Futuro. Eu não participei da seleção dos textos de Bonhoeffer. O desafio consistiu em compreender o autor em seu momento e contexto e traçar linhas até a atualidade. Em outras palavras, perguntar pela atualidade de sua teologia.

***IHU On-Line - O que dizer sobre a célebre e paradoxal proposta de Bonhoeffer: “viver e agir segundo o exemplo de Cristo, como se Deus não existisse (etsi Deus non daretur)”?***

**Harald Malschitzky** – Não é novidade que cristãos e igrejas inteiras, no decorrer da história, esperaram e esperam milagres que façam acontecer aquilo que eles mesmos deixaram de fazer. A igreja no tempo de Bonhoeffer vivia para si mesma, cuidava muito de seus temas domésticos, e Deus que desse um jeito no mundo. A teologia, muitas vezes, constitui um enorme arcabouço teórico. Para Bonhoeffer, Igreja só serve se está com os dois pés no mundo e a serviço deste mundo de Deus. E é neste mundo que cristãos e suas igrejas precisam arregaçar as mangas *etsi Deus non daretur*, sabendo-se guardados e amparados pelo próprio Deus. Em outras palavras, o cristão não deixa que Deus faça o que ele poderia ter feito. Seu agir somente termina quando todos os caminhos chegarem ao fim e todas as suas forças estiverem esgotadas. Não antes! Bonhoeffer era um “ateu cristão” como se chegou a dizer.

***IHU On-Line - Para Dietrich Bonhoeffer, o que significa ser cristão?***

**Harald Malschitzky** – Deixemos que ele mesmo responda a esta pergunta. “Ser cristão não significa ser religioso em uma determinada direção, sob a pressão de qualquer metódica tornar-se algo (pecador, penitente ou santo), mas, ao contrário ser cristão é ser homem. Não

apenas um certo tipo de homem, mas o homem que Cristo cria em nós. Não é que o ato religioso produz o homem, mas

sim a participação no padecimento de Deus na vida do mundo”.

## Deu nos jornais

Diariamente a página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) no link “notícias diárias” apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas das “notícias diárias” da página do IHU.

### **Alckmin e Lula racham a Igreja Católica**

A “guerra santa” chegou à disputa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. O embate entre tucanos e petistas divide a Igreja Católica e, pela primeira vez desde a redemocratização, esse racha está mais explícito. De um lado, bispos e padres das alas mais conservadoras e até mesmo de segmentos moderados trabalham pela candidatura de Alckmin nos bastidores. Do outro, o Palácio do Planalto iniciou uma ofensiva, por meio de ministros ligados à Igreja, e tem conseguido manter o apoio da ala mais progressista. A reportagem é do jornalista Gerson Camarotti e publicada no jornal *O Globo*, 26-3-06.

No núcleo da CNBB, a percepção é de que Lula perdeu um espaço, pequeno mas importante, que tinha entre os moderados. E perde também nos setores progressistas. Isso ficou claro recentemente nas críticas à condução das políticas econômica e social do governo Lula feitas por dirigentes da entidade como dom Geraldo Majella, presidente da CNBB e o secretário-geral, dom Odilo Scherer. Para mais detalhes confira as notícias diárias de 27 de março, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

### **Banho de ética. Banco estatal beneficiou aliados de Alckmin**

O governo Geraldo Alckmin (PSDB) direcionou recursos da Nossa Caixa para favorecer jornais, revistas e programas de rádio e televisão mantidos ou indicados por deputados da base aliada na Assembléia Legislativa. A reportagem é do jornalista Frederico Vasconcelos do jornal *Folha de S. Paulo*, 26-3-06.

Documentos confirmam que o Palácio dos Bandeirantes interferiu para beneficiar, com anúncios e patrocínios, os deputados estaduais Wagner Salustiano (PSDB), Geraldo “Bispo Gê” Tenuta (PTB), Afanázio Jazadji (PFL), Vaz de Lima (PSDB) e Edson Ferrarini (PTB).

A cúpula palaciana pressionou o banco oficial para patrocinar eventos da Rede Vida e da Rede Aleluia de Rádio. (Ambas as redes são católicas) Autorizou a veiculação de anúncios mensais na revista Primeira Leitura, publicação criada por Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo Fernando Henrique Cardoso. Ele é cotado para assessorar Alckmin na área econômica. Recentemente, a *Quest Investimentos*, empresa de Mendonça de Barros, foi escolhida para gerir um novo fundo da Nossa Caixa. Para mais informações conferir as notícias diárias de 27 de março, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

### **Los Angeles. Uma marcha pelos clandestinos**

”É uma marcha pela dignidade”, anuncia o editorial do jornal *La Opinión* de Los Angeles, o maior diário hispânico do país. Meio milhão de pessoas desfilaram, sábado, pelas ruas da

capital californiana. Algo nunca vista na cidade, segundo os jornais *Le Monde*, *Le Figaro* e *Repubblica* de hoje, 27-3-06. Segundo o jornal francês *Le Figaro*, mesmo durante a guerra do Vietnã, Los Angeles viu uma manifestação tão grande como a de sábado. As **notícias diárias** desta página, no sábado, 25-3-06, destacaram a marcha e os seus objetivos.

### **Unicamp e Unisinos traçam plano de prevenção contra a gripe aviária**

Sob o título acima, o Jornal da Unicamp, desta semana, 27 de março a 3 de abril, publica uma ampla reportagem assinada por Manuel Alves Filho. Confira as notícias diárias de 28 de março, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

### **Água para a Aracruz Celulose**

A Aracruz Celulose consome hoje na indústria do Espírito Santo 248 mil metros cúbicos de água/dia, o equivalente a uma cidade de 2.500.000 habitantes, para produzir suas 2 milhões de toneladas/ano de celulose. Esta apropriação gratuita e privada de H<sub>2</sub>O para o seu processo industrial significou uma transformação profunda, além de ilegal, do traçado de inúmeros rios e córregos da região, interceptados por grandiosas obras hidráulicas.

Enquanto isso, comunidades indígenas, quilombolas, campesinas e pescadores ao redor da fábrica e também das plantações de eucalipto sofrem tremendamente por falta d'água numa região originalmente de vasta biodiversidade e fartura de água. Do pouco que resta, há um enorme grau de contaminação pelos agroquímicos usados nos eucaliptais, inviabilizando a pesca, dificultando a agricultura e demais usos domésticos.

Sem transparência nas informações e forjando interpretações de consumo, a empresa deixa grandes lacunas em seus relatórios de sustentabilidade. Para as comunidades, não há dúvidas: falta água.

A nota é de Daniele Meirelles, da FASE - Espírito Santo e está publicada na revista *Proposta*, setembro/dezembro de 2005, p. 28.

### **A desertificação do pampa**

"O Rio Grande do Sul, desde 2003, tem sofrido com o fenômeno da desertificação. Contudo, para alguns, o problema erroneamente é tratado como seca local e momentânea, o que dificulta o oferecimento de tratamento condizente para a ocorrência. Em decorrência de seu agravamento em 2005, o governo estadual chegou a decretar em março daquele ano situação de calamidade pública, totalizando 417 decretos de situação de emergência". A constatação é de Patrícia Luciane de Carvalho, observadora da ONU junto à Conferência Internacional de Diversidade Biológica, professora de direito internacional e presidente do Instituto do Direito à Saúde em artigo publicado no jornal Valor, 17-3-06.

Segundo ela, "extrai-se das discussões na conferência que o processo de desertificação do pampa emergiu da grande perda de biodiversidade local, seja pelo uso abusivo do solo, seja pela agricultura ou pecuária, ocasionando mudanças que apenas serão superadas com a aplicação de grandes investimentos e só evitado através da conscientização da sociedade para o uso do meio ambiente voltado para a consecução de um desenvolvimento econômico e social sustentável". Confira as notícias diárias de 31 de março, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

### **Entre os generais e os islâmicos. Terminou o Fórum Social Mundial no Paquistão**

”Não surpreende que o Fórum Social Mundial tenha sido permitido e facilitado pelas autoridades de Karachi. Faz parte de um panorama mundial e ajuda os governantes retrógrados a se sentirem modernos”, afirma Tariq Ali, paquistanês, radicado na Inglaterra e diretor da New Left Review no artigo ”Entre gerais e islâmicos”, publicado no jornal italiano *Il Manifesto*, 29-3-06.

Segundo o intelectual, ”o evento não foi diferente dos outros. Milhares de pessoas, sobretudo do Paquistão com alguns delegados da Índia, Bangladesh, Sri Lanka, Coréia do Sul e alguns poucos outros países. Faltaram delegações dos crescentes movimentos camponeses da China ou da sua inteligência crítica. Também o Irã esteve pouco representado como a Malásia”.

”O que o Fórum Social Mundial realizado no Paquistão deixará?”, pergunta Tariq Ali.

Ele responde:

”Muito pouco além do espírito positivo e a satisfação de terem conseguido realizá-lo. Porque aqui a política é dominada por uma elite e o resto pouco importa. Pequenos grupos radicais agem mas não existe organização ou movimento a nível nacional que fale em nome dos oprimidos”. Para mais detalhes confira as notícias diárias de 31 de março, no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

## Frases da semana

”O presidente Geisel era um traidor, que chefiava um governo de centro-esquerda.” - Sylvio Frota, general, no livro *Ideais Traídos* onde dá a sua versão sobre os acontecimentos que culminaram na demissão do então ministro do Exército pelo presidente Ernesto Geisel, em 12 de outubro de 1977 - *Folha de S. Paulo*, 26-3-06.

”Quero que o país seja sensível ao que se avizinha. A primeira disputa será negociar aumento de preços com a Argentina e com o Brasil. Todos são maravilhosamente amigos até que se toquem seus bolsos e se diga que é preciso aumentar o preço. Aí vêm as piores coisas que se pode imaginar.” - Andrés Solíz, ministro boliviano de Hidrocarbonetos - *Valor*, 27-3-06.

”Alimentei a convicção de que Lula presidente surpreenderia a nação, adotaria outra gramática do poder, com assinatura própria, como fez no sindicalismo e, sobretudo, na política, ao criar um partido combativo e ético.” - Frei Betto, no livro recém-lançado *A Mosca Azul. Reflexão sobre o poder*, página 76.

”Lula teve, nos primeiros meses de seu governo, poder suficiente para promover a reforma agrária e a auditoria da dívida pública. Não soube aproveitá-lo.” - Frei Betto, no livro recém-lançado *A Mosca Azul. Reflexão sobre o poder*, página 89.

”Ficou provado que o lado mais fraco não é o de um simples caseiro: o mais fraco é o lado da mentira.” - Francenildo dos Santos Costa, caseiro - *Estado de S. Paulo*, 28-3-06.

”Para o mercado, a conclusão que se tira é que, em tempo de eleições, não existem



certezas, só previsões. E a previsão é que, desde 1989, nenhuma campanha promete ser tão suja quanto esta.” - Luis Nassif, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 29-3-06.

”Vamos ter campanha de muita confrontação, baixaria. Não vai ser uma campanha para o país se orgulha.” - Francklin Martins, comentarista político da CBN- 28-3-06.

”Em 1994, 1998 e 2002, Lula e Fernando Henrique fizeram um pacto de cavalheiros de não tocar em certos assuntos. É possível que depois dessas escaramuças cheguem de novo a um acordo.” - David Fleischer, cientista político, professor na UnB - *O Globo*, 29-3-06.

”Em frenética troca de telefonemas entre seus principais líderes, PSDB e PFL decidiram manter o governo sob fogo cerrado até outubro, quando o país vai às urnas” Josias de Souza, no seu blog na *Folha Online*, 28-3-06.

”Espero que o companheiro Guido Mantega honre sua origem acadêmica. Vou mandar o livro que é a tese de doutorado dele, em que ele defende claramente um novo projeto de desenvolvimento.” - João Pedro Stédile, da coordenação nacional do MST - *Zero Hora*, 29-3-06.

”Impressionante como durou pouco o nervosismo dos mercados brasileiros. Mesmo antes de o ministro Guido Mantega anunciar os nomes de Bernard Appy para a secretaria-executiva do Ministério da Fazenda e Carlos Kawall para o Tesouro, os mercados já estavam mais calmos.” - Sonia Racy, jornalista - *Estado de S. Paulo*, 31-3-06.

”O PSDB, tão combativo em Brasília, não deixa a Assembléia paulista investigar o ”mensalão” de Geraldo Alckmin. Aliás, não deixou instalar nenhuma CPI em todo o governo.” - Aloizio Mercadante - senador (PT-SP) - *Folha de S. Paulo*, 31-3-06.

# **IHU em revista**

<b>eventos</b>	<b>pg. 67</b>
<b>ihu repórter</b>	<b>pg. 70</b>
<b>Sala de Leitura</b>	<b>pg. 73</b>
<b>Carta do Leitor</b>	<b>pg. 74</b>

# Páscoa 2006. Cultura, arte e esperança

Uma agenda repleta de eventos preparatórios para a Páscoa. Assim está programada a semana de 3 a 8 de abril no Instituto Humanitas Unisinos. Confira a programação no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, endereço [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) e participe você também!

## Atividade Cultural

### Cantando sonhos e certezas – “Negro Spiritual”

Em 4 de abril, terça-feira, alunos da EST, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Althof, realizam o evento *Canto – Cantando sonhos e certezas – “Negro Spiritual”*. A apresentação acontece no Espaço Cultural 1 do IHU, das 18h45min às 19h30min. Para saber mais detalhes, leia a edição 173 da *IHU On-Line*, de 27 de março, disponível no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

## Jesus no Cinema

### A paixão de Jesus Cristo

Os professores doutores José Alberto Baldissera e Inácio Neutzling, diretor do IHU, comentam e conduzem o debate sobre o filme *A paixão de Jesus Cristo*<sup>100</sup>, dirigido em 2004 por Mel Gibson. A atividade, gratuita, ocorre em 5 de abril, das 16 às 19h, na Sala 1G119 do IHU.

---

<sup>100</sup> **A Paixão de Jesus Cristo:** O filme em questão foi discutido pela *IHU On-Line* na edição 91, de 8 de março de 2004, com tradução e publicação do artigo do intelectual esloveno Slavoj Zizek, intitulado *O credo da paixão descafeinada*, também publicado pelo sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) nesse mesmo dia. Na edição 92, de 15 de março daquele mesmo ano, foi publicada entrevista de Mel Gibson, de Jack Miles, teólogo, ex-jesuíta e renomado escritor, e de René Girard, antropólogo, conhecido autor do livro *O bode expiatório*, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

## **Audições Comentadas de Bach e Mozart**

### **A Páscoa Musical de J. S. Bach: O Oratório de Páscoa, BWV 249**

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, da UNESP, ministra três eventos no IHU esta semana. Trata-se de três audições comentadas sobre composições de Mozart e Bach. A primeira delas é o *IHU Idéias* de 6 de abril: *A Páscoa Musical de J. S. Bach: audição comentada do "Oratório de Páscoa" BWV 249*. Anote na sua agenda: 6 de abril, das 17h30min às 19h, Sala 1G119 do IHU. A entrada é franca. Conheça mais detalhes sobre as audições de Bach e Mozart na entrevista de capa desta edição, concedida com exclusividade pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok à *IHU On-Line*.

### **A Paixão de Cristo segundo São João, BWV 245, de J. S. Bach**

Em 7 de abril, das 8h30min às 12, a audição comentada é sobre a *Paixão de Cristo segundo São João, BWV 245*, também de Bach. Anote e compareça: é na Sala 1G119, com entrada franca a toda comunidade acadêmica.

### **Missa em Dó Menor, de W. A. Mozart**

Na manhã de sábado, 8 de abril, a Prof.<sup>a</sup> Yara fará a audição comentada sobre a *Missa em Dó Menor*, de Wolfgang Amadeus Mozart. O horário é das 8h30min às 12h, na Sala 1G119 do IHU.

# Retiro Universitário

A equipe do Atendimento Espiritual do IHU promove, de 7 a 9 de abril, um *Retiro para Universitários*. O encontro está marcado para iniciar às 19h do dia 7, na Avenida Unisinos, nº 750, em São Leopoldo. As atividades encerram-se no domingo, também às 19h. Maiores informações no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

## II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

### **O Capital, de Karl Marx (1818-1883)**

O Prof. Dr. Enéas Costa Souza, da FEE, é o palestrante do *II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, cujo autor em análise é Karl Marx. O objetivo é estudar melhor os capítulos 1 e 2 de *O Capital*, obra fundamental do autor, que viveu de 1818 a 1883. Sobre o assunto, Enéas concedeu entrevista à *IHU On-Line* 172, de 20 de março de 2006. Participe! É dia 5 de abril, das 19h30min às 22, na Sala 1G119 do IHU.

### Vera Regina Röhnelt Ramires



Sempre soube que queria trabalhar com pessoas. Quando ingressou no curso de Psicologia teve a certeza que dedicaria sua carreira ao estudo do comportamento humano e de seus processos psíquicos. Dos mais de 20 anos de profissão, trouxe importantes experiências que são fundamentais para enriquecer sua carreira acadêmica. Apaixonada pelo que faz, seu grande desafio no momento é consolidar o novo programa de pós-graduação em Psicologia da Unisinos, cujas aulas iniciam em maio. Não duvidamos do sucesso, afinal o que fica, mais uma vez, é a certeza de que o que é feito com amor e dedicação e temperado com talento sempre terá um resultado irrepreensível. Vamos conhecer um pouco mais da história de Vera Regina Röhnelt Ramires, coordenadora do novo mestrado em Psicologia da Unisinos.

**Origens** – Nasci e moro em Porto Alegre. Meu pai trabalhava no departamento de seguros do antigo Banco Sulbrasileiro (depois Meridional e depois Santander), e minha mãe também trabalhava na área até casar. Depois do casamento, dedicou-se apenas à família. Sou a mais velha de três irmãs. Seguimos áreas diferentes, minha irmã do meio é bióloga e leciona na área, e a caçula é engenheira civil. Escolhi psicologia muito cedo, quando ainda estava no ginásio. Sempre me interessei pelas profissões da área das ciências humanas e depois que entrei para a universidade e conheci melhor o curso me certifiquei de que havia feito a escolha certa.

**Família** – Esse cuidado e a importância que sempre dei aos relacionamentos se devem à atenção que recebi da família. Minha família é muito unida e as pessoas se apóiam quando há necessidade. Sempre tivemos o hábito de nos reunirmos com a família mais extensa, como tios e primos. A família de meu pai, Telmo, é mais séria, mais reservada, as pessoas são mais contidas. A de minha mãe, Norma, é muito mais expansiva, alegre e barulhenta. Acho que herdei características das duas, essa inclinação por estar com pessoas, por valorizar muito essa possibilidade de interagir vem da família de minha mãe. Mas também sou uma pessoa reservada, quieta e observadora. Fui casada e me separei quando meu filho era pequeno, hoje ele tem 17 anos e cursa Realização Audiovisual, aqui na Unisinos. Desde pequeno, ele desenvolveu um grande interesse pelo cinema (nós íamos muito), teatro e também pela leitura. O interesse pela área, então, surgiu naturalmente e à medida que estes cursos foram sendo lançados ele foi acompanhando as universidades e optou pelo currículo da Unisinos.

**Profissão** – Entrei para a universidade aos 18 anos. Fiz a graduação na UFRGS, mais tarde me especializei em Psicoterapia Psicanalítica, fiz mestrado em Psicologia na PUCRS e o doutorado em Psicologia Clínica na PUC de SP. Tenho uma experiência grande em consultório e penso que isso é fundamental para a carreira acadêmica, são dois mundos distintos e complementares. O trabalho como professora no curso e agora no mestrado em Psicologia se vê muito alimentado por essa experiência clínica que se pode desenvolver fora da universidade, seja no consultório ou em outros espaços de intervenção no campo da Psicologia. Acho que eu não seria professora da mesma forma se eu não tivesse essa experiência que também alimenta e enriquece a atividade acadêmica.

**Desafio profissional** – Acredito que o novo mestrado venha para preencher um espaço importante. Existem poucos programas de pós-graduação em Psicologia na região Sul, grande parte se concentra no Sudeste e em outras regiões do Brasil. Penso que a Unisinos possa dar uma contribuição importante nesse sentido e colaborar com a geração de conhecimento e enriquecimento da pesquisa em nossa região e, num futuro próximo, acreditamos que também possa contribuir num cenário mais amplo. O nosso curso de Psicologia é o segundo mais antigo do Estado e este ano completa 35 anos, é importante avançarmos, ocupando um espaço no nível da pós-graduação. Trabalhar pela consolidação do PPG é meu desafio maior neste momento. Meus esforços estão sendo canalizados para que esse programa seja implantado com sucesso e possa se consolidar num curto espaço de tempo.

**Horas livres** – Gosto de ir ao cinema, teatro, de ler e jantar fora. Sair para conhecer lugares e restaurantes diferentes. Sempre que é possível, eu gosto de viajar.

**Viagem marcante** – Impressiona-me muito a Europa. Fiz uma viagem por cinco países, França, Espanha, Áustria, Suíça e Itália. Fiquei encantada e quero voltar outras vezes. Acho fantástica a história desse continente e a possibilidade de aprendê-la em vários lugares que se visita. Há todo um peso dessa trajetória de séculos de História.

**Presente** – Livros, CDs, DVDs.

**Autor** – Gabriel García Márquez, Isabel Allende e Erico Verissimo.

**Livro** – *Paula*, de Isabel Allende (11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003). O livro é formado por cartas que Isabel escreve a filha, portadora de uma doença muito grave que a deixou em coma muito tempo e a levou à morte. Durante a doença, ela escrevia uma espécie de diário, resgatando memórias da família e a trajetória política do país. Assim ela vai entrelaçando acontecimentos importantes do contexto do Chile e da família, contando histórias para que Paula lesse quando acordasse. É um livro muito humano, muito tocante.

**Filme** – *Retratos da Vida*, de um diretor francês chamado Claude Lelouch. Ele acompanha a trajetória de quatro famílias, uma da Rússia, uma da Alemanha, uma da França e uma dos EUA, antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, resgatando suas histórias ao longo de três décadas. Outro filme de que gostei bastante, como professora, foi *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir, que mostra um professor de literatura que chega a uma escola muito rígida, tradicional e tenta mudar a dinâmica de aprendizagem dos alunos,

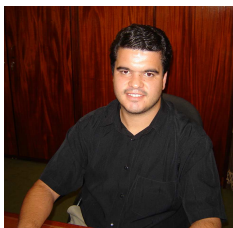
quer ensiná-los a pensar, e incentivá-los a ter autonomia na vida e não desistir da busca dos sonhos e ideais.

**Unisinos** – Comecei a trabalhar aqui em 1986 e fiquei durante dois anos, me afastei e voltei em 1995. Desde então, estou bastante envolvida com a Universidade em todas as dimensões, tanto no ensino como na pesquisa e também na extensão. Trabalhei na Extensão, hoje Ação Social, durante os 10 últimos anos, além da pesquisa e do ensino na graduação e na especialização. Pensando nos últimos 10 anos, antes de falar no momento atual, uma das coisas que mais me tocou e me marcou sempre na Unisinos é a quantidade de oportunidades que ela oferece, que abre portas para quem quer investir na carreira e se dedicar. Essa possibilidade de abrir novos caminhos, propor novos projetos e novas frentes de trabalho é muito característico da Unisinos e faz as pessoas se envolverem, marcando sua carreira acadêmica. E, apesar das dificuldades e adversidades do momento atual, a possibilidade de encaminhar o projeto de pós-graduação, que já foi aprovado e vai começar em maio, inaugura uma nova etapa na área de conhecimento da Psicologia, é muito importante e gratificante participar desse processo.

**Instituto Humanitas Unisinos** – Admiro muito o trabalho do Instituto Humanitas. Ele tem um papel fundamental no sentido de promoção dos valores e dos princípios do Humanismo Social Cristão. Acho de muita qualidade tudo aquilo que é proposto e discutido semanalmente. Fico impressionada com o fôlego demonstrado para a organização e promoção de eventos, ciclos de estudos, debates e publicações, todos de altíssimo nível. Acompanho regularmente a revista. Gostaria de ter mais tempo para poder usufruir e aproveitar tudo o que é oferecido à comunidade acadêmica.



## Sala de Leitura



No momento estou lendo *A Cultura do Novo Capitalismo*. Richard Sennett<sup>101</sup>. São Paulo: Record, 2006. No livro, o autor consegue fazer uma leitura da complexa realidade atual, de forma bastante didática e acessível. Mostra que o capitalismo não apenas tem continuidade. Ele se configurou em um novo sistema, renovando sua cultura e suas práticas. Marca deste fato é a forma como as empresas se desprenderam totalmente dos estados, dando a globalização dimensões maiores que apenas a de mais um capítulo na história do imperialismo. Novo sistema que obriga as pessoas a abandonarem suas histórias, a improvisarem constantemente as narrativas de suas vidas, se desfazendo de experiências e do passado em nome da adaptabilidade e da flexibilidade. Assim, dá à vida humana uma superficialidade que deixa como marcas a insegurança e o medo de todos nos tornarmos supérfluos, a qualquer momento. Tudo sem devolver o direito à liberdade. Portanto, causa enormes traumas sociais e afeta espaços de trabalho e o cotidiano das pessoas. Neste cenário pessimista, Sennett tenta apontar formas de resistência. Penso que o autor, dentro das limitações comuns a todos, retratou brilhantemente a conjuntura atual, merecendo atenção de diferentes áreas do conhecimento.

**MS Lucas Luz – integrante do Projeto tecnologias Sociais para Empreendimentos Sociais – Diretoria de Ação Social e Filantropia da Unisinos e Instituto Humanitas Unisinos - IHU**



Estou lendo o Livro: *Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você deve saber sobre mídia* Pedrinho A Guareschi e Osvaldo Biz. Petrópolis: Vozes, 2005. O livro é oportuno porque nos leva a pensar sobre o poder que a mídia tem de formar/manipular a opinião pública. Quem coloca a agenda dos temas discutidos no cotidiano é a mídia (tv, jornal, rádio, mas principalmente a tv). Diante do poder onipresente da mídia a saída está na formação de pessoas capazes de receber criticamente as informações/manipulação que nos chegam via mídia. A escola tem o compromisso de produzir um processo de alfabetização para mídia, pelo debate, pela reflexão, pela análise dos valores, pela visão de mundo, de sociedade e de ser humano que nos é apresentado no dia-a-dia. A cidadania no atual momento cultural relaciona-se também com a capacidade que as pessoas têm de interpretar criticamente a realidade que a mídia cria ou tenta criar como sendo a única possível. Ser cidadão hoje é ser capaz de decifrar o poder enigmático da mídia. O texto é recomendável para todos, mas principalmente para educadores/as que acreditam que, com conscientização, é possível construirmos uma sociedade melhor para todos.

**Prof. MS Sérgio Trombetta – professor na área de Ciências Humanas, na Unisinos.**

---

<sup>101</sup> **Richard Sennett:** Do sociólogo americano a *Revista IHU On-Line* edição nº 170, de 6 de março de 2006, publicou a entrevista *O triunfo da superficialidade*, também veiculada no sítio do IHU [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) em 2 de março deste ano, juntamente com uma resenha do jornalista José Castello. (Nota da *IHU On-Line*)

## Cartas do Leitor

Prezados senhores:

Recebi uma cópia do IHU On-Line de 20 de março, sobre o tema **Há vida fora da Terra? As contribuições da exobiologia**, e escrevo para parabenizá-los pela qualidade editorial e gráfica do documento. Sua equipe realizou um belíssimo trabalho sobre o tema, que eu saiba um dos melhores já produzidos em meio acadêmico, no país.

Como editor da Revista UFO, uma publicação especializada em ufologia, e por isso também interessada em exobiologia, gostaria de solicitar autorização para veicular em nossas edições e em nosso site -- [www.ufo.com.br](http://www.ufo.com.br) -- algumas das entrevistas e textos contidos no documento, certamente com menção por completo da fonte.

Aguardo sua manifestação e cumprimento-os novamente pela excelência de seu trabalho.

A. J. Gevaerd,  
Revista UFO Brasil  
[www.ufo.com.br](http://www.ufo.com.br)

Agradeço o recebimento da Revista IHU On-Line, excelente como sempre.  
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia – UFSC

## Errata

Na edição número 172 da *IHU On-Line*, de 20 de março de 2006, na entrevista realizada com Emanuele Kunh, intitulada “A microbiologia como modelo de reconhecer a vida”, está escrito “A microbiologia no Brasil está começando agora”. Ao invés dessa frase, deve-se ler “a astrobiologia no Brasil está começando agora”.

Ainda na introdução da mesma entrevista, o nome correto do lugar da pesquisa realizada pela equipe é Ilha Rei George.